O SOCIALISMO NA TERRA DE MARX

RDA HOJE

IVAN GODOY

EDITORA
ALFA-OMEGA

BIBLIOTECA ALFA-OMEGA DE CULTURA UNIVERSAL

Série 2ª — Volume 40

Coleção
Atualidade

Direção
Fernando Mangarielo
(editor)

IVAN GODOY

O socialismo na terra de Marx

RDA hoje

Edição Ilustrada

EDITORA ALFA-OMEGA
SÃO PAULO
1986

Planejamento gráfico e produção
Ariston Lucena

Capa
Jayme Leão

Diagramação caderno de ilustração
Celso Calixto Rios

Revisão
Jesus Antonio Pugliesi
Ariston Lucena

Composição
Gazeta Mercantil

Impressão
Artes Gráficas Guaru

Direitos reservados
EDITORA ALFA-OMEGA LTDA.
Rua Lisboa, 500 Tel. (011) 852-6400
05413 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Tábua geral da matéria

Sobre o autor 7
1. A Chegada 9
2. Lembranças da guerra 21
3. O Muro de Berlim 31
4. Universidade sem vestibular 37
5. No campo de concentração 47
6. A porta da Babilônia 55
7. Berlim 59
8. Campos e bosques 63
9. Dresden 69
10. A fábrica Planeta 77
11. O Zwinger 87
12. Leipzig, Bach e Goethe 95

Sobre o Autor

IVAN GODOY, jornalista, nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Atualmente reside em Brasília. Especializou-se em questões internacionais, como resultado, realizou várias reportagens em países da Europa, Oriente Médio e América Latina. Vale destacar as reportagens sobre a Nicarágua, Cuba e a guerra Irã-Iraque.

Entre as personalidades entrevistadas por ele, figuram os presidentes Daniel Ortega (Nicarágua), Julio María Sanguinetti (Uruguai) e León Sebres Cordero (Equador).

Entrevistou também ministros e autoridades de diversas nações.

1.
A Chegada

"Atenção, você está deixando a Zona Americana." A advertência aparece na placa, indicando a proximidade do *Check-point* Charlie, um dos mais conhecidos locais de passagem para Berlim Oriental. Enquanto carrego as maletas em direção ao posto fronteiriço sinto o cansaço da viagem que me trouxe de Tessalônica, na Grécia, para Berlim Ocidental, trocando de avião em Frankfurt.

Após alguns minutos, entro numa pequena fila para controle do passaporte. O visto de turista pode ser colocado na hora, com o pagamento de uma taxa modesta, mas eu já tinha visado o meu documento na Embaixada alemã-oriental em Brasília. Depois das primeiras formalidades, passo pela alfândega. Uma policial examina rapidamente minhas maletas repletas de livros, *posters* e outras lembranças gregas. Mais alguns momentos e já estou do outro lado.

De acordo com o combinado, alguém deveria me receber às 16h00, naquele local. Conhecendo a famosa pontualidade alemã, não me atrasei nem um minuto. Mas o tempo começa a passar, o frio a aumentar e minha paciência a se esgotar. Já são 17h30 e nada. Decido trocar meus *Deutsches Marks* (da RFA), por moeda local. Na agência bancária situada junto ao posto fronteiriço me indicam onde posso telefonar.

Ainda espero um pouco mais. Estou rodeado de casas velhas e cinzentas, que se tornam ainda mais tristes ao cair da noite. Decido caminhar um pouco e chego a uma grande avenida, de prédios modernos e anúncios luminosos. Com uma moeda de 20 *pfennig*

(1 marco = 100 *pfennig*) telefono, mas ninguém responde na Panorama DDR, a agência de imprensa que seria minha anfitriã.

Volto ao *Check-point* Charlie e, ajudado pelos funcionários alfandegários tento novo contato telefônico, mas o resultado também é infrutífero. Finalmente recomendam-me passar a noite no hotel Metropol e localizar meus anfitriões no dia seguinte.

Situado na Friedrichstrasse, uma das principais ruas da cidade, o Metropol é um cinco estrelas com todas as comodidades. A diária custa 140 marcos da Alemanha Federal e o carro que me levou até lá, pertencente ao hotel, também é pago com moeda ocidental. Depois de um prolongado banho, ligo a televisão e deparo com a curiosa realidade de Berlim. Na capital da Alemanha Oriental você pode ver três canais do lado ocidental e dois da parte comunista. Aliás, o mesmo ocorre na maioria das cidades da República Democrática Alemã. É mais um aspecto da competição existente entre os dois Estados germânicos. A grande diferença entre as estações é a inexistência de comerciais na TV da RDA. Quanto à qualidade, apesar do charme capitalista da Alemanha Ocidental, não há grandes desníveis. Segundo me comentaram depois, essa convivência forçada na telinha fez com que o lado comunista se esforçasse por melhorar a programação dos seus canais, com os bons resultados que pude constatar. Na verdade, o que mais se vê são filmes, noticiários e programas musicais.

Às 21h00 o telefone toca. É Paul Ruschin, da agência Panorama, chateadíssimo com o desencontro na minha chegada. Desço ao *hall* e ele explica que esteve umas duas horas me esperando noutro ponto fronteiriço, por engano. Pede mil desculpas e diz que conseguiu me localizar na base da intuição: certamente o pessoal da alfândega me orientaria a ir ao Metropol, um dos hotéis preferidos dos turistas e homens de negócios estrangeiros que vão a Berlim.

Ruschin fala um espanhol perfeito e é profundo conhecedor da América Latina. Sexagenário, sua pele queimada contrasta com a intensa palidez dos alemães nesse início de inverno. "É o resultado de minhas férias na Hungria. Peguei muito sol e o bronzeado dura até agora" – explica, rindo. Conversamos sobre os lugares que deverei visitar na RDA e sobre suas experiências latino-americanas. Ele foi um dos primeiros professores alemães-orientais a ir a Cuba, após o triunfo da Revolução de Fidel Castro e lembra com carinho sua presença na ilha, a dificuldade para se adaptar à "pontualidade" dos trópicos, onde a noção de tempo é bem diferente da rigidez germânica. Aliás, me informa que o trabalho na Panorama termina pontualmente às 17h00, todos os dias, e porisso ninguém respondeu quando liguei para lá. Combinamos que no dia seguinte iniciaria minhas atividades e mudaria para o hotel onde tinham feito a reserva.

O combinado era às 8h30, mas às 8h15 Paul já se encontrava no *hall*. Para um brasileiro é, às vezes, difícil a adaptação a horários tão estritos, mas consegui não chegar tarde a nenhuma visita, entrevista ou encontro informal, durante a viagem à Alemanha Oriental. Com um pouco de esforço você consegue acompanhar o ritmo de vida dos alemães, que dão uma importância enorme à pontualidade. É fácil constatar isso no transporte público. Se a placa diz que o ônibus passa às 9h36, não tenha dúvida: a essa hora exata o veículo pára no ponto. O mesmo ocorre com funções de teatro, programas de televisão, e uma infindável lista de atividades, em todas as esferas.

Paul me apresenta a intérprete, Kathryn Golka, e o chofer, Wolfgang Müller. A tradutora é uma jovem loura e magra, que se formou em Língua Portuguesa na universidade. Fala com um típico sotaque lusitano. O chofer não chega aos trinta anos, e também é louro, com o rosto avermelhado muito comum no país. Às 9h00 sou recebido pelo vice-diretor da Panorama, Friedrich-Karl Boetzel. É um jornalista dinâmico, que me parece jovem para a alta função que desempenha. Ele me dá as boas-vindas e fala sobre o funcionamento da agência, que se especializa em comentários e não no noticiário do dia-a-dia. Os temas são os mais variados, abrangendo a vida na Alemanha Oriental e suas posições na política externa. Explico que, dependendo do material obtido, posso fazer reportagens ou até um livro sobre a RDA. Boetzel se coloca à minha disposição para uma conversa mais prolongada no final da visita, quando certamente estarei interessado em esclarecer dúvidas que surjam, sobre o país. Após o encontro, Paul me mostra algumas das dependências da agência e me libera para minha segunda atividade do dia: a visita à casa do dramaturgo Bertolt Brecht.

A casa onde Brecht viveu de 1953 até sua morte, em agosto de 1956, encontra-se na Schaussestrasse, 125 (*strasse* quer dizer

rua, em alemão). É uma bela residência, ampla, que dava ao dramaturgo todo o ambiente de que necessitava para a criação. Acompanhado da intérprete visito a biblioteca, com mais de 3500 volumes sobre filosofia, arte, literatura clássica alemã e francesa, romana e grega, ciências naturais e temas asiáticos além de, naturalmente, muita coisa sobre teatro. Na sala, máscaras japonesas nas paredes, usadas no teatro No.

A casa era perfeita para Brecht. Ele só podia trabalhar numa sala ampla, precisava andar e trocar idéias com outras pessoas. A conversa com os amigos o inspirava, pois gostava de submeter suas obras à opinião alheia, admitindo alterações e sugestões. Brecht cultivava o pensamento lógico e admirava os romances policiais, especialmente os que tinham como personagem Sherlock Holmes, possuindo a maioria dos livros de Conan Doyle.

A residência de Schaussestrasse fica perto do Berliner Ensemble, o teatro onde ele pôde levar à prática suas idéias sobre o "distanciamento", ou seja, conseguir do espectador uma visão crítica da obra em cena. Brecht queria que o público não fosse um receptor passivo, mas que raciocinasse, que depois da função lembrasse o que tinha visto e a mensagem transmitida pelos atores. Para isso, o espectador não deveria envolver-se demais, emocionalmente, com a obra.

O grande dramaturgo contou com a cooperação de sua esposa Helene Weigel, com a qual se casara em 1929. Ambos passaram muitos anos no exílio, durante o regime nazista. Só voltaram à Alemanha Oriental na década de 50. Em todo o período em que estiveram no exterior, principalmente nos Estados Unidos, Helene não representou como atriz, por considerar que seu inglês não era correto. Mas ao voltar, cinqüentona, a Berlim, passou a atuar nas peças brechtianas, tendo feito, entre outros, o papel de Mãe Coragem, na famosa obra que é um verdadeiro poema contra a guerra.

Um fato curioso é que Helene Weigel era uma grande colecionadora de utensílios domésticos. Pude ver muitos desses objetos na casa. Ela morou lá até a morte, em 1971. Depois que Brecht morreu, em 1956, Helene dirigiu o Berliner Ensemble e organizou um arquivo da obra do marido.

A residência foi restaurada em 1978. Atualmente abriga o Centro Brecht da República Democrática Alemã (*DDR – Deutsche Democratische Republik* – nome correto da Alemanha Oriental), que inclui as dependências onde morou o casal, um arquivo praticamente completo, salas de projeção e debates e uma livraria, ao lado, dedicada à obra brechtiana.

Werner Hecht é o responsável pelo centro e me informa que está sendo preparada uma coleção de obras do escritor em trinta volumes, em colaboração com a Alemanha Ocidental. Ele destaca os contatos com dramaturgos, atores e estudiosos de todo o mundo, inclusive brasileiros. Lembra que as peças do dramaturgo alemão foram proibidas pelas ditaduras de Franco e de Salazar e continuam vetadas no Chile de Pinochet. Aliás – assinala –, os portugueses conheceram essas obras através de livros publicados no Brasil. O centro tem um jornal que destaca estudos sobre Brecht e montagens de suas peças, além de divulgar os seminários que se realizam a nível internacional.

A casa está situada exatamente ao lado de um antigo cemitério, onde foram sepultados Brecht e sua esposa. Passo rapidamente no local. A terra muito negra contrasta com as folhas amarelas que caem das árvores. Posso ver o túmulo de Hegel, o pai da dialética; o do também filósofo Fichte e o do escritor Heinrich Mann, gênios que a Alemanha deu ao mundo.

Da casa de Brecht vou diretamente para meu novo hotel, o Unter den Linden, situado na rua do mesmo nome, a mais famosa de Berlim. A tradução de Unter den Linden é "sob as tílias", devido a essas árvores tipicamente européias, plantadas no século XVII. Ali se encontram algumas das edificações e vários dos monumentos de maior significação na história alemã.

Durante toda a manhã, minhas maletas permaneceram no porta-malas do carro e não deixei de manifestar minha apreensão e o temor a um roubo. Mas pude comprovar que os furtos são raros na Alemanha Oriental e os assaltos à mão armada, inexistentes. Diversas vezes deixei objetos de valor nos quartos de hotel e nunca desapareceu nada.

O programa final da tarde foi a visita ao Palácio de Recreação e Esportes. Nessa época do ano, novembro, escurece cedo em Berlim e às 5h00 já está anoitecendo. A chuva é forte, mas temos que deixar o carro a certa distância e atravessar a rua com cuidado para não sermos atingidos pelos bondes e por outros veículos. O Palácio é uma estrutura gigantesca, de linhas arrojadas e paredes de vidro. Estou tremendo de frio e molhado, mas ao entrar no edifício sinto uma temperatura agradável, quase tropical: o sistema de calefação é simplesmente perfeito.

O que mais chama a atenção é uma imensa piscina, com água aquecida, onde centenas de banhistas parecem esquecer que o inverno já está começando. Além da piscina principal há

outras menores, para saltos, para deficientes físicos, para crianças pequenas etc. Inclusive há uma com ondas artificiais, para matar as saudades da praia. Junto às piscinas há um solário, onde lâmpadas dão um bronzeado artificial, além da sauna para uso familiar ou individual.

Muitos esportes podem ser praticados no Palácio: vejo quadras de vôlei, basquete, *badminton* e outras modalidades. Qualquer cidadão tem acesso às instalações, pagando uma pequena soma, 50 *pfennig*, ou seja, meio marco. Os aposentados só pagam 20 *pfennig*, uma quantia insignificante. Antes de começar a prática esportiva o visitante é submetido a um exame por médicos especializados, que analisam suas condições de saúde e acompanham posteriormente a evolução de sua forma física.

Estas facilidades concedidas pelo Estado talvez expliquem os bons resultados internacionais obtidos pelos atletas alemães-orientais, surpreendentes num país com menos de dezessete milhões de habitantes. A prática do esporte pela maioria da população, além de contribuir à preservação da saúde, faz surgir inevitavelmente numerosos campeões, principalmente quando a juventude, desde a educação primária, pode desenvolver suas aptidões.

Além do esporte, as atividades recreativas também estão presentes no Palácio. O berlinense pode patinar no gelo e divertir-se com os amigos em mesas de bilhar ou canchas de boliche. Shows musicais são apresentados à noite, inclusive rock à beira das piscinas, com todos dançando e dando seus mergulhos. Igualmente, há espaço para o teatro e diversos restaurantes, lanchonetes e bares.

Quando saio do imenso edifício, inaugurado em 1981, a chuva já parou. No hotel me espera o último compromisso desse primeiro dia de atividades na República Democrática Alemã: um jantar com o sr. Ziegler, representante da União de Jornalistas da RDA.

Ziegler é um homem simpático, trinta e poucos anos, que fala um português perfeito, com acento lusitano. Conhece a América Latina e já esteve em Portugal. Falamos sobre temas variados até tocarmos no assunto principal: a imprensa na Alemanha comunista. Ele me explica que os jornais e revistas pertencem a partidos políticos, sindicatos e organizações de massas, entidades religiosas etc. Porém, não existem órgãos em mãos da iniciativa privada. A imprensa pode fazer críticas, mas não oposição sistemática ao regime socialista existente no país. Pergunto porque não se permite que a direita anti-comunista tenha direito a publicar jornais e revistas. De acordo com Ziegler, o regime socialista significou uma transformação da mentalidade do povo na RDA e a eliminação das idéias nazistas e militaristas. Portanto, não há segmentos sociais expressivos favoráveis a posições direitistas e frontalmente contrários ao socialismo. Isto, de acordo com ele, não quer dizer que todos tenham idéias semelhantes. Há, por exemplo, um partido democrata-cristão, com jornais e revistas próprios que, no entanto, aceita a existência do regime socialista, como garantia de que sistemas como o nazismo nunca voltarão ao solo alemão. Ideologicamente, existem divergências entre esse partido e o PSUA, Partido Socialista Unificado da Alemanha, mas há concordância em relação aos grandes objetivos nacionais. Argumento que, do ponto de vista ocidental, a liberdade de imprensa está limitada no país. Ziegler rebate que, no capitalismo, essa liberdade não é real, porque os grandes órgãos de imprensa geralmente estão nas mãos do empresariado e defendem seus interesses.

Recebo mais dados sobre os jornais na RDA: o principal é o *Neues Deutschland*, órgão oficial do Partido Socialista Unificado, com uma tiragem diária de um milhão e cem mil exemplares. Existem outros 38 jornais e cerca de quinhentas publicações semanais ou mensais. Quanto à TV, há duas redes que estão no ar 140 horas por semana. Comento o fato da TV da Alemanha Ocidental poder ser vista no país. Ziegler revela que além dos três canais da RFA serem captados em quase todo o território alemão-oriental, qualquer radinho de pilha pode pegar umas cinqüenta estações de rádio estrangeiras, a maioria transmitindo na própria língua germânica e, em grande parte, com notícias e comentários contrários ao regime comunista. Portanto – garante – o cidadão da República Democrática Alemã tem acesso, queira ou não, a todas as correntes ideológicas, "inclusive o anti-comunismo mais ferrenho". Acrescenta que um terço das emissões de TV da própria RDA são produções estrangeiras, metade das quais de procedência ocidental.

Antes de terminar a conversa, falamos de questões pessoais e Ziegler me revela que tem, em parte, origem judaica. Interesso-me por saber se isso não lhe cria alguns transtornos, no trabalho ou no convívio diário com os outros alemães. Ele diz que na RDA ser judeu não é problema, pois a mentalidade mudou muito desde a época de Hitler.

Após as despedidas, recolho no *hall* alguns jornais, que estão

à disposição dos hóspedes. São publicações da RDA, como o *Neues Deutschland*, e jornais de outros países, pertencentes aos PCs respectivos: *L'Humanité*, da França; *Morning Star*, da Grã-Bretanha, e *L'Unità*, da Itália.

Quarta-feira, às 9h00, visito a ADN — *Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst*, a agência de notícias oficial da Alemanha Oriental. Sou recebido por Peter Wendt, um dos responsáveis pela transmissão de informações para a América Latina e depois, pelo diretor-adjunto de Relações Internacionais, Hans Schütt. Este faz uma panorâmica das atividades da ADN, que conta com 1350 jornalistas e correspondentes em setenta países, entre eles o Brasil. A agência tem acordos comerciais ou de intercâmbio com setenta empresas noticiosas e fotográficas do exterior, entre elas a France Presse, a Associated Press, a alemã-ocidental DPA, a Reuter, a UPI e a Tass. Schütt destaca o trabalho conjunto com 37 agências da Ásia e da África. A ADN foi fundada em 1946, pouco depois do final da Segunda Guerra Mundial, quando não havia nenhuma entidade semelhante na zona de ocupação soviética, com a extinção do Bureau Alemão de Informações, DNB, órgão de propaganda nazista. Em 1956, a ADN incorporou a agência fotográfica Zentralbild, o que fortaleceu consideravelmente sua estrutura.

Realmente, o que mais me impressionou veio depois: a visita ao departamento fotográfico, acompanhado pelo seu chefe, o Dr. Heinz Frotscher. São milhões e milhões de negativos e fotos, muitos até do século passado. "A história alemã está documentada aqui" — comenta Frotscher. Ele me confidencia que, entre outros materiais raros, o departamento conserva milhares de fotos dos arquivos nazistas, que ficaram em poder da ADN. E me mostra algumas peças mais valiosas ou, pelo menos, curiosas: o registro do primeiro automóvel que andou em Berlim, fotos dos revolucionários de 1918, que depuseram o *kaiser*, crimes das tropas nazistas, cenas dos primeiros anos da República Democrática Alemã. "Muitos historiadores e personalidades de diversos países pedem a nossa ajuda" — afirma, com uma ponta de orgulho.

O almoço é no restaurante Zille, na Alexanderplatz, uma praça muito freqüentada pelos berlinenses e estrangeiros. Lá se encontram o relógio internacional, que indica a hora nas cidades mais importantes do mundo, e a Fonte da Amizade dos Povos. O edifício dominante da praça é o Interhotel Stadt Berlin, de 123 metros de altura, que pode alojar dois mil hóspedes em seus trinta andares.

O restaurante, no estilo da antiga Berlim, homenageia o pintor Zille, que retratou os bairros operários da capital alemã entre 1890 e 1925. O local está decorado com gravuras da cidade no século passado. Ocupo a mesa com Paul e a intérprete, e lá também se sentam duas senhoras de mais de setenta anos. Peço cervo assado, prato típico alemão nesta época, pois no outono são caçados esses animais. Acompanhando o prato principal, bebo uma estranha cerveja de cor avermelhada e sabor adocicado, num cálice exageradamente grande, em que cabe mais de um litro da bebida. Um fato me chama a atenção: a presença de militares norte-americanos no restaurante. Depois constato que isso é comum na capital da Alemanha comunista. Os soldados e oficiais ingleses, franceses e dos Estados Unidos podem andar livremente pela cidade, fardados, embora sem portarem armas.

Despeço-me de Kathryn, a intérprete, cuja ajuda é desnecessária, em vista de que me comunico perfeitamente em espanhol com Paul Ruschin. Depois faço algumas compras numa loja de departamentos, lá perto. O vestuário e o calçado são muito baratos, mesmo fazendo a conversão para a nossa moeda. Compro um par de sapatos, presentes para a família e um casaco simples. Na verdade, os ternos que trouxe do Brasil não me permitem mais enfrentar o frio que chega a zero.

Os militares ocidentais também são atraídos pelos baixos preços. Na verdade, muitos atravessam a fronteira somente para fazer compras de roupas e sapatos, com preços bem mais em conta do que em Berlim Ocidental. Vi uma norte-americana fardada, escolhendo um vestido na loja. A variedade e a qualidade dos produtos me fez constatar o que já tinha ouvido: a Alemanha Oriental é um país de alto nível de vida que ocupa, talvez, o primeiro lugar no Bloco Comunista, quanto aos bens de consumo à disposição.

Um fato pouco conhecido é que a iniciativa privada ainda existe na RDA, especialmente no comércio, onde há 29 mil lojas particulares. Elas são reconhecidas facilmente por levarem o nome do proprietário. Já as empresas estatais têm, diante do seu nome, a sigla VEB — Empresa de Propriedade do povo. Também há firmas que trabalham num sistema misto, recebendo uma concessão do Estado. Na área do comércio, há dez mil empresas nessa situação. Quanto aos restaurantes, dos 34 mil existentes dois mil são privados e oito mil trabalham dentro do sistema de concessões. De 1976 a 1981, o volume de negócios dos comer-

ciantes privados ou concessionários, assim como dos proprietários de restaurantes, subiu de 7 bilhões e 800 milhões para 11 bilhões e 700 milhões de marcos. Trata-se de um aumento real, porque os preços dos artigos de primeira necessidade se mantêm estáveis. Existem, igualmente, pequenas firmas particulares na fabricação de alimentos e na prestação de serviços. No entanto, as grandes empresas, tanto na agricultura e na indústria, como no comércio, pertencem ao Estado ou a cooperativas. Estas últimas embora não sejam estatais, tampouco podem ser consideradas privadas, porque os seus trabalhadores são os proprietários.

À tarde, visito *Horizont*, um semanário dedicado a temas internacionais. O editor-chefe substituto, Dr. Heiner Winkler, é um especialista na questão das matérias-primas e autor de um livro, já esgotado, sobre o assunto. Falamos sobre o aproveitamento do álcool como combustível no Brasil, tema que acompanha com muito interesse. *Horizont* parece ser uma publicação realmente de peso e inclui artigos sobre países tão pouco conhecidos como o Butão e a Papua-Nova Guiné, além de reproduzir trabalhos da imprensa ocidental, especialmente de jornais europeus. Segundo Winkler, a procura é tão grande que os jornaleiros sempre escondem alguns exemplares para os amigos. Parte da tiragem é vendida no exterior.

Na conversa, pude tocar de novo o tema judaico. Soube, por exemplo, que existem muito mais judeus do que os que aparecem nas estatísticas oficiais. É que somente são levados em conta os judeus praticantes e não os que são ateus ou que tenham se convertido a outras religiões. De acordo com Winkler, diversas pessoas que têm essa origem ocupam lugares de destaque na vida nacional. Por exemplo, no Politburo do Partido Socialista Unificado, principal organização política do país, existem três membros judeus. Se a composição desse órgão levasse em conta fatores raciais e demográficos, não haveria aí nenhum membro de origem hebraica, jáque dentro da população da Alemanha Oriental esse grupo representa, do ponto de vista numérico, uma minoria inexpressiva, em conseqüência da chacina provocada pelos nazistas, antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, segundo Winkler faz questão de ressaltar, muitos alemães não-judeus também foram vítimas do regime de Hitler.

Para o meu interlocutor, os dois Estados germânicos têm a obrigação moral de impedir que fatos como esse se repitam. "Nunca mais deverá surgir uma guerra, do solo alemão" — insiste, acrescentando que essa é a posição da RDA, em favor da solução das divergências internacionais por meios pacíficos. "É o sentimento predominante entre a população e no governo. É melhor falar dez vezes do que disparar uma só vez."

Vou caminhando para o Berliner Ensemble. Faz frio à noite em Berlim, mas ainda é suportável. O teatro está cheio, com muita gente jovem, inclusive boa quantidade de alemães-ocidentais, que cruzam a fronteira para ver as obras de Brecht, numa encenação completamente fiel às concepções do autor. A peça é *O Círculo de Giz Caucasiano,* que conta no elenco com alguns dos maiores atores da RDA, entre eles Ekkehard Schall, genro de Brecht. Antes de cada cena, um narrador conta o que vai acontecer, cantando. Isso faz parte da técnica brechtiana do "distanciamento", da reflexão crítica do espectador. Os personagens são fortes, a história é simples: um governador é assassinado e seu filho salvo por uma criada, depois que a mãe prefere fugir ao invés de se preocupar com o bebê. Tempos depois, a criança já grande, a viúva do governador quer o filho de volta, apesar de todos os sacrifícios da criada para educá-lo e protegê-lo dos soldados que o perseguem. No final, o garoto é colocado dentro de um círculo de giz e as mães, a adotiva e a verdadeira, o disputam. O juiz acaba deixando-o com a criada, que realmente o queria. Termina a obra, muitos aplausos. Penso no difícil que é obter o efeito do "distanciamento". Apesar de tudo, a gente acaba se envolvendo com a história que aparece no palco.

2.
Lembranças da guerra

Quinta-feira, 7 de novembro: Pouco depois das 9h00 saímos para Potsdam, a uma hora de carro de Berlim. Passamos diante do parque de Treptow, onde se realiza um ato solene pela passagem de mais um aniversário da Revolução Russa de Outubro de 1917. Lá se encontra o monumento em homenagem aos soldados soviéticos que morreram na batalha final contra Hitler. A estrada é bem pavimentada e com bastante movimento. Vejo um hospital pertencente à Igreja Luterana. Mais adiante, uma fábrica de componentes eletrônicos, que tem ao lado um posto médico para atender aos seus cinco mil operários.

No caminho, converso com Paul sobre suas experiências durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi convocado para a Wehrmacht, o Exército, com 16 anos de idade e enviado para o local mais duro do conflito, a frente oriental, contra os soviéticos. Atuou como enfermeiro, podendo ver de perto os horrores da guerra. "Com o tempo a gente ia se acostumando com ferimentos atrozes, pernas amputadas etc. Servi como auxiliar em inúmeras cirurgias. Mas havia algo insuportável: os ferimentos no rosto, que deformavam as pessoas. Tudo aquilo foi aumentando minha convicção de que era uma luta absurda, uma sangria injustificável da juventude alemã e dos outros países" — lembra, emocionado. "Na minha casa, recebi uma formação democrática. Meu pai era social-democrata e minha mãe, ligada aos comunistas. Ambos não aceitavam o regime de Hitler. Naquela época, todos eram convocados e tive que ir à guerra. Mas com outros militares,

planejava desertar. Entre nós, havia um sacerdote católico, também anti-nazista."

A oportunidade surgiu afinal, quando os soviéticos avançaram, e Paul, com mais quatro amigos, escondeu-se no porão da casa do administrador de uma fazenda, na Polônia. "Tínhamos feito amizade com ele, que pertencia à resistência polonesa; inclusive, lhe passávamos armas. Assim, esperamos pacientemente que as tropas soviéticas lançassem uma ofensiva. Ficamos escondidos e pouco tempo depois dos canhões se calarem, naquela calma que vem depois das batalhas, a porta do porão se abriu e o administrador apareceu junto com um oficial do Exército Vermelho. Levantamos os braços e dissemos que estávamos cansados da guerra."

Depois, foram três anos como prisioneiro na URSS. "Na verdade, como anti-fascista, recebi cursos políticos e contribuí para mudar a mentalidade de muitos dos ex-soldados alemães. Alguns me criticavam por isso mas eu lhes dizia que, ao mostrar a verdade sobre Hitler, estava defendendo os verdadeiros interesses da Alemanha, que tinha sido vítima do chauvinismo e do militarismo dos nazistas, que sacrificaram milhões de jovens em benefício de seus sonhos de conquista."

Para ele, a volta a Berlim foi impactante. "Lembrava-me da cidade antes da guerra, movimentada, com muito trânsito e belos edifícios. Ao chegar, deparei com uma imagem de destruição. Os nazistas, com a guerra já perdida, tinham resistido casa por casa, e os combates com os soviéticos tinham deixado a capital em ruínas."

O tempo passou rapidamente e já estamos em Potsdam. Com pouco mais de 130 mil habitantes, a cidade é hoje um centro industrial, científico e cultural. No passado, foi a residência dos Hohenzollern, a dinastia que governou a Prússia e depois o Estado alemão unificado. A família real construiu lá diversos palácios, um dos quais vou visitar imediatamente: Cecilienhof. Aí residia o príncipe herdeiro, filho do último *Kaiser*, Guilherme II. Apesar da monarquia haver terminado em 1918, Cecilienhof permaneceu nas mãos do seu proprietário, que gozava da amizade do próprio Adolf Hitler. Quando os canhões soviéticos começaram a ser ouvidos nas proximidades, o príncipe fugiu, carregando a maior parte da mobília. O palácio, com altos telhados inclinados, tem um belo pátio interno. Ao chegar, caía uma chuva fina, mas não resisti à tentação de caminhar alguns minutos pelo bosque que rodeia a edificação. As árvores, úmidas e com os troncos muito negros, estavam repletas de folhas de um amarelo quase dourado, às vezes avermelhado. Antes de ficar encharcado, entrei pelo portão principal e deparei com o jardim central, onde flores vermelhas formam uma estrela em meio ao gramado.

Do ponto de vista histórico, a principal atração de Cecilienhof é o fato de ter sido a sede, de 17 de julho a 2 de agosto de 1945, da importante conferência dos máximos líderes da União Soviética, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Suas decisões passaram à posteridade com o nome de Acordos de Potsdam. Neles se estabelece a responsabilidade dos vencedores da Segunda Guerra Mundial, quanto ao desenvolvimento democrático da Alemanha. Embora não tenha participado das deliberações, a França uniu-se mais tarde a essas decisões.

Visito as diversas dependências, entre elas o salão de atos, onde tudo permanece como na época da conferência: Numa grande mesa redonda estão bandeirinhas das três potências participantes e as cadeiras onde se sentaram o líder soviético Joseph Stálin, o presidente norte-americano Harry Truman e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill, assim como seus colaboradores mais diretos. Após o período inicial, de 17 a 25 de julho, houve uma interrupção de dois dias, e no dia 28 a chefia da delegação da Grã-Bretanha passou a ser ocupada por Clement Attlee, que tinha derrotado Churchill nas eleições. Finalmente, no dia 2 de agosto de 1945, nesse mesmo salão, após terem sido realizadas 13 sessões plenárias, Stálin, Truman e Attlee assinaram os Acordos de Potsdam. Na época, a imprensa internacional deu ampla cobertura à conferência. Entre os jornalistas presentes se encontrava um jovem norte-americano que depois passou à história: John F. Kennedy.

Os pontos principais dos acordos, em relação ao futuro da Alemanha foram: eliminação definitiva do Estado fascista e de todas as suas instituições; proibição do Partido Nacional-Socialista e de todas as suas organizações; anulação de todas as leis nazistas; castigo aos criminosos de guerra; reorganização total da vida política sobre bases democráticas; destruição do capital monopolista alemão. O tratado não estipulava a divisão da Alemanha.

De acordo com os alemães-orientais, o Ocidente foi o responsável pela formação de dois Estados germânicos. Segundo eles, importantes decisões da Conferência de Potsdam não foram cumpridas nas zonas de ocupação norte-americana, francesa e inglesa. Em vez de acabar com o poder dos grandes empresários alemães, que apoiaram Hitler durante a guerra e lucraram com ela, fabricando armamentos e recebendo as matérias-primas dos

países conquistados, assim como usando o trabalho escravo dos prisioneiros dos campos de concentração, o Ocidente aliou-se com esses setores e lhes deu um grande apoio financeiro. Enquanto isso, na parte oriental, foram estatizadas numerosas indústrias. Na agricultura, foi realizada uma reforma agrária profunda, que atingiu principalmente a aristocracia rural, um dos sustentáculos do militarismo alemão. Além disso, o sistema educacional foi reformulado, sendo expulsos todos os professores nazistas e substituídos por elementos contrários a essa ideologia. Para os alemães-orientais, esse foi um ponto básico na formação de uma nova mentalidade no país.

É curioso constatar que Stálin não defendeu a divisão da Alemanha, na Conferência de Potsdam, nem em outras anteriores. As propostas nesse sentido vinham das potências ocidentais, embora não houvesse uma posição comum entre elas. A divisão de fato consumou-se após a implantação de uma reforma monetária nas zonas ocupadas pelo Ocidente. Isso originou uma divisão econômica real e uma grande tensão entre os antigos aliados, com o bloqueio da parte ocidental de Berlim pelos soviéticos. Em setembro de 1948 constituiu-se em Bonn o chamado Conselho Parlamentar, que em maio de 1949 aprovou uma Constituição, a Lei Fundamental da República Federal da Alemanha. Com a formação de um governo dirigido pelo Chanceler Federal Konrad Adenauer, em setembro de 1949, consumou-se a divisão do país. Em conseqüência foi fundada, em 7 de outubro de 1949, a República Democrática Alemã, na parte oriental. Segundo o lado comunista, em 1952 a União Soviética, apoiada pela RDA, apresentou uma proposta de reunificação da Alemanha como um Estado democrático, com um Exército que não pertencesse a nenhum dos blocos. Mas a idéia foi rejeitada pelo Ocidente. Em 1955 a RFA incorporou-se à OTAN, Organização do Tratado do Atlântico Norte e a RDA ao Pacto de Varsóvia.

Atualmente, as autoridades alemãs-orientais consideram que, apesar da divisão ser um fato histórico e baseado nos caminhos diferentes seguidos por ambos os Estados, que possuem estruturas sócio-econômicas e políticas de signo contrário, é possível um bom relacionamento entre ambas as partes e uma colaboração estreita numa série de setores. Mais adiante, pude receber mais dados dessa distensão, existente de fato entre os dois Estados alemães, hoje em dia. Quanto à possibilidade de reunificação do país, na época atual, as autoridades da RDA só consideram factível se ambos os Estados alemães passarem a ter o

mesmo sistema sócio-econômico e político, ou seja, se o socialismo também triunfar na República Federal.

O salão onde foi realizada a conferência merece uma descrição minuciosa. É uma sala típica de um palácio construído no estilo inglês. Espaçoso, o salão constitui o núcleo de toda a edificação. A parte inferior das paredes é revestida de madeira. A escada, que conduz a uma saleta superior, é feita do mesmo material e ricamente ornamentada com talhas. O teto é sustentado por grandes vigas de madeira. A mesa redonda utilizada pelos líderes da URSS, Inglaterra e Estados Unidos foi fabricada em Moscou, especialmente para a conferência.

Visito, os escritórios utilizados pelas delegações aliadas. Em todos pode-se ver muitos livros, em estantes de fino acabamento. Pertenciam à biblioteca do príncipe. Examino os títulos e constato o interesse do filho do *Kaiser* pela história militar alemã. Os móveis, em geral, foram trazidos de outros castelos e palácios de Potsdam pois, como já disse, na fuga o príncipe carregou até a mobília. No escritório pertencente a Winston Churchill e depois a Attlee, recebo uma informação curiosa. O gordo *premier* britânico não gostava de utilizar a estreita cadeira do escritório, preferindo sentar-se num sofá largo e cômodo. Tudo está conservado como em 1945 e, de repente, tenho a impressão de que a porta vai se abrir e estarei frente a frente com Stálin, Truman ou Churchill. É mais um exemplo da meticulosidade alemã.

Almoço no salão onde o príncipe comia com seus convidados. É amplo, com grandes janelas que dão para o pátio interior e permitem ver o belo jardim. Entre as opções propostas, escolho um prato digno da realeza: javali assado. É uma carne forte, necessariamente tem que ser acompanhada de um bom vinho. O palácio é hoje parte museu e parte hotel. Portanto, os cidadãos da RDA e os turistas estrangeiros têm a possibilidade de constatar, na prática, como os Hohenzollern gostavam de viver bem.

O tempo ainda dá para uma visita ao Palácio Sanssouci, também em Potsdam. Lá residiu o rei prussiano Frederico II (1740-86). O palácio é considerado a obra mais genial do arquiteto Georg Knobelsdorff. Ao entrar, coloco umas volumosas pantufas, para proteger o piso. O edifício, de estilo rococó, é relativamente pequeno, mas ricamente adornado. No que foi o escritório do rei, me surpreendo com um gigantesco relógio que ainda traba-

lha perfeitamente e, naquele momento, indica as 3h00 da tarde. Frederico II era um amante da arte e um admirador da cultura francesa. Num dos quartos vejo uma estatueta do poeta e filósofo francês Voltaire, que esteve na corte prussiana entre 1750 e 1753 e foi amigo do rei. Belos quadros do século XVII mostram a sensibilidade do monarca, do qual os nazistas só quiseram destacar o lado militarista. O uso da figura de Frederico II como símbolo do expansionismo alemão fez com que sua estátua eqüestre fosse retirada de Berlim e colocada nos jardins de Sanssouci, depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, nos últimos anos, o governo da RDA a devolveu a seu lugar de honra, na rua Unter den Linden. Pude ver a estátua, e a figura marcial do rei prussiano impressiona realmente os que passam. Na verdade, houve uma reavaliação de sua estatura histórica e uma melhor compreensão dos aspectos positivos do seu governo. Aliás, a mesma atitude está sendo adotada em relação a outras figuras, como Bismarck. Afinal, o único período completamente negativo da história alemã foi o nazista.

Os jardins de Sanssouci são uma história à parte. Muitos os comparam com os do Palácio de Versalhes, na França. Mesmo sem poder vê-los em seu momento de máximo esplendor, ou seja, a primavera, causaram-me uma profunda impressão. A partir do paláoio, vão descendo em forma escalonada, numa geometria perfeita.

Sanssouci foi salvo da destruição da guerra graças aos esforços de um oficial soviético. Um bombardeio britânico tinha causado grandes danos ao centro de Potsdam, no dia 14 de abril de 1945. Mas o palácio e o parque de Sanssouci tinham escapado do ataque. No dia 25 de abril, as tropas soviéticas já haviam penetrado numa parte da cidade. O alto comando russo deu ordem ao tenente Evgueni Ludschuweit de evitar, por todas as formas, a destruição daquela jóia da arte e da cultura germânicas. O oficial chegou no dia 27 de abril a Potsdam e enviou mensagem ao alto comando nazista, propondo que não se combatesse na zona de Sanssouci. O Exército Vermelho, vencendo as dificuldades táticas, contornou a área com os tanques e a artilharia, avançando para Berlim por outra rota. Assim, o palácio foi salvo. Ludschuweit organizou uma pequena guarda, usando inclusive soldados feridos, para proteger Sanssouci e chegou a iniciar pequenos trabalhos de restauração. Depois da guerra, o tenente foi professor de História da Arte na Universidade de Lomonossov, em Moscou. Ele recebeu o título de cidadão honorário de Potsdam e seu nome foi dado a uma das ruas que levam a Sanssouci.

A Câmara do Povo da RDA sessiona no imponente Palácio da República, situado na Praça Marx-Engels, que surgiu no novo centro de Berlim, após a retirada dos escombros deixados pelo bombardeio do Palácio Imperial. Um dos balcões do edifício destruído tinha um significado especial para os setores de esquerda alemães: nele, Karl Liebknecht havia proclamado a República Socialista em 9º de novembro de 1918. Aquele projeto político não se concretizou e Liebknecht foi assassinado junto com Rosa Luxemburgo mas, em sua homenagem, o balcão foi reconstruído no início da década de 60 e incorporado ao edifício do Conselho de Estado, de linhas modernas. Essa diversidade de estilos na fachada do prédio chama a atenção dos visitantes da Praça Marx-Engels.

Cheguei ao Palácio da República diretamente de Potsdam. Aliás, em toda a minha estada na Alemanha Oriental e agenda foi muito apertada, permitindo o aproveitamento máximo do tempo disponível. O sr. Herbert Kelle, chefe do secretariado do Parlamento, uma espécie de diretor-geral, recebeu-me numa sala com uma grande mesa redonda ao centro. Acompanhado de um assessor, explicou a organização do Estado comunista alemão nos mínimos detalhes e esclareceu minhas dúvidas sobre o assunto.

A Câmara do Povo é o Parlamento da RDA, com quinhentos deputados. Ela elege o presidente e os membros do Conselho de Estado e do Conselho de Ministros, o presidente e demais juízes do Supremo Tribunal e, ainda, o Procurador-Geral da República. É o órgão legislativo supremo. Os deputados pertencem a partidos políticos e a organizações de massas. Ou seja, o sistema não é de partido único.

A principal organização política é o Partido Socialista Unificado da Alemanha, fundado em 1946, da união entre o Partido Comunista e o Partido Social-Democrata. Mas também existem o Partido Democrático dos Camponeses (DBD), a União Democrata-Cristã (CDU), o Partido Liberal Democrático (LDPD) e o Partido Nacional Democrático (NDPD).

De acordo com o sr. Keller, "o Partido Socialista Unificado surgiu em conseqüência da compreensão de que somente a unidade da classe operária impediria o retorno do fascismo e do militarismo. Sua ideologia é marxista-leninista e representa principalmente os operários (57,8 por cento de seus membros e aspirantes a membros), intelectuais (22,3 por cento) e camponeses cooperativistas (5 por cento)".

Ele também definiu as demais organizações: "O Partido Democrático dos Camponeses representa sobretudo os camponeses

das cooperativas; a União Democrata-Cristã é composta por cidadãos cristãos, tanto católicos como luteranos; o Partido Liberal Democrático agrupa sobretudo artesãos, comerciantes, profissionais liberais, intelectuais e trabalhadores de serviços, ligando-se às tradições da burguesia alemã progressista; quanto ao Partido Nacional Democrático, representa camadas semelhantes."

As organizações de massas igualmente estão presentes no Parlamento. Entram nessa classificação a Confederação dos Sindicatos Livres Alemães (EDCB), com mais de nove milhões de membros; a Juventude Livre Alemã, que conta com a filiação de dois milhões e 300 mil jovens; a Federação Democrática de Mulheres da Alemanha (DFD), que tem 1 milhão e 400 mil membros e a Liga da Cultura, composta de profissionais e amantes da cultura, em número de 245 mil.

Esses partidos e organizações formam a Frente Nacional e, apesar de representarem ideologias diferentes e camadas diversas da população, apóiam ou, pelo menos, aceitam a manutenção do regime comunista. Dessa maneira, o país é governado por uma vasta coalizão política e de classes, sob a direção do Partido Socialista Unificado, marxista-leninista.

Como são eleitos os deputados? O eleitorado escolhe entre os candidatos incluídos numa chapa da Frente Nacional. O número de candidatos de cada partido ou organização é determinado previamente pela direção dessas entidades, através de negociações dentro da coalizão.

As candidaturas devem passar pelas bases. Cada candidato proposto é antes discutido no seu coletivo de trabalho. Se não obtiver certo apoio das próprias pessoas com quem convive diariamente, o seu partido ou organização não pode inscrevê-lo como candidato. No momento de votar, os eleitores, como o número de aspirantes é superior ao de cadeiras no Parlamento, escolhem os candidatos de sua preferência. No entanto, todos fazem parte da lista única. Na verdade, embora a Câmara do Povo represente os diversos setores da população, não existe uma oposição, pois todos os partidos e organizações representadas participam da coalizão de governo.

A composição atual do Parlamento, por bancadas, não reflete um poderio excessivo do Partido Socialista Unificado, embora tenha a maioria relativa, com 127 deputados. As bancadas dos demais quatro partidos políticos têm 52 cadeiras cada uma. A Confederação Sindical possui 68 deputados, a Juventude Livre Alemã, 42, a União Democrática de Mulheres, 35 e a Liga da

Cultura, 22. Somados, esses números dão o total de 502 deputados. As eleições são através de voto direto e secreto e os parlamentares têm um mandato de cinco anos.

A Câmara do Povo elege o Conselho de Estado e o Conselho de Ministros. O primeiro é encabeçado pelo presidente Erich Honecker, que também é secretário-geral do PSUA. Os quatro vice-presidentes pertencem aos partidos aliados. Já o Conselho de Ministros é dirigido por Willi Stoph, que se encarrega das tarefas de governo.

O mesmo processo se repete no distritos, municípios e cidades. Ou seja, a eleição dos órgãos legislativos é direta, mas a escolha dos chefes do poder executivo a todos os níveis é indireta, pois são eleitos pelos legisladores. Quanto às imunidades, elas são estendidas somente aos membros da Câmara do Povo, ou seja, do Parlamento.

Os projetos de lei importantes são submetidos à discussão pública. Por exemplo, o novo Código Civil da RDA, antes de ser votado na Câmara do Povo em 1975, foi debatido durante cinco meses em empresas e bairros, em órgãos centrais e locais do Estado, em órgãos da Justiça e em instituições científicas. A população apresentou mais de quatro mil propostas, críticas e indicações, que provocaram 360 alterações no projeto original do Código Civil.

Pedi ao sr. Keller explicações sobre o funcionamento da Justiça. De sua resposta, uma coisa me chamou a atenção: a presença de juízes leigos junto com os profissionais, com o propósito de que exista, segundo ele, uma real presença popular no Poder Judiciário. Quase 52 mil cidadãos exercem as funções de juízes leigos nos tribunais a nível municipal e de distrito. Eles são eleitos pelo voto direto da população. Assim, o profundo conhecimento jurídico dos profissionais une-se às opiniões de pessoas que representam a sociedade.

Keller indicou-me outras formas de participação da cidadania na vida nacional, informando que 340 mil cidadãos, militantes de partidos políticos ou não, fazem parte dos conselhos e grupos de trabalho da Frente Nacional, em suas áreas de residência; 284 mil são membros eleitos de comissões de conflitos das empresas e de comissões de arbitragem nas áreas residenciais, destinadas a solucionar pequenos delitos e divergências entre vizinhos, sem que o assunto tenha que ser levado aos tribunais; trezentos mil cidadãos participam de entidades de defesa do consumidor, verificando a qualidade e os preços dos produtos, assim como o cumprimento das leis no comércio e nos serviços; por úl-

timo, cerca de 660 mil cidadãos organizados em comissões e juntas de pais participam diretamente da solução de problemas escolares e dão parecer sobre as tarefas comunitárias.

Ainda segundo o chefe do secretariado do Parlamento, qualquer pessoa pode expor seus assuntos, problemas, críticas ou sugestões a qualquer órgão social, governamental ou econômico. Os requerimentos aos órgãos do Estado, de acordo com a lei, devem obter uma resposta minuciosa e eficiente, num prazo máximo de um mês. Nenhuma sugestão ou crítica de um cidadão pode deixar de ser levada em conta.

Antes das despedidas, o sr. Keller referiu-se ao interesse da Câmara do Povo em estreitar as relações com o Congresso brasileiro e lembrou os contatos mantidos entre o Presidente do Parlamento da RDA, Horst Sindermann e parlamentares do Brasil.

3. O Muro de Berlim

O carro me deixa na Porta de Brandenburgo, um dos símbolos de Berlim e por onde passa a fronteira entre o lado ocidental e o oriental e entre os dois sistemas sócio-econômicos e políticos existentes no mundo atual: o capitalismo e o comunismo. Já ouvi falar muito do muro, mas agora terei a oportunidade de conhecer a versão da República Democrática Alemã. Ela me é transmitida pelo tenente-coronel Beyer, das Tropas Fronteiriças, que me recebe às 9h00 em ponto da manhã de sexta-feira, 8 de novembro. Subo por uma escada ao escritório do militar que, enquanto me fala, mostra mapas e fotografias.

De acordo com Beyer, depois da vitória aliada, a Alemanha ficou dividida em quatro zonas de ocupação: norte-americana, inglesa, francesa e soviética. Berlim estava situada na área sob controle russo mas, por ser a capital, seu território também foi dividido em quatro zonas, sob a administração respectiva de cada uma das potências aliadas. Com o surgimento dos dois Estados alemães, a área de ocupação dos Estados Unidos, Inglaterra e França, ou seja, Berlim Ocidental, tornou-se um enclave capitalista dentro da Alemanha Oriental, comunista.

"As fronteiras entre Berlim Ocidental e o território da RDA eram abertas e, através delas eram aliciados os nossos jovens e especialistas, infiltrados terroristas e espiões e realizadas provocações militares. No outono de 1960, o governo da RFA rescindiu os acordos comerciais com a RDA. Em conseqüência dessa atitude e da perda de técnicos e profissionais, o Estado socialista alemão teve perdas calculadas entre 120 e 200 bilhões de marcos,

maiores do que o total dos investimentos na economia nacional na década de 50. Os meios de comunicação da RFA e de Berlim Ocidental intensificaram a psicose anticomunista e militarista e as unidades da OTAN foram colocadas em estado de alerta, em agosto de 1961. Nascia uma situação perigosa para a paz na Europa, pois um conflito local na fronteira da RDA com Berlim Ocidental poderia levar a uma confrontação militar de conseqüências imprevisíveis. Assim, no dia 13 de agosto de 1961, o Exército Nacional Popular, as milícias operárias e outros grupos armados da RDA passaram a controlar as fronteiras com Berlim Ocidental, até então abertas" — afirma o tenente-coronel.

Segundo ele, a ação foi coordenada com as forças armadas soviéticas situadas na RDA e com os outros países do Pacto de Varsóvia — o bloco militar comunista. Depois do preâmbulo histórico, o oficial informa que Berlim Ocidental tem um área de 480 quilômetros quadrados, com aproximadamente 2 milhões de habitantes e uma fronteira de 162 quilômetros com Berlim Oriental e outras áreas pertencentes à RDA. Existem 23 pontos de passagem fronteiriça. Quanto ao *status* da cidade, diz que o Acordo sobre Berlim Ocidental assinado em 1971 entre a União Soviética, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França estabelece que ela não é parte integrante da RFA, tendo um Senado e um governo próprios. Acrescenta que a cidade é um centro de espionagem e de sabotagem contra a RDA, tendo ocorrido inúmeras provocações militares por parte das tropas ocidentais (40 mil soldados) ali estacionadas, assim como ataques de grupos neonazistas.

Beyer mostra-me o pequeno museu existente no local, com armas apreendidas, segundo ele, de espiões e terroristas, além de livros e revistas que teriam sido infiltrados do lado ocidental, inclusive farto material neonazista, que glorifica Hitler e a Wehrmacht. Também posso ver as fotos de oito soldados das tropas fronteiriças da RDA, mortos em incidentes armados. O museu inclui igualmente fotografias sobre os métodos utilizados para a travessia ilegal da fronteira, como o caso de um homem que estava escondido no painel de um carro, todo encolhido.

Deixamos o edifício e vamos diretamente ao muro, para conhecê-lo *in loco*. Passo pela Porta de Brandenburgo, monumento grandioso construído entre 1788 e 1791 por Karl Gothard Langhans. Em cima da porta, que é uma espécie de "arco do triunfo", existe uma escultura de uma quadriga que transporta a Deusa da Paz, obra do escultor berlinense Gottfried Schadow, em 1794. O monumento fica junto à fronteira, do lado comunista.

Acompanhado do tenente-coronel, subo a um miradouro que permite ver Berlim Ocidental, com o edifício do Senado. Observo que há um mirante semelhante do outro lado, com pessoas que olham com a mesma curiosidade que devo demonstrar. Uma delas me focaliza e tira fotos. Eu também aciono a câmera em sua direção, até que a pessoa vai embora. Do lado de cá, bem perto de onde estou, há um montículo de terra sob o qual se escondem as ruínas do *bunker* onde se suicidou Adolf Hitler, quando as tropas soviéticas já combatiam dentro da capital do III Reich.

O muro varia de aspecto. Em algumas partes converte-se em um tapume reforçado, ou numa alta cerca, sempre vigiado pelos soldados das tropas Fronteiriças da RDA. No entanto, em toda a sua extensão, está situado a uma distância de um metro da fronteira entre os dois lados, ou seja, encontra-se sempre dentro do território alemão-oriental.

Após a visita à Porta de Brandenburgo, uma pergunta ainda não tinha sido respondida: por que as pessoas atravessavam a fronteira para o lado ocidental, principalmente nas décadas de 50 e 60? Em conversas posteriores, com diversos interlocutores, soube que as motivações, além de ideológicas, eram econômicas. Nos primeiros anos, a vida era dura na RDA, que tinha sido fundada na parte mais atrasada e menos industrializada da Alemanha. Além disso, parte da indústria foi enviada à União Soviética, como indenização de guerra. O resultado de ambos os fatores foi a existência de uma grande desproporção no parque industrial dos dois Estados alemães. Por exemplo, no lado comunista só existiam quatro altos-fornos para a produção de aço, enquanto no lado ocidental havia 125, ou seja, a indústria pesada tinha ficado quase toda do lado da RFA. A diversificação da produção também era muito maior.

O Plano Marshall foi outro fator de desequilíbrio. De 1948 a 1952, os Estados Unidos concederam empréstimos no valor de treze bilhões de dólares à Europa Ocidental, dos quais a Alemanha Federal recebeu mais de um bilhão. Esta injeção de recursos aumentou em cerca de 25 por cento a produção industrial dos países beneficiados em um prazo de apenas dois anos. A Europa Oriental ficou excluída do plano, por não aceitar as restrições norte-americanas à nacionalização da indústria e ao planejamento centralizado da economia.

A República Democrática Alemã decidiu dar ênfase à criação de uma base na indústria pesada e não à produção de artigos de consumo. Portanto, a vida na parte ocidental tinha mais atra-

tivos. A isso se uniam os esforços para fazer com que os especialistas e cientistas abandonassem o lado comunista, para asfixiá-lo economicamente através da falta de pessoal qualificado.

Houve também erros políticos. As manifestações operárias em Berlim Oriental, em 1953, além de serem incentivadas pelo Ocidente, através de agitadores, foram provocadas pela insatisfação com as decisões do governo da RDA de aumentar a intensidade do trabalho, sem uma compensação monetária e sem consultas prévias à população. As medidas foram revogadas, mas já existia o caldo de cultura necessário para os protestos, aproveitados politicamente pelo ocidentais.

Com o avanço econômico e as reformas nessa área introduzidas em 1963, o nível de vida foi subindo e essa tendência positiva intensificou-se a partir da década de 70 quando, por exemplo, foram construídas ou modernizadas mais casas do que nos vinte anos anteriores. No mesmo período foram dobrados os subsídios estatais e os recursos destinados à melhoria das condições de vida materiais e culturais. Paralelamente, o maior reconhecimento internacional da RDA e um melhor relacionamento com a RFA trouxeram resultados positivos. Hoje em dia, o fenômeno da travessia ilegal da fronteira reduziu-se ao mínimo e a tendência é que o muro venha a desaparecer no futuro. Isso se deve tanto à melhoria do nível de vida na RDA, quanto às maiores facilidades concedidas à emigração legal e, inclusive, às visitas à parte capitalista. Milhares de alemães-orientais podem ir agora ao Ocidente visitar parentes ou residir definitivamente. Ao mesmo tempo, é grande a presença de turistas da RFA no lado comunista. De acordo com a opinião de diversas pessoas, quanto maior for a distensão entre os blocos oriental e ocidental, melhores serão as relações entre os dois Estados alemães e, portanto, maiores facilidades serão dadas às viagens.

Da Porta de Branderburgo vou diretamente para o Ministério do Comércio Exterior, onde tenho encontro marcado com o diretor-geral adjunto, Heinz Schwarz. Como se tornou habitual nesse tipo de entrevistas, sou recebido com café e refrigerantes. O café, forte, é acompanhado de creme de leite, que vem num recipiente à parte.

O sr. Schwarz, muito simpático, que esteve no Brasil de 1967 a 1971 e se desculpa pela influência do espanhol no seu português, fala primeiramente sobre o comércio exterior da RDA de uma forma geral. De acordo com ele, a RDA tem relações comerciais com mais de 120 países, mantendo convênios nessa área com uma centena de nações. Além disso, em mais de 80 países existem representações comerciais do governo ou de empresas exportadoras e importadoras da RDA.

O principal sócio comercial do país é a União Soviética, da qual importa principalmente petróleo, gás natural, aço laminado, madeira aparelhada, algodão, equipamentos de refrigeração, rádios e celulose. Os soviéticos compram da RDA equipamentos para instalações para a indústria química, técnica eletrônica de computação, equipamentos para a metalurgia, equipamentos para a indústria têxtil e alimentícia, roupas, móveis e porcelana, navios de grande tonelagem e máquinas de escrever, etc.

O comércio com a URSS e com os outros países socialistas constitui cerca de dois terços de todo o intercâmbio comercial da RDA. Isto se deve ao fato de que a maioria destas nações integra o Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME), também conhecido como *Comecon*. É, no bloco comunista, o que a Comunidade Econômica Européia (CEE) significa para a Europa Ocidental, apesar das duas entidades não terem exatamente as mesmas atribuições. Na área capitalista a RDA tem intensificado suas relações comerciais com a RFA, a França, a Itália, o Japão, a Áustria, a Finlândia e a Suécia. Igualmente, procura aumentar seu comércio com os países em desenvolvimento.

A RDA participa todos os anos em feiras e exposições internacionais. Duas vezes por ano, no início de março e em setembro, ela própria é a anfitriã do mundo comercial internacional nas feiras de Leipzig, sobre as quais pude receber informação detalhada, posteriormente, ao visitar essa importante cidade.

Schwarz faz um histórico das relações com o Brasil, assunto que conhece como ninguém: "Nosso comércio começou em 1958, com o primeiro acordo que firmamos. Neste ano abrimos uma representação comercial no Rio, com filial depois em S. Paulo. Trabalhei como conselheiro comercial e chefe da nossa missão do ano 1967 até 1971, no Rio. O comércio aumentou muito depois do estabelecimento de relações diplomáticas em 1973, com uma embaixada em Brasília e o escritório comercial de S. Paulo."

Os alemães-orientais tomam muito café e mais da metade do que consomem é comprado no Brasil. "Nos últimos anos, ao redor de 20 mil toneladas. É uma quantidade bastante interessante e os brasileiros sempre nos dizem que a RDA é o mais importante comprador de café do mundo socialista", afirma. Ele aponta outros produtos comprados pelo país: minério de ferro,

cacau, têxteis, soja. Já o Brasil tem importado máquinas-ferramentas, guindastes para portos, instrumentos científicos, máquinas agrícolas e fertilizantes de potássio. "Somos o maior exportador de potássio para o Brasil, participando com mais de 65 por cento no mercado, ou seja, mais de setecentas mil toneladas nos últimos cinco anos" — informa.

De acordo com Schwarz, os brasileiros importam atualmente muitas máquinas especializadas, gráficas e têxteis. Destaca, também, a importância nos últimos quinze anos, das compras de equipamentos para universidades e hospitais. "O comércio bilateral vem oscilando entre 300 e 350 milhões de dólares, em ambas as direções, anualmente" — diz, acrescentando que "o Brasil tem a primeira posição em nosso comércio com a América Latina há mais de vinte anos, se não contarmos Cuba, que incluímos nas estatísticas referentes às relações comerciais com o CAME (Conselho de Ajuda Mútua Econômica)".

A cooperação industrial é outro aspecto de grande importância no relacionamento Brasil-RDA. Nessa área há exemplos significativos: a empresa Kranbau Eberwalde colabora com firmas brasileiras na produção de diversos tipos de guindastes; já estão sendo fabricadas motocicletas da marca MZ 250 com *know how* e componentes da Motorradwerk Zschopau, pela Fábrica Brasileira de Motos, no Rio Grande do Sul; já estão em andamento projetos entre empresas brasileiras e o complexo Carl Zeiss Jena no campo dos aparelhos científicos e ópticos, e o Kombinat Fortschritt no setor das máquinas agrícolas.

Schwarz recorda que, de 1968 a 1971, quando trabalhou no Brasil, o Estado de S. Paulo comprou mais de oitenta locomotivas e os portos brasileiros foram equipados com 290 guindastes da RDA. Para ele, existem grandes possibilidades de expandir o relacionamento comercial e colaborar noutras áreas, como projetos de construção em terceiros países. "Temos bons contatos com a Mendes Jr. Acredito que podemos realizar trabalhos conjuntos, não só na África e no Oriente Médio como também nos países vizinhos do Brasil."

4. Universidade sem vestibular

Depois da visita ao Ministério do Comércio Exterior, almoço com o sr. Horneburg, do Ministério da Educação. Na verdade, só ele almoçou, pois eu estava me sentindo mal. Tinha exagerado no café da manhã e as gorduras e salames alemães fizeram seu efeito, agravado pelos refrigerantes e o café com creme que me ofereceram depois. Horneburg, que fala o espanhol perfeitamente, lembrou as dificuldades do período posterior à guerra. Foi necessário transformar o sistema educacional, um dos pilares do nazismo; a maioria dos professores era composta de elementos fascistas, que foram afastados do ensino, passando a trabalhar na produção e, ao serem reabertas as escolas, em setembro/outubro de 1945, iniciaram suas atividades quinze mil novos professores.

Tornou-se prioritário desenvolver o ensino nas áreas rurais, completamente atrasado. Deu-se, também, grande atenção para possibilitar o acesso de operários e camponeses às universidades. Antes de 1945, somente três por cento dos universitários eram de origem operária; em 1950, os filhos de trabalhadores fabris já constituíam 38,6 por cento dos estudantes do ensino superior. Atualmente, a composição social do corpo discente acompanha amplamente a da população do país, ou seja, todas as classes sociais têm as mesmas possibilidades de acesso à universidade.

Como é o sistema educacional hoje em dia na RDA? De acordo com Horneburg, todos os cidadãos, pela lei, têm que terminar os dez anos de ensino básico, correspondentes aos nossos 1º e 2º graus. Depois, vários caminhos se abrem: o aluno pode re-

ceber uma formação profissional de dois anos, que o transforma em operário qualificado, ou entrar no ensino pré-universitário, também de dois anos, para depois estudar na universidade. Pode fazer, também, um curso de três anos que une a formação como operário especializado com o ensino pré-universitário, o que lhe permite, posteriormente, continuar os estudos numa universidade, mas numa carreira científica ou técnica. Por último, há a opção de estudar certas profissões de nível superior, mas que não requerem ir à universidade, da qual o aluno tem que sair sempre com mestrado.

O vestibular não existe na RDA. O assunto me interessou e pedi uma explicação detalhada a Horneburg. Em resumo, a questão é a seguinte: evidentemente, não há vagas ilimitadas nas universidades, tendo que haver uma seleção. Esta se baseia no histórico escolar dos alunos, na vocação que manifestam, nas avaliações feitas pelos professores que os acompanharam nos primeiros dez anos de estudos. Os selecionados passam ao nível pré-universitário e, dois anos depois, entram no ensino superior. O fato de não passar por essa primeira seleção não é definitivo, pois o aluno pode pedir uma reavaliação do caso.

Quanto à escolha da carreira que vai seguir, procura-se satisfazer o desejo do estudante, mas nem sempre isso ocorre, pois não é possível que haja uma quantidadde de médicos, por exemplo, superior às necessidades do país. Se o número de interessados numa carreira for superior ao de vagas, é feita uma seleção baseada nos méritos dos candidatos e os excedentes devem escolher entre outras carreiras. Segundo as estatísticas, 85 por cento dos alunos conseguem estudar nas carreiras que haviam solicitado inicialmente.

Segundo Horneburg, ao mesmo tempo que toda a população tem acesso à educação, há também uma atenção individual aos estudantes. Ou seja, nenhum indivíduo que tenha uma inteligência superior ou dotes excepcionais para determinada atividade deixará de ter a oportunidade de desenvolver essas qualidades que o diferenciam dos demais. Por outro lado, nem todos terminam os dez anos de estudos obrigatórios. Há uma pequena minoria que só consegue chegar à oitava série. Nesse caso, o aluno poderá escolher entre 66 ofícios simples, que lhe permitirão ser útil à sociedade. Quando a criança sofre de problemas mentais ou físicos, estuda em escolas especializadas, que lhe possibilitarão uma integração posterior às atividades produtivas, assim como a sua realização como ser humano.

Um aspecto importante é que o ensino na RDA é absolutamente gratuito, em todos os níveis, da educação básica até a universitária. Meu interlocutor também chamou a atenção para o fato de que um operário especializado ou um técnico médio podem ter um nível de vida praticamente semelhante ao de um profissional de nível universitário, pois as diferenças sociais são menores na RDA do que nos países capitalistas. Assim, não existe a preocupação de ter uma carreira universitária como única forma de ascensão social. Perguntei se os formados nas universidades não enfrentavam problemas para entrar no mercado de trabalho. Ele esclareceu que o desemprego é inexistente, tanto entre os profissionais de nível universitário, como em geral entre toda a população do país.

A condição de religioso poderia pesar desfavoravelmente na hora da seleção para a universidade? Horneburg diz que isso não é levado em conta e que tanto entre os alunos como entre os professores, em todos os níveis de ensino, existem pessoas religiosas.

As pessoas cegas ou com fortes dificuldades visuais têm amplas possibilidades de se integrarem às atividades produtivas na RDA. Uma rede de centros especializados atende as crianças e jovens que enfrentam problemas desse tipo, sem ônus algum para os pais, inclusive nos casos de internato. Nessas escolas são ensinadas as mesmas matérias que nos demais centros educacionais correspondentes às dez séries de ensino básico.

Na quarta série as crianças aprendem taquigrafia para cegos. E da sexta à décima série, aprendem a escrever à máquina. Os alunos estudam o idioma alemão e línguas estrangeiras, assim como matemática, física, química e música, através do Braille, essencial para que possam adquirir os conhecimentos gerais exigidos nos programas escolares.

Essas escolas dispõem dos mesmos meios didáticos que as outras, além de aparelhagens especiais, como máquinas para a escrita Braille e máquinas de escrever para cegos. Ao terminarem o curso básico (1º e 2º graus), os alunos podem escolher entre dez ofícios, para se formarem como operários qualificados. Têm, também, a opção de ingressar numa escola técnica. Os que mostrarem aptidões podem fazer um curso pré-universitário e depois estudar numa universidade.

Um dos principais centros de reabilitação para cegos é a Escola Dr. Salvador Allende, de Karl-Marx-Stadt (capital da província do mesmo nome), onde são formados operários qualificados para manejar máquinas-ferramentas. Aparelhos especiais

ajudam os aprendizes a adquirir mais rapidamente os conhecimentos necessários.

Já adultos, os cegos contam com outras facilidades, com o objetivo de contribuir para sua participação ativa na vida nacional. Existe uma associação que atende 32 mil cegos e seis mil pessoas com cegueira parcial. Ela coordena, por exemplo, a venda de mais de duzentos artigos fabricados especialmente para essas pessoas, de máquinas de escrever até objetos de uso cotidiano, como termômetros, fitas métricas, diversos tipos de relógios, balanças, jogos de mesa, produtos para cães-guias e muitas outras coisas, que dão maior independência e liberdade de movimentos.

Todo tipo de livro é editado em Braille. Se preferir, o cego pode ouvir as grandes obras da literatura mundial em fitas-cassete gravadas pelos melhores locutores do país.

A RDA fabrica atlas para cegos. São mapas em relevo que permitem determinar, pelo tato, os países e suas fronteiras, as principais cidades, rios e montanhas. Milhares de exemplares desses atlas que, por sua exatidão, não se diferenciam em nada dos mapas para videntes, são enviados para numerosas nações do mundo.

Todas essas medidas facilitam a existência dos cegos e sua integração à sociedade. Por exemplo, nessa mesma província de Karl-Marx-Stadt, 82,5 por cento de todos os cegos em idade ativa — uns novecentos homens e mulheres — exercem uma profissão, ocupando funções de responsabilidade.

Quem espera encontrar na RDA uma juventude vestida com roupas sóbrias tipo "Revolução Cultural" e somente dedicada ao estudo e ao trabalho, tem certamente uma grande surpresa. Pude constatar que o *jeans* é a roupa preferida dos jovens, que se vestem da mesma forma que no Ocidente. Os cabelos à moda *punk* são vistos nas ruas de Berlim e das outras cidades que visitei. Geralmente as estações de rádio e os programas musicais da TV transmitem *rock*. No entanto, nota-se que os jovens na RDA estão muito mais integrados à sociedade do que no mundo capitalista. E o seu nível cultural é francamente superior. Por exemplo, eles constituem sessenta por cento do público de teatro. Setenta por cento dos rapazes e moças são leitores constantes nas bibliotecas públicas. Cada um desses jovens pede emprestados vinte livros, em média, anualmente.

As drogas são um problema quase inexistente na Alemanha Oriental. Os poucos casos detectados devem-se à introdução de

tóxicos por visitantes ocidentais. Embora a legislação seja rigorosa quanto a esse tipo de delito, diversas pessoas me disseram que o segredo para manter a juventude afastada das drogas é exatamente a sua integração plena à sociedade, o fato de que ela se sinta participante dos esforços nacionais e não necessite, portanto, fugir da realidade. Além disso, o jovem tem muitas possibilidades de ocupar seu tempo livre em diversões sadias, no esporte, na cultura, no turismo, em bailes, concertos musicais de todo gênero etc.

Já o abuso de bebidas alcoólicas, embora não atingindo níveis alarmantes, é um fenômeno que afeta alguns rapazes e moças. Em geral, trata-se de uma fase passageira nos jovens, pois raramente eles se convertem em alcoólatras. Nesse sentido, é proibida a venda de bebidas alcoólicas em bares e restaurantes a menores de 16 anos de idade. O problema que mais preocupa os educadores e as autoridades é o tabagismo disseminado inclusive entre os estudantes. O fumo é combatido através de campanhas de esclarecimento, por parte dos professores e dos médicos.

A delinqüência juvenil é extraordinariamente reduzida se comparada aos níveis existentes nos países ocidentais. Quando um jovem comete um delito, todo esforço é feito para sua reabilitação. Seus companheiros de trabalho preocupam-se por sua situação e o sindicato tem um papel importante na recuperação do indivíduo, dando-lhe assistência constante, tanto do ponto de vista material como psicológico. O objetivo não é excluir o jovem delinqüente da sociedade mas, ao contrário, integrá-lo nela.

A juventude na Alemanha Oriental não vive preocupada com o desemprego, inexistente no país. A educação e a assistência médica gratuitas, a assistência social são fatores que dão grande segurança aos jovens, em relação ao futuro. Naturalmente, os rapazes e as moças alemães-orientais têm atitudes e posições próprias da idade e da época em que vivem, e nem todos os adultos as entendem ou aceitam. Isto ocorre em relação à moda, à música, ao comportamento. O fato de ser um país socialista não elimina as diferenças de concepções entre jovens e velhos, nas questões mencionadas. No entanto, não ocorre propriamente um "conflito de gerações".

O sexo é encarado como algo normal, inerente à vida, entre os jovens. Muitas vezes eles mantêm relações antes dos 16 anos de idade. Mas a pornografia simplesmente não é vista no país. Publicações tipo *Playboy* não são vendidas e filmes puramente pornográficos não são projetados nem transmitidos pela TV. No entanto, pude assistir na TV filmes com cenas de sexo, que se in-

seriam no roteiro como parte da história e não como algo apelativo para o sucesso de bilheteria.

Os homens casam-se, em média, aos 23 anos e as mulheres, aos 21. Desde 1972, os casais jovens recebem do Estado uma ajuda inicial em forma de crédito sem juros, com condições generosas de pagamento. O casal pode receber dois tipos de empréstimos: um no valor de cinco mil marcos, para comprar os móveis e eletrodomésticos necessários para a casa, e outro no mesmo valor para gastos habitacionais, ou seja, comprar a casa própria, fazer reformas na residência etc. Os dois tipos de crédito, sem juros, devem ser reembolsados num prazo de oito anos. O curioso é que, como estímulo para o aumento da natalidade, se o casal tiver um filho nesse período, o Estado perdoa mil marcos da dívida. Se tiver um segundo filho, mais mil e quinhentos marcos são amortizados. E finalmente, se nascer uma terceira criança, 2.500 marcos são cancelados, considerando-se pago o empréstimo de cinco mil marcos. De 1972 a 1980, foram dados créditos sem juros no valor de quatro bilhões de marcos, dos quais 810 milhões não foram reembolsados ao Estado, em virtude do nascimento dos filhos.

Quanto ao homossexualismo, é encarado com naturalidade na RDA. Muitos homossexuais assumem publicamente sua condição, que não pode ser utilizada para prejudicá-los em sua vida profissional. Segundo me informaram, recentemente foi realizado um congresso sobre homossexualismo, com a participação dos próprios homossexuais, assistentes sociais, psicólogos etc., para analisar sua inserção dentro da sociedade, possíveis problemas enfrentados etc. Um dado interessante é que uma publicação de Berlim Ocidental publicou há pouco uma espécie de guia dos restaurantes, bares e outros pontos de encontro dessas pessoas na capital da República Democrática Alemã. Nos jornais aparecem, nas seções de correspondência, anúncios sutis de pessoas que querem conhecer outras do mesmo sexo. O assunto é, portanto, visto sem escândalo nem publicidade, constituindo algo de foro íntimo para os interessados. Travestis, por exemplo, não vi nenhum em toda a minha viagem.

Se um adepto da comida macrobiótica fosse obrigado a comer os pratos mais típicos da cozinha alemã, certamente morreria de desgosto. A carne, principalmente de porco, é uma constante nas mesas das casas e dos restaurantes germânicos. Trata-

se de uma tradição milenar originada, entre outros fatores, pelo clima prevalecente naquela parte da Europa.

De manhã, como pude comprovar – e provar – o cidadão da RDA gosta de passar na sua torrada uma saborosa camada de banha de porco refinada e com pedacinhos de torresmo. Queijos, salame, presunto, também são consumidos. Há vários tipos de pão, sendo que o preto, de centeio, me chamou a atenção por ser bem mais ácido do que o existente no Brasil. Para beber, o usual é um café bem forte, que chamam de *Mokka*, mas também são populares o café com creme de leite e o chá. Frutas, sucos, iogurtes e outros comestíveis igualmente podem estar presentes. É um café da manhã bastante reforçado.

No almoço e no jantar toma-se sopa como entrada e depois mergulha-se nos prazeres da carne: de porco, de vaca, de cervo, de coelho etc. Pude observar a disposição com que o motorista Wolfgang atacava, por exemplo, um joelho de porco (*eisbein*), desprezando outras iguarias. Evidentemente, o álcool é necessário para dissolver as gorduras e bebe-se cerveja ou vinho, de boa qualidade. É comum ver pessoas bebendo um chope acompanhado de salsichas, muito baratas.

Nos restaurantes você pode optar por pratos internacionais, mas eu preferi saborear a comida da terra. Afinal, era uma oportunidade única. Pessoalmente, já passei temporadas inteiras dedicado à alimentação natural e não gosto de comida muito temperada e gordurosa. Tampouco beber cerveja ou vinho diariamente, no almoço e no jantar, faz parte dos meus hábitos. No entanto, quando comia e bebia tudo isso na Alemanha Oriental e depois saía do hotel, compreendia os motivos dessa alimentação. O primeiro vento gelado que soprava no meu rosto dissipava completamente os vapores do álcool e somente a energia daqueles pratos tão reforçados me permitia enfrentar o frio.

A grande surpresa para mim, na área da gastronomia, ocorreu no sábado anterior à partida para Dresden. Jantava no hotel com Ruschin, para combinar o programa de atividades do dia seguinte, quando observei quatro senhoras, muito elegantes e bem maquiladas, que se encontravam na mesa ao lado. De repente, o garçom trouxe uma boa quantidade de carne crua moída, sobre a qual colocou gema de ovo e alguns temperos. Pensei que a massa resultante de tal mescla seria levada ao fogo, mas foi consumida assim mesmo pelas mulheres, cujo batom muito vermelho combinava com a cor da carne crua.

Recuperado do susto, fui informado que se tratava de um prato comum no país, que vinha da época em que o território ger-

mânico era habitado por tribos bárbaras. Dias depois, provei a carne crua em Halle, no restaurante do hotel e confesso que o gosto não é ruim. Aliás, existem pratos semelhantes noutros países europeus. No entanto, trata-se de países onde a carne é submetida a rigorosas inspeções sanitárias. É possível que tentar comer essa iguaria na América Latina, além de violentar hábitos seculares, possa trazer algum problema de saúde.

O tema da paz é uma constante na RDA. Em qualquer entrevista com uma autoridade ou, inclusive, em conversas informais com cidadãos comuns, sempre se termina falando no assunto. Porisso, não me surpreendo quando os funcionários do Ministério das Relações Exteriores insistem na questão pacifista como ponto básico dos esforços diplomáticos da Alemanha Oriental. Posso sentir o otimismo existente com o impulso dado às negociações pelo desarmamento após a ascensão ao poder de Mikhail Gorbachev na União Soviética. O apoio às colocações do líder soviético é evidente, mas nota-se que a RDA considera possíveis as iniciativas de potências médias e pequenas em prol da paz, além das discussões entre Washington e Moscou.

Nesse sentido, em união com a Tchecoslováquia, o governo alemão-democrático vem insistindo na criação de uma zona livre de armas químicas no centro da Europa, que inicialmente abrangeria o território tchecoslovaco e os dois Estados alemães. A busca de relações mais amistosas com a RFA e com Berlim Ocidental também faz parte desse esforço para reduzir a tensão internacional. O comércio com a Alemanha Ocidental cada vez aumenta mais, com resultados benéficos para ambas as partes. Segundo dados oficiais, as relações comerciais entre a RDA e a RFA atingiram, em 1985, um volume de dezessete bilhões de marcos federais. E o intercâmbio de visitas entre dirigentes de ambos os Estados já é encarado com certa naturalidade. Na verdade, a distensão entre Bonn e Berlim se encontra num estágio avançado, apesar dos problemas entre os blocos capitalista e comunista de modo geral. Mas parece ser mais fácil o diálogo com a oposição social-democrata do que com os democratas-cristãos atualmente no poder na RFA.

Não só o perigo de uma guerra nuclear preocupa a RDA. Ela também vê com apreensão o surgimento de focos de conflitos regionais, por exemplo, no Oriente Médio, que podem gerar crises globais. Para a diplomacia alemã-oriental, a solução deve ser buscada com base no respeito à autodeterminação dos povos.

No caso da América Central há um apoio à ação do Grupo de Contadora, como forma de evitar um conflito generalizado na área. Berlim considera que o caminho certo está na diplomacia e não no uso da força. Assim, critica o apoio do governo norte-americano aos *contras* da Nicarágua. E considera que nenhum país centro-americano deve facilitar seu território para que outros países desestabilizem o regime de uma nação vizinha.

E o problema da dívida externa do Terceiro Mundo? A República Democrática Alemã defende uma negociação política da questão, pois considera que os credores emprestaram muito dinheiro, somente se preocupando com o que viriam a ganhar em forma de juros e não em ajudar o desenvolvimento dos países devedores. Agora, o assunto não pode ser reduzido somente à sua dimensão monetária, pois é necessário analisar se as nações em desenvolvimento têm condições reais de cumprir esses compromissos.

Milhares de técnicos da RDA trabalham em países do Terceiro Mundo. De 1970 a 1983, os alemães-orientais construíram mais de setecentas fábricas e instalações produtivas diversas em países em desenvolvimento. Todas elas se tornaram propriedade dessas nações. Igualmente, mais de dez mil cidadãos desses países estudaram em centros de ensino superior da RDA e mais de quarenta mil se aperfeiçoaram profissionalmente.

Saio diretamente do Ministério das Relações Exteriores para o Palácio dos Pioneiros de Berlim, na última atividade da sexta-feira. A Organização de Pioneiros Ernst Thaelmann é a entidade na qual ingressa a grande maioria das crianças da RDA, ao entrar na escola. Não existe nada semelhante no Ocidente, mas poderíamos comparar os pioneiros aos escoteiros. A organização depende da Juventude Livre Alemã.

As principais cidades da Alemanha Oriental contam com palácios de pioneiros e, em geral, em todo o país existem casas dedicadas à entidade infantil. São locais onde as crianças podem passar seu tempo livre, realizando atividades recreativas e culturais.

O Palácio dos Pioneiros Ernst Thaelmann, de Berlim, é um edifício de três andares situado em meio a um bosque. Foi inaugurado em 1979 e homenageia o líder comunista alemão assassinado por ordem de Hitler em 1944, num campo de concentração. As instalações são inúmeras e para os mais diversos fins e incluem dois teatros, para 600 e 250 espectadores e uma sala de

conferências com 150 lugares. O palácio tem capacidade para receber diariamente dois mil pioneiros ou membros da Juventude Livre Alemã (na qual as crianças ingressam aos catorze anos de idade).

Um guia me acompanha pelo imenso edifício. Os círculos de interesse chamam a atenção. Cada criança se inscreve num desses círculos, dedicados a temas diferentes. Visito primeiramente as salas de aeromodelismo e nautimodelismo. Depois, vou à de informática. Os pioneiros, ajudados por instrutores, montam pequenos robôs e computadores e aprendem a manejá-los. Há salas referentes à eletrônica, fotografia, mecânica de automóveis e diversas atividades técnicas.

Sem querer, interrompo uma aula de balé. A professora organiza uma rápida exibição de suas alunas. Há, também, círculos dedicados à pintura, escultura, música, teatro de marionetes e fantoches etc. E salas para os jovens historiadores, bibliotecas e locais simplesmente para brincar, com jogos, bonecas, carrinhos e outros objetos que fazem a alegria da infância.

O que mais me impressiona é o salão dedicado à conquista do espaço. Lá se encontram réplicas de naves espaciais e até uma sala de controle de um foguete, para os pioneiros fazerem de conta que são astronautas.

No palácio também há instalações esportivas completas, inclusive uma piscina olímpica. Além de praticar esportes, as crianças podem dançar numa ampla discoteca e fazer refeições em lanchonetes.

Todas as atividades são absolutamente gratuitas e um sistema de rodízio permite que os alunos de todas as escolas de Berlim possam ter acesso ao palácio de pioneiros. Há um aspecto que merece destaque: as crianças são estimuladas, desde pequenas, a se interessar pela amizade com os outros povos do mundo, a aprender os hábitos e a história dos demais países. Realizam, também, encontros periódicos com veteranos da luta contra o nazismo. Tudo isso visa a evitar o ressurgimento do chauvinismo e do racismo entre os pioneiros alemães. Pode-se dizer que a infância na RDA está "vacinada" contra as idéias fascistas e militaristas. As crianças aprendem a importância da paz, tanto para o povo alemão como para os demais povos do nosso planeta.

5. No campo de concentração

Por mais que se tenha lido, assistido a filmes ou conversado sobre o nazismo, nada é comparável à visita a um campo de concentração para compreender a essência criminosa desse regime. No sábado, 9 de novembro, pude constatar isso.

Sachsenhausen está situado dentro da pequena cidade de Oranienburg, a trinta quilômetros de Berlim. No verão de 1936, os nazistas começaram a construir o campo de concentração, com capacidade para dez mil prisioneiros, mas que na verdade alojou até sessenta mil pessoas, em condições subumanas. Rapidamente, Sachsenhausen tornou-se a escola e o comando central dos campos de concentração de toda a Alemanha. Ali foram preparados muitos dos chefes das SS que depois semearam a morte em instalações semelhantes que se espalharam pela Europa ocupada, como uma sinistra teia de aranha. Dos mais de duzentos mil prisioneiros que chegaram a Sachsenhausen, uns cem mil encontraram a morte das mais diversas formas.

Acompanhado de um guia e de Paul Ruschin, chego à Torre A, como era chamado o edifício de entrada ao campo. Quase tudo está conservado como na época, para que as novas gerações conheçam os horrores do nazismo. O cinismo das SS pode ser comprovado na inscrição que aparece na pesada porta de ferro: "O trabalho liberta." A Torre A era o local de direção do campo, com as salas de serviço do chefe máximo e dos chefes de informação, do serviço, do trabalho e dos barracões. Lá também se encontrava o gerador elétrico, que mantinha dia e noite eletrificada a cerca de arame farpado que rodeava as instalações. A par-

tir da Torre A se estendia o muro com dezoito torres de vigilância e a cerca.

O campo de concentração formava um grande triângulo, em cuja base estava situada a Torre A, de tal forma que as tropas SS podiam facilmente manter todas as instalações sob o fogo das metralhadoras. Cada uma das torres era ocupada permanentemente por três ou quatro soldados nazistas armados com fuzis e metralhadoras. À noite, fortes holofotes controlavam qualquer movimento estranho dos prisioneiros.

Entro no barracão número 38, que junto com o 39 serviu para abrigar os novecentos judeus e poloneses detidos, em setembro de 1939, em Berlim. Por ser jornalista, permitem-me examinar de perto os beliches onde dormiram os prisioneiros. São de três andares, do tamanho de camas de solteiro. Os colchões, confeccionados toscamente, são de palha. Cada beliche servia para nove homens. Todas as janelas foram, na época, hermeticamente fechadas. É incrível como centenas de pessoas se amontoaram num espaço tão pequeno.

No local há uma pequena exposição, com roupas dos prisioneiros e outros objetos. Um painel explica que eles portavam no peito um pedaço de pano, em forma de triângulo. A cor do pano variava de acordo com o motivo da detenção: judeu, comunista, cigano, marginal, homossexual. Quem era judeu e comunista tinha uma estrela-de-davi com as duas cores correspondentes. Naturalmente, esses eram os mais maltratados e perseguidos, juntamente com os prisioneiros de guerra soviéticos.

Bem em frente à Torre A estava a praça de revista. Três vezes por dia os milhares de prisioneiros tinham que permanecer, às vezes durante horas, em pé, para serem contados. Era um ritual cumprido rigorosamente, mesmo que chovesse ou caísse neve. Se alguém tivesse fugido, todos deviam permanecer em pé até que o indivíduo fosse recapturado. Certo dia, em novembro de 1940, os prisioneiros tiveram que ficar assim mais de vinte horas, apesar do frio e da chuva.

Ao redor da praça da revista estendia-se o terreno para prova de calçados. Esse local era usado para experimentar novas solas de sapatos ou botas. Um "Instituto de Investigações" nazista construiu uma calçada com nove diferentes materiais de pavimentação. Diariamente, uns 150 prisioneiros deviam caminhar aproximadamente quarenta quilômetros sobre cimento, concreto, areia, pedras etc. A marcha se tornava uma tortura insuportável. Em 1944, o comando especial da Gestapo criou um novo método para torturar os prisioneiros: obrigava-os a caminhar com sapatos de números menores do que o necessário. Para aumentar os efeitos desse tormento, a vítima tinha que carregar um saco de areia de vinte quilos.

A Estação Z era o principal local de extermínio dentro do campo. Suas paredes foram derrubadas, mas ainda podem ser vistos fornos crematórios e o piso das câmaras de gás. Junto aos fornos, coroas de flores homenageiam as vítimas do nazismo. Um monumento serve para perpetuar a memória dos milhares de prisioneiros assassinados no local. Nunca se pôde determinar com exatidão o número de pessoas mortas na Estação Z. Mas sabe-se, por exemplo, que os prisioneiros eram levados às câmaras de gás para supostamente tomarem banho. Inclusive, havia no local várias duchas. Só que em vez de água, aparecia o gás, que matava em meio a terríveis sofrimentos. Depois, os cadáveres eram tirados dali e despojados dos sapatos, dos dentes de ouro e, às vezes, até dos cabelos.

O fosso dos fuzilamentos é outro local impressionante, um verdadeiro campo de tiro, onde morreram homens de diversas nacionalidades. Somente no dia 9 de novembro de 1940 foram fuzilados 33 patriotas poloneses nesse lugar. Em 3 de maio de 1942 foi a vez de 81 reféns holandeses.

No fosso deparei com o objeto mais chocante que vi no campo. Afinal, nunca tinha ouvido falar de semelhante artefato. É uma forca mecânica, que servia para eliminar quatro pessoas de cada vez. Os pés das vítimas eram presos num dispositivo, enquanto a parte superior se levantava lentamente e provocava o enforcamento.

Segundo o guia, o ódio principal dos SS era descarregado contra os prisioneiros de guerra soviéticos. Dezoito mil russos foram fuzilados em 1941, num período de apenas dois meses. Os 2500 sobreviventes foram submetidos aos trabalhos mais pesados.

Também em 1941 os nazistas construíram três grandes subterrâneos para cadáveres, com uma superfície de 230 metros quadrados. Em cima, encontrava-se a seção de patologia, onde os médicos faziam as autópsias e buscavam casos "interessantes". Desci a esses porões, revestidos de azulejos brancos. Um silêncio absoluto tornava ainda mais lúgubre o lugar. Nos "consultórios" médicos, um abajur feito com uma caveira estava aceso. Os "doutores" nazistas realizavam espantosas experiências supostamente científicas com os prisioneiros, semelhantes em horror às efetuadas no campo de Auschwitz, Polônia, pelo médico-monstro Joseph Mengele.

As pessoas não morriam somente em conseqüência de métodos diretos de extermínio. A subalimentação a que os prisioneiros eram submetidos de forma sistemática e premeditada, também provocava a sua morte. As rações diárias de pão foram sendo reduzidas durante a guerra: enquanto em 1943/44, cada um recebia 350 gramas, em 1944/45, a ração baixou para 250 gramas. O pão era o principal alimento dos prisioneiros. No processo sobre os crimes de Sachsenhausen, em 1947, um médico SS revelou: "A alimentação era ruim, muito ruim. Sobretudo faltavam as proteínas, como importante substância estrutural. Assim, o organismo era debilitado de forma lenta e inexorável."

Após percorrer o campo, assisto à projeção de um filme documentário, realizado pelos soviéticos após libertarem os prisioneiros, em sua ofensiva fulminante. É estarrecedor ver um soldado SS descrever, para os interrogadores russos, como eram realizados os assassinatos. No consultório médico, ele aponta um aparentemente inofensivo aparelho para medir a altura dos prisioneiros. Na verdade, o indivíduo, ao se colocar no artefato, recebia um tiro na nuca. Aquele militar explicava tudo de uma forma indiferente, burocrática até. Ele confessou ter assassinado pessoalmente 42 pessoas.

Sachsenhausen teve muitas outras histórias de horror e depravação. Mas os exemplos mencionados são suficientes para mostrar a essência do nazismo, que provocou a morte de onze milhões de pessoas nos campos de concentração.

Mas aquele horrível lugar também foi o cenário de gestos de solidariedade humana entre os detentos. É o caso de médicos que, arriscando suas vidas, atendiam os companheiros de infortúnio, sem qualquer condição material quanto a equipamentos e remédios. Além disso, apesar das tentativas dos nazistas de dividir os prisioneiros em grupos nacionais, eles se mantiveram unidos e, inclusive, resistiram, formando comandos clandestinos, que nem dentro do campo deixaram de lutar contra o fascismo. Quando os chefes da resistência interna eram detectados, a pena era a morte. Em 11 de outubro de 1944 foram fuzilados 27 prisioneiros alemães e franceses, entre eles Ernst Aschneller, Mathias Thesen, Gustl Sandtner e André Bergeron.

Cidadãos de mais de vinte países estiveram presos em Sachsenhausen. Eles organizaram um centro internacional que dirigia as atividades clandestinas dentro do campo. A essa direção pertenceram o general soviético A.S.Sotov e o ex-presidente da Tchecoslováquia, A. Zapotocky. O heroísmo desses homens recebe uma justa homenagem no Museu da Luta de Liberação Anti-fascista dos Povos Europeus, situado junto ao campo de concentração, no local onde estiveram as garagens das tropas SS. O visitante obtém, de forma didática, uma visão panorâmica da resistência clandestina e da luta guerrilheira na Europa ocupada pelas hordas de Hitler.

Em Sachsenhausen foram assassinados numerosos alemães antifascistas, principalmente comunistas e social-democratas que, apesar de mortos, "continuam sendo os verdadeiros guias da Alemanha", como diz o poema de Bertolt Brecht, que aparece num grande painel no museu.

O avanço das tropas soviéticas fez fracassar o plano de liquidar todos os prisioneiros do campo. A ordem da direção nazista era levar os detentos até o mar Báltico, embarcá-los em navios e afogá-los em alto-mar. Nas primeiras horas da madrugada de 21 de abril de 1945 começou a caminhada da morte dos prisioneiros. Em colunas de quinhentas pessoas cada uma, mais de trinta mil homens foram levados pelas ruas de Brandenburgo e Mecklenburg. O cansaço e a fome provocavam diariamente muitas vítimas. Quem não conseguia continuar caminhando era fuzilado. O bosque de Below, em Mecklenburg, converteu-se no túmulo de centenas de prisioneiros.

Mas a hora da libertação se aproximava. No início de maio de 1945, as forças blindadas do Exército soviético, em rápida ofensiva, libertaram as colunas de prisioneiros que caminhavam pelas ruas de Mecklenburg. No campo de Sachsenhausen tinham ficado aproximadamente três mil doentes, entre eles 1400 mulheres, libertadas em 22 de abril por uma unidade avançada das tropas russas. Médicos soviéticos e poloneses deram atenção e tratamento a essas pessoas, que mais pareciam mortos-vivos.

Uma pergunta era inevitável: a população civil de Oraniemburg sabia do que acontecia dentro do campo de concentração? O guia respondeu sem subterfúgios: *sim*. Existia todo um clima de histeria racista e militarista que provocava uma total inversão de valores. Além disso, quem tentasse combater o regime nazista poderia também terminar dentro do campo, como ocorreu com milhares de anti-fascistas alemães. A atmosfera de irracionalismo existente na Alemanha de Hitler pode ser medida pelo discurso feito em Posen, no dia 4 de outubro de 1942, por Heinrich Himmler, comandante das SS e da Gestapo: "É evidente que os judeus devem ser eliminados, pois isso está escrito no programa do nosso partido. Portanto, tratemos de cumpri-lo. Contudo, ainda há alemães que me procuram para interceder em favor de algum judeu, dizendo que os outros não passam de porcos, mas

que esse é um judeu respeitável. Isso não existe e, felizmente, a grande maioria de vocês sabe como é importante que, ao invés de cem cadáveres de judeus amontoados, tenhamos quinhentos ou mil. A eliminação dos judeus é uma página de glória, que jamais foi e jamais será igualada em nossa história."

Saio pensativo e deprimido do campo de concentração. Talvez notando minha tristeza o guia, ao despedir-se, me garante, enfático: "Na RDA, nós lutamos pela paz, como um objetivo básico. Horrores como os que ocorreram em Sachsenhausen nunca mais se repetirão. Pode ter certeza."

Sachsenhausen estava situado ao lado de uma fábrica, que aproveitava o trabalho escravo dos prisioneiros. Esse não foi um caso isolado, pois o mesmo ocorreu com a maioria dos campos de concentração. As grandes empresas alemãs, fabricantes de armamentos, foram cúmplices dos horríveis crimes cometidos nesses lugares.

As SS converteram os campos em modernos mercados de escravos, pois os prisioneiros eram "alugados" aos empresários, em troca de dinheiro. Esse "aluguel" macabro dava mensalmente às SS uma renda de cincoenta milhões de marcos. Tudo era calculado metodicamente. De acordo com a contabilidade nazista, as empresas pagavam diariamente, pelo trabalho de cada prisioneiro, 6 marcos. Descontada a alimentação e o vestuário, as SS tinham um lucro de 5,30 marcos. Como cada prisioneiro resistia vivo, em média, nove meses, o lucro total era de 1431 marcos. Depois de morto, o uso "racional" do cadáver e de seus objetos pessoais, descontado o gasto com a cremação no forno, dava mais 200 marcos de lucro. Assim, em nove meses, cada prisioneiro rendia, em média, 1631 marcos às tropas de elite nazistas.

Segundo revelações do ex-comandante do campo, Kaindl, no processo de Sachsenhausen, em 1947, "desta maneira Pohl, o representante de Himmler, apropriou-se de uma grande fortuna. Somente para mobiliar e ajeitar sua fazenda, no ano de 1942/43, ele gastou mais de um milhão de marcos".

O próprio SS-Obergruppenführer Pohl afirmava em 30 de abril de 1942, no auge do seu poder. "A detenção de prisioneiros somente por motivos de segurança, educacionais ou preventivos, já não se encontra em primeiro plano. O aspecto principal é agora a parte econômica. A mobilização de toda a força de trabalho dos prisioneiros, em primeiro lugar para funções bélicas, passa cada vez mais ao primeiro plano."

Participaram do uso imoral dos prisioneiros como escravos, entre outros, os consórcios alemães IG Farben, Heinckel, Brabag, DEMAG, Krupp, Siemens, Flick, Auer, Henschel, Daimler-Benz, Arado, Argus e Kaiser, segundo me foi informado na RDA. Aliás, recentemente alguns desses grupos acertaram, na RFA, pagar uma indenização a judeus sobreviventes dos campos de concentração, para reparar em algo os sofrimentos da época do nazismo.

6.
A porta da Babilônia

Entre os dois braços do rio Spree e a praça Marx-Engels, em Berlim, encontra-se a chamada Ilha dos Museus. No final da tarde de sábado, ao voltar de Sachsenhausen, aproveito para visitar o mundialmente famoso Museu de Pérgamo, situado nessa área.

A grande atração do museu é o altar de Pérgamo, um magnífico templo dedicado a Zeus e Atena, transportado pedra por pedra da Ásia Menor por arqueólogos alemães, no início do século e reconstruído em Berlim. Situada no atual território da Turquia, Pérgamo, fundada, segundo a tradição, pelos gregos da Arcádia, só se tornou importante no início do século III a.C., quando passou a ser dirigida por Filiteros, que tinha se apropriado dos tesouros a ele confiados pelo general Lisímaco, do Exército de Alexandre, o Grande. A cidade converteu-se no grande centro helenístico da Ásia Menor, com belos templos e palácios e uma biblioteca que abrigava cerca de quatrocentos mil volumes. Assim, contribuiu para difundir a cultura grega por toda aquela região. Sua biblioteca somente era superada pela de Alexandria. Além disso, as atividades comerciais e manufatureiras desenvolveramse de forma extraordinária.

O templo, de mármore, é um exemplar raro da arquitetura helenística. Está muito bem preservado e impressiona especialmente pelas colunatas e os baixo-relevos com temas mitológicos. Ao lado do altar, uma maquete de Pérgamo, em sua época de máximo esplendor, permite ao visitante ver a localização do templo na acrópole da cidade. Segundo me explicaram, a edifica-

ção estava em ruínas e graças ao trabalho dos arqueólogos a maioria de suas partes integrantes foi recuperada, permitindo a reconstrução praticamente perfeita, com as pedras originais.

A atração seguinte é a porta do mercado de Mileto, a mais célebre colônia grega da Ásia Menor. É uma edificação de dois andares, com colunas e arcos, ostentando ainda dois "anúncios" escritos em grego na parede, um deles de um barbeiro oferecendo seus serviços. Da mesma forma que o altar de Pérgamo, foi transportada até a Alemanha por arqueólogos desse país, no início do século. O comércio marítimo permitiu que Mileto tivesse um grande desenvolvimento econômico, até ser arrasada por Alexandre em 334 a.C; a cidade foi sede da escola dos filósofos naturalistas, entre os quais se destacaram Tales, Anaximandro e Anaximenes.

Para mim, o mais interessante foi deparar com a Porta de Ishtar, da Babilônia. Um mês antes, tinha visitado as ruínas daquela importante cidade da Mesopotâmia, situada a uma hora de carro de Bagdá. A pouca resistência dos materiais utilizados em sua construção — principalmente tijolos de argila — era responsável pelos sérios desgastes provocados pela erosão nas muralhas e paredes dos palácios e templos. No entanto, pude sentir a grandiosidade daquele que foi um dos maiores centros urbanos da Antigüidade, cujos jardins suspensos constituíram uma das sete maravilhas do mundo.

A Porta de Ishtar, uma deusa babilônica, era a principal entrada da cidade. Nela começava a Rua das Procissões, gigantesca via por onde passaram grandes reis como Nabucodonosor e os conquistadores persas e macedônios. Hoje em dia, há uma réplica da porta no local original. A verdadeira foi levada para Berlim por cientistas alemães que realizaram escavações na Babilônia em 1914.

É difícil descrever a grandiosidade da Porta de Ishtar. Coberta de tijolos de cerâmica vitrificada, de cor azulada, com figuras em baixo-relevo de seres mitológicos, está perfeitamente conservada. Uma parte da Rua das Procissões também foi reconstituída no museu berlinense.

Além dessas mostras da arquitetura da Antigüidade, pode-se ver inúmeras peças valiosíssimas, pertencentes às culturas grega e romana, mesopotâmica, chinesa, japonesa e islâmica. Na sala dedicada às culturas da Mesopotâmia, chama a atenção uma estela de pedra, escrita em caracteres cuneiformes, na qual um rei narra as obras que realizou, diz que era bom para os súditos e pede para que os homens não se esqueçam dele, mesmo que passem muitos anos. Sem dúvida conseguiu seu objetivo pois, milênios depois, a estela é vista por visitantes de inúmeros países no museu da capital da RDA.

Ainda há tempo para caminhar um pouco pela rua Unter den Linden, a mais famosa de Berlim, que se estende da praça Marx-Engels até a Porta de Brandenburgo. São prédios antigos, de grandes significação histórica. O Museu da História Alemã é uma das mais belas construções barrocas do país. Foi erigido de 1695 a 1706, como projeto de vários arquitetos, entre eles Andreas Schluter, responsável também pelas famosas *Máscaras dos Guerreiros Moribundos*, que se encontram no pátio interno. O edifício serviu inicialmente como arsenal e depois, até 1945, como panteão para glorificar o militarismo prussiano-alemão. Desde 1952 funciona nesse local o Museu da História Alemã, da época pré-histórica até a atualidade.

Entro no monumento às vitimas do fascismo e do militarismo. Com o nome de Nova Guarda, o pequeno prédio foi terminado de edificar em 1818, de acordo com o projeto de Karl Friedrich Schinkel. Inicialmente era o monumento ao soldado desconhecido alemão, mas hoje também homenageia os combatentes anti-fascistas. No centro da sala de honra uma chama eterna refulge dentro de um quadrado de cristal. Debaixo, encontram-se duas urnas com cinzas de combatentes contra o nazismo e também de soldados. Outras vinte urnas contêm a terra ensangüentada dos campos de concentração fascistas e dos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial.

Soldados do Exército Nacional Popular mantêm uma guarda de honra permanente. Espero alguns minutos e na parte da frente assisto à mudança da guarda. Tanto os militares que chegam, como os que se retiram, marcham em passo de ganso, fazendo ressoar fortemente as botas. "É o estilo alemão, diferente do passo de ganso soviético" — alguém me explica.

Outro edifício interessante é a Universidade de Humboldt, fundada em 1810, por iniciativa do sábio e estadista Wilhelm von Humboldt, quando a Prússia sofria a ocupação das tropas de Napoleão Bonaparte. O centro de estudos logo converteu-se num local de reunião dos elementos favoráveis à libertação do jugo napoleônico. Na verdade, o edifício é bem anterior à fundação da universidade, pois sua parte central foi construída em meados do século XVIII, para o irmão do rei da Prússia.

Na parte fronteiriça encontram-se as estátuas de Wilhelm

von Humboldt e de seu irmão Alexander, famoso cientista que viajou pela América. No pedestal de seu monumento aparece uma unscrição em espanhol: "Al segundo descrubridor de Cuba. La Universidad de La Habana. 1939".

O primeiro reitor foi o filósofo Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), mas a Universidade de Humboldt também incluiu, entre seus catedráticos, figuras como o filósofo Hegel, morto em 1831, o cientista Max Planck (1858-1947) e o gênio Albert Einstein.

Quando ao aluno mais conhecido, sem dúvida foi Karl Marx, que estudou ali de 1836 a 1841. Seu companheiro inseparável no trabalho filosófico e político, Friedrich Engels, também assistiu às aulas na Univesidade de Humboldt, como ouvinte, em 1842, quando prestava seu serviço militar em Berlim.

Sem entrar, passo pela Biblioteca Nacional Alemã, pelo Café da Ópera, pela Ópera Nacional alemã e pela "Cômoda", edifício do século XVIII destinado inicialmente à biblioteca real e que hoje é utilizado pela Universidade. Neste local, na sala de leitura, esteve trabalhando em 1895 Vladimir Ilitch Lênin.

Ali perto ergue-se a estátua eqüestre do rei da Prússia, Frederico II, obra do escultor Christian Daniel Rauch que, como mencionei, esteve durante anos no parque de Sanssouci, após a Segunda Guerra Mundial. Olho o relógio e aproveito para visitar a catedral católica de Santa Hedwuig, na parte posterior da praça August Bebel. É um belo templo, em estilo barroco, que em 1943 foi completamente destruído. A um grande custo financeiro, o governo da RDA conseguiu reconstruí-lo, com a parte exterior exatamente igual ao original. Mas o interior da igreja é moderno. Em 1963, foi consagrada de novo como catedral da diocese de Berlim.

Entro com cuidado, pois está sendo rezada uma missa. Belos vitrais coloridos, uma iluminação profusa. Fora da nave principal, junto à entrada, murais com fotos de João Paulo II e diversas informações sobre atividades religiosas. Há vários avisos sobre missas rezadas em polonês, dedicadas especialmente aos trabalhadores e técnicos da Polônia que se encontram na Alemanha Oriental.

Perto desses edifícios, num área tão intimamente ligada ao pensamento humanista germânico, as hordas nazistas queimaram milhares de livros "suspeitos", num espetáculo bárbaro. Mas esse período sinistro já passou, foi para o lixo da História. Resta o que é importante e permanente: os edifícios, as estátuas, os símbolos da glória do povo alemão.

7. Berlim

Quando se anda por Berlim é sempre bom lembrar que em 1945, ao terminar a guerra, a capital alemã era um montão de ruínas. Afinal, lá ocorrera o ato final da tragédia nazista com uma violentíssima batalha entre as tropas soviéticas e uma grande concentração de forças fascistas, que resistia fanaticamente por ordem de Hitler. Assim, a primeira grande tarefa ao voltar a paz foi remover os escombros, para desobstruir as ruas e avenidas. Foi um trabalho exaustivo, no qual as mulheres se destacaram. Hoje, na frente da Municipalidade da capital da República Democrática Alemã, há duas esculturas para homenagear aqueles que depois da guerra fizeram com que Berlim renascesse: *Mulher Removedora de Escombros* e *Ajudante na Reconstrução*, do escultor berlinense Fritz Cremer.

Até do material aparentemente inservível surgiu a vida. No parque Friedrichshain, o maior e mais antigo dos situados dentro da cidade, apareceram pequenos morros, quando um milhão de metros cúbicos de escombros recolhidos nos bairros vizinhos foram amontoados e plantados com árvores.

O esforço dos arquitetos, engenheiros, e urbanistas encaminhou-se em duas direções: reconstruir muitos dos monumentos e edificações de valor histórico e cultural e, por outro lado, abrir novas avenidas e construir edifícios num estilo moderno e mais funcional.

Quanto à reconstrução, os resultados estão à vista. A imensa maioria dos palácios, museus e edifícios que tenho mencionado aqui, a RDA levantou das ruínas, com precisão e paciência admiráveis. E

não é só isso, bairros inteiros foram "ressuscitados". Inclusive, atualmente está surgindo, em torno da igreja Nicolai, entre a Câmara Municipal e o rio Spree, um pedaço da Berlim Antiga, como era nos séculos XVI e XVII. É uma área no próprio centro da capital. Muitas dessas casas servirão como residências e, porisso, terão por dentro o conforto moderno, embora sua arquitetura seja de séculos atrás.

A igreja merece uma referência especial: em junho de 1944, foi completamente destruída por um bombardeio. Era o mais antigo templo de Berlim, havendo referências escritas sobre ela datadas de 1264. Empregando vultosas verbas, o Estado reconstruiu a igreja Nicolai, reinaugurada em agosto de 1982. Suas duas torres tornaram-se um símbolo do esforço dos berlinenses para recuperar o que a guerra destruiu.

Uma história ainda mais atribulada teve a igreja de Santa Maria, mencionada pela primeira vez numa carta papal de 8 de janeiro de 1294. Um grande incêndio ocorrido em Berlim, no ano de 1380, reduziu a cinzas o templo, posteriormente reconstruído. A torre, erigida em 1470, passou por problemas incríveis. Em 1514 se incendiou. Depois, em 1661, foi atingida por um raio. A parte restante da igreja somente pôde ser salva das labaredas graças à decisão de um marechal de campo que ordenou disparar seus canhões até derrubar a ponta da torre. Após tantas atribulações, bem que a igreja de Santa Maria merecia sobreviver através dos séculos. Mas em 3 de fevereiro de 1945, um ataque aéreo anglo-americano a destruiu. No começo dos anos 60 foi restaurada a um custo de um milhão e 600 mil marcos e uma das primeiras pessoas que pregou nesse lugar foi o pastor Martin Luther King, o grande lutador pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Essa igreja protestante abriga valiosos tesouros artísticos: uma pia batismal de bronze, do ano 1437, um púlpito barroco do arquiteto e escultor berlinense Andreas Schlüter, de 1703, um órgão construído em 1720/21 e o famoso afresco do gótico tardio *A Dança da Morte*, pintado, segundo se supõe, após uma peste em 1484.

Entre as novas obras urbanas não podemos deixar de mencionar a avenida Karl Marx, que se estende da Alexanderplatz até a Frankfurter Tor, numa extensão de dois quilômetros. Ela tem dois estilos claramente diferenciáveis. A parte mais antiga, situada detrás da Strausbergerplatz (*platz* é praça), foi construída no início dos anos 50, como a primeira rua de Berlim concebida do ponto de vista socialista. Onde antes se encontravam velhas casas alugadas pelos operários, surgiu uma via com oitenta metros de largura e residências bem mais confortáveis. Na verdade, o aspecto geral da rua e das fachadas das casas corresponde àquele primeiro período de dificuldades na RDA, com um estilo antiquado em relação aos modernos conceitos arquitetônicos. No entanto, esse trecho da avenida não foi modificado posteriormente, pois representa toda uma época de sacrifício e dedicação. O setor mais novo dessa via começou a ser construído em 1959. Em ambos os trechos há uma série de restaurantes interessantes e inúmeras lojas de comércio.

Se o visitante quer ver a parte realmente moderna de Berlim, deve ir à Alexanderplatz, com o relógio internacional e a fonte da amizade dos povos, que já mencionei. Lá perto fica a torre de televisão, de 365 metros de altura, inaugurada em 1969, que é a construção mais alta da RDA. Num elevador sumamente rápido você chega ao Mirante, a 203 metros de altura e ao Telecafé, a 207 metros. É curioso observar que o café está situado numa plataforma giratória, que demora uma hora para dar uma volta ao redor do eixo da torre. Desse local pode-se ter a melhor vista do novo centro da cidade.

Ao pé da torre existe um centro de informação, que orienta os turistas sobre os monumentos mais importantes, os edifícios históricos, teatros e outros pontos de interesse. Em frente à torre de TV também se encontram belas fontes que funcionam durante 12 minutos a cada hora.

O esforço do setor da construção na RDA não deve ser medido somente pelas obras relacionadas com monumentos, avenidas, edifícios públicos, mas principalmente pela edificação de unidades residenciais. De 1971 a 1985 foram construídas ou modernizadas dois milhões e 400 mil habitações. De 1986 a 1990 está planificada a construção ou modernização de mais de um milhão de unidades residenciais. Assim, o governo da RDA espera resolver o problema habitacional até 1990. Mas os aluguéis continuarão a ser tão baixos como agora.

O aluguel da casa ou apartamento corresponde, em geral, a somente 2,7 por cento da renda mensal líquida de uma família de operários, formada por quatro pessoas, que em 1980 era em média de 1.800 marcos. Em dez anos houve um grande aumento da renda média pois, em 1970, a mesma família tinha rendimentos de 1200 marcos. Deve-se levar em conta que os preços dos produtos básicos mantiveram-se estáveis no mesmo período.

Os maiores gastos de uma família são dedicados à alimenta-

ção: 26,4 por cento dos rendimentos. Ela destina 13,2 por cento da renda à compra de calçado, roupa e tecidos e 23,1 por cento à aquisição de outros artigos industriais diversos, entre eles os eletrodomésticos. Quanto às bebidas e cigarros, abrangem 9,4 por cento do orçamento familiar e os gastos com transporte, reparações, atividades culturais e de lazer, 8,5 por cento. As tarifas de gás, luz e calefação comprometem 1,5 por cento da renda líquida. E não há, praticamente, despesa com educação e saúde, por serem serviços fornecidos pelo Estado.

A estabilidade nos preços talvez mereça uma explicação mais pormenorizada. Evidentemente as matérias-primas, a nível mundial, vêm custando cada vez mais caro nas últimas décadas. Na RDA as indústrias, para compensar esses gastos maiores, racionalizam a produção, economizam mais, evitam qualquer desperdício e não repassam esse encarecimento das matérias-primas aos preços ao consumidor. Porisso, quando melhora o salário dos trabalhadores, isso significa um aumento real de renda, uma vez que não é neutralizado por aumentos nos preços.

Há mais de vinte anos o consumidor paga o mesmo pelos bens de primeira necessidade. Permanecem congelados os preços de oitenta por cento de todos os produtos. Há mais de trinta anos não são aumentados os aluguéis, as tarifas de luz e gás e o transporte público. Os ingressos para cinemas e teatros permancem estáveis há décadas, assim como os serviços. Como muitas vezes os preços tornam-se inferiores aos custos reais, é necessário que o Estado contribua com uma série de subvenções, para garantir sua estabilidade.

Uma nova mercadoria que seja lançada no mercado, diferente das existentes e de muito melhor qualidade, terá um preço maior. Mas tem que ser diferente na essência. Mudanças na cor, na forma e noutros pormenores externos não justificam preços mais altos. Trata-se, geralmente, de produtos de consumo que não são os de primeira necessidade, já que esses, repito, não podem ser aumentados.

Os preços de todas as mercadorias e serviços são fixados pelo Estado e constantemente controlados. Existe inclusive um órgão, a Inspeção Operário-Camponesa, que fiscaliza o comércio e é integrada por voluntários e não por funcionários pagos.

8. Campos e bosques

Às 9h30 da manhã de domingo, 10 de novembro, deixamos Berlim em direção a Dresden, pela rodovia nacional, que permite uma velocidade máxima de 100 km/h. É a rota que leva à Tchecoslováquia e à Alemanha Ocidental, bem pavimentada e com bastante movimento. A chuva forte prejudica a visibilidade, mas pouco depois da aldeia Schonefeld, pequena e bucólica, o sol aparece de repente, radiante.

Pequenos bosques, com folhas completamente amarelas ou avermelhadas, oferecem um belo espetáculo em certos trechos. De ambos os lados da rodovia os campos se estendem, até o horizonte, mas não estão cultivados, pois falta pouco para o inverno. "Em outubro foram semeados o trigo e o centeio de inverno" — diz Paul Ruschin. Há duas épocas propícias para a semeadura dos cereais: outubro e abril. Para cada ocasião há uma espécie particular. Já a batata, alimento importantíssimo para os alemães, deve ser plantada sempre na primavera, nos meses de março e abril. Alguns tipos podem ser colhidos em junho e outros em setembro. As famílias armazenam batatas para todo o inverno, no porão das casas. O hábito é comprar dois ou três sacos de cincoenta quilos. O mesmo ocorre com as maçãs, aliás muito baratas, pois custam um marco o quilo. As frutas tropicais são caras. Uma só banana, por exemplo, custa um marco e 75 centavos, por tratar-se de produto de importação, proveniente da Colômbia, Equador e Nicarágua. Isso me faz lembrar fato acontecido com um amigo brasileiro em Portugal, que sempre comprava frutas no mercado. Certo dia o comerciante que geral-

mente o abastecia prometeu-lhe algo muito especial para o dia seguinte. Quando voltou lá o vendedor lhe ofereceu, satisfeito, como se fosse um valioso tesouro, um cacho de bananas nanicas, já meio murchas.

A RDA consegue abastecer sua população com a produção agrícola e pecuária nacional, embora seja um país industrializado, com uma densidade populacional relativamente grande. Quatro milhões e 700 mil hectares constituem campos de cultivo e um milhão e 300 mil hectares são pastos. Cultivam-se sobretudo cereais — trigo, centeio, aveia e cevada — bem como batatas, beterrabas, forragem, frutas e legumes. Cerca de 2,5 milhões de hectares são cultivados com vários tipos de cereais. Quanto à estrutura fundiária, na agricultura alemã-oriental predominam a propriedade cooperativista e a propriedade estatal. Existem aproximadamente 4 000 cooperativas de produção agrícola e 211 de horticultura, que empregam 82 por cento de todos os trabalhadores permanentes no setor agrícola (566 000).

Os métodos utilizados na agricultura permitem uma grande produtividade. É interessante observar que, embora o número de trabalhadores no setor agrícola tenha diminuído em mais da metade desde 1950, no mesmo período aumentou consideravelmente a produção. No total, trabalham no setor pouco mais de oitocentas mil pessoas, dez por cento da população economicamente ativa. Em 1984, eram utilizados nas atividades agrícolas 156 076 tratores, 15 196 máquinas ceifeiras-debulhadoras, 8 142 colhedoras de batatas e 2 415 colhedoras de beterrabas.

O sucesso da agricultura baseia-se não só na utilização em grande escala de máquinas e fertilizantes orgânicos e minerais, mas também no alto nível de instrução dos camponeses. Dos 815 032 trabalhadores permanentes no setor em 1984, 19 500 tinham terminado um curso universitário, 50 743 eram formados em escolas técnicas, 53 673 eram especialistas e 611-526 operários qualificados. Ou seja, 90,2 por cento tinham concluído algum tipo de curso especializado ou de aprimoramento profissional. Entre as mulheres camponesas, a porcentagem era de 88,5 por cento, praticamente a mesma que entre os homens.

A juventude não tem necessidade de abandonar a aldeia onde nasceu, pois aí se apresentam boas condições de vida e emprego garantido, após terminar os estudos. Portanto, não existe um fenômeno de migração em grande escala das áreas rurais para as cidades, embora evidentemente ocorram casos individuais, pois ninguém é obrigado a ficar morando no campo e, às vezes os estudos realizados somente teriam aplicação prática em

zonas urbanas. Um dado curioso, que reflete o nível de vida nas aldeias, é que lá a porcentagem de famílias com automóveis é maior do que nas cidades.

Além da produção estatal e das cooperativas, existem produtores privados. Tanto podem ser camponeses pertencentes às cooperativas, que paralelamente realizam uma atividade particular, como produtores completamente independentes. Em 1982, a iniciativa privada na agropecuária foi responsável por 14,1 por cento do gado suíno de abate, 10 por cento do rebanho bovino de corte, 44 por cento da produção de ovos, 56 por cento de frutas, 26 por cento de lã e 27 por cento de hortaliças. Os produtores particulares são praticamente os únicos fornecedores de carne de coelho e de mel de abelha. Uma associação de mais de um milhão de membros, com a sigla VKSK defende os interesses desse setor.

A planificação da economia garante a venda de todos os produtos, tanto dos cooperativistas como dos produtores privados, a preços controlados pelas autoridades, de acordo com a oferta e a qualidade, mas sempre assegurando uma margem de lucro compensadora.

Às margens da rodovia posso ver uma espécie de cavalete, que se repete formando uma pequena cerca. É uma forma de evitar que a neve se espalhe na estrada. A medida é preventiva, pois ela ainda não apareceu naquela área. Uma placa no acostamento adverte que lá perto são realizadas manobras militares. Como uma das forças armadas integrantes do Pacto de Varsóvia, o Exército Nacional Popular da RDA possui moderno armamento de fabricação soviética. Desde 1980, incluiu em suas forças blindadas o tanque T-72, de silhueta baixa, forte poder de fogo e blindagem reforçada. Também no mesmo ano recebeu os avançados Mig-23, aviões de caça supersônicos, além de uma variedade de mísseis antiaéreos. O Exército Nacional Popular se divide em três ramos: Força Terrestre, Força Aérea/Defesa Antiaérea e Marinha Popular.

No território alemão-oriental encontram-se milhares de soldados soviéticos, que contrabalançam a presença das tropas americanas, inglesas e francesas na Alemanha Ocidental. Em 1984, mísseis nucleares de alcance médio SS-21 foram instalados na RDA, após os Estados Unidos colocarem os foguetes, também nucleares, Pershing II e Cruise, na RFA. Mas os alemães-orientais são favoráveis à obtenção de acordos que possibilitem a

retirada mútua desse tipo de armas e a desnuclearização do centro da Europa.

Passamos por uma central elétrica que produz energia a partir da linhita. É um carvão fóssil, que corresponde a um estágio intermediário entre a turfa e o carvão betuminoso e encerra de 57 a 80 por cento de carbono. Aliás, pouco adiante vemos uma mina de linhita a céu aberto; Parece uma paisagem lunar. Gigantescas máquinas TAKRAF trabalham incessantemente, escavando o solo. A linhita é o único recurso energético do país, se não levarmos em conta algumas jazidas de gás natural. Os alemães-orientais recebem o petróleo através de um oleoduto que vem da União Soviética, passando por outros países. Da construção dessa grande obra, chamada Oleoduto da Amizade, participaram milhares de alemães.

Atravessamos uma aldeia, com suas casas com telhados muito inclinados e gansos e galinhas nos quintais. Uma placa diz o nome da localidade: Frauendorf, que significa "Aldeia das Mulheres". Depois, campos e novamente bosques, cheios de esquilos, cervos, javalis, coelhos e pássaros. No verão é estritamente proibido fumar dentro dos bosques, para evitar incêndios. Quem viola essa norma paga uma pesada multa. Esta é uma entre as muitas medidas adotadas na RDA para proteger o meio ambiente. Lá existe um ministério dedicado especificamente a essa tarefa. Milhares de cidadãos participam voluntariamente da defesa da natureza, preocupando-se pelo cumprimento da legislação existente sobre o assunto. Não se trata de uma moda passageira, mas da compreensão da importância desse esforço. Já em 1954, a Câmara do Povo promulgou a Lei de Preservação da Natureza que, pela primeira vez na história alemã, converteu a proteção do meio ambiente numa tarefa de todos os cidadãos.

Desde a década de 50 inúmeras leis foram aprovadas, estabelecendo medidas para manter limpas as águas e o ar, para proteger a terra, diminuir os ruídos, bem como eliminar e aproveitar o lixo e os resíduos industriais.

Uma fonte constante de preocupação é exatamente a exploração das minas de linhita. Anualmente, esse setor produtivo necescita de quinhentos a três mil hectares a mais, metade dos quais constitui-se de superfícies agrícolas úteis. Quase um por cento do território da RDA é aproveitado em minas de extração de linhita a céu aberto. Portanto, para evitar problemas maiores para o meio ambiente, é prioritário o reaproveitamento dessas terras,

que começa praticamente logo depois que acaba a exploração. De 1966 a 1982 foram reaproveitados 36 730 hectares, isto é, 92 por cento da superfície utilizada durante esse período pelo setor das minas. Passaram a ser usados basicamente para a agricultura, mas extensas áreas converteram-se em novos bosques ou então, quando se tratava de depressões muito grandes, transformaram-se em lagos, que servem para a criação de peixes e como pontos turísticos.

Desde a infância, o cidadão é incentivado a proteger a natureza. As crianças são levadas aos bosques, onde tratam das árvores, ajudam a demarcar atalhos com tabelas explicativas, juntam castanhas e bolotas para dar de comer aos javalis no inverno.

E a energia nuclear? Existem usinas desse tipo na RDA. Segundo me explicaram, trata-se de uma necessidade real, por ser a linhita praticamente a única fonte de energia, e uma fonte não renovável. Mas há uma série de normas e precauções que, em tese, as tornam seguras e não poluentes. Em 1980, 12 por cento da energia elétrica produzida na Alemanha Oriental foi gerada a partir de combustíveis nucleares e o país dispõe de certas reservas de urânio.

9. Dresden

Quando se fala em cidades destruídas pela guerra, pensa-se em Hiroshima e Nagasaki, no Japão, vítimas do cogumelo atômico; em Guernica, na Espanha, onde Hitler experimentou os armamentos que depois usaria contra toda a Europa; em Coventry, Inglaterra, bombardeada pelos nazistas. Mas não se pode deixar de pensar em Dresden, atacada por aviões norte-americanos e britânicos na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945 e reduzida a um imenso monte de escombros. A cidade, que era a capital de arte e da cultura alemãs, convertia-se, da "Florença do Elba", como era conhecida, na "Pompéia do Elba". A destruição era tanta que o poeta Gerhart Hauptmann, diante dos tesouros artísticos devastados pelo fogo, escreveu: "Quem tiver esquecido o que é chorar, que aprenda de novo ao ver Dresden em ruínas."

Para compreender melhor a tristeza do poeta, é necessário um mergulho na história. Situada na parte superior do vale do rio Elba, Dresden converteu-se em cidade livre em 1216. Residência dos príncipes da Saxônia, alcançou, principalmente nos séculos XVII e XVIII, uma importância que ultrapassava as fronteiras regionais. A extração de prata nas Montanhas Metálicas tornou o principado da Saxônia uma das regiões economicamente mais desenvolvidas do Império Alemão.

Os príncipes eleitores saxões chegaram a ter uma grande influência política, que se estendeu além das fronteiras da Alemanha: no século XVIII foram reis da Polônia. Construções magníficas foram levantadas em Dresden, entre elas o Zwinger, um maravilhoso conjunto arquitetônico barroco. A cidade tornou-se

ponto de referência obrigatório para os amantes da arte e da cultura. Artistas, arquitetos, ourives e artesãos alemães e de outros países europeus passaram a trabalhar para a corte da Saxônia. Foi um período de absolutismo ilustrado e os príncipes reuniram valiosas coleções de pintura, famosas em toda a Europa.

Também na música a cidade se destacou. Já na Idade Média tinha surgido o Coro da Cruz, formado por crianças. No século XVII Heinrich Schütz, que viveu de 1585 a 1672, era o diretor da já famosa Orquestra de Dresden e compôs a primeira ópera alemã, *Daphne*. Célebres músicos como Johann Sebastian Bach, Georg Friedrich Haendel e Georg Philip Telemann residiram na cidade, pelo menos durante certo tempo. A vida musical de Dresden foi muito influenciada por Johann Adolf Hasse (1699-1783), Carl Maria von Weber (1786-1826) e pelo grande Richard Wagner, nascido em 1813 e morto em 1883, que lá estreou algumas de suas principais óperas. Também a maioria das óperas de Richard Strauss (1864-1949) teve sua estréia em Dresden.

A fama da cidade atraiu igualmente muitos escritores e poetas. Entre os que lá moraram ou permaneceram por longos períodos, é imprescindível citar Goethe, Schiller, Winckelmann (1717-1768), Kleist e Hoffmann, que viveram no final do século XVIII e início do XIX, Ludwig Tieck (1773-1853) Gehart Hauptmann (1862-1946) e Ludwig Renn (1889-1979). Dois estrangeiros merecem destaque especial: o dramaturgo norueguês Henrik Ibsen e o romancista russo Fiodor Dostoiévski.

O compositor e escritor E.T.A. Hoffmann, conhecido pelos seus *Contos Fantásticos*, escreveu durante sua estadia na cidade, em 1813: "Moro em Dresden... Da janela rodeada de videiras vejo a fantástica paisagem do Elba... Basta-me dar vinte passos para lá da porta, o que faço muitas vezes de chapéu e chinelos, com o cachimbo na boca, e à minha frente estende-se a maravilhosa Dresden, com suas cúpulas, suas torres..."

Johann Joachin Winckelmann, o fundador da arqueologia clássica, escreveu em 1749, quando trabalhava como bibliotecário em Nöthuitz, perto de Dresden: "Quem não viu Dresden, não viu algo de verdadeiramente belo."

Chegamos a Dresden na tarde de domingo e, após deixarmos a bagagem no hotel, vamos diretamente à casa de Erika Buhrig, uma senhora de 64 anos, que aparenta bem menos, sobrevivente do bombardeio de 1945. Ela mora num bairro residen-

cial, Tokewitz, no seu apartamento de quarto e sala, sozinha. Quando entro no imóvel, sinto calor. É que D. Erika, sabendo que iria receber um brasileiro, pôs a calefação no máximo, quem sabe para me fazer lembrar as escaldantes praias cariocas...

A conversa envereda primeiro por temas gerais. A sra. Buhrig é viúva desde 1953, quando seu marido morreu em conseqüência dos ferimentos sofridos na guerra. Tem duas filhas, já casadas e dois netos, de 13 e 14 anos. Embora já tenha passado da idade da aposentadoria, continua trabalhando como secretária do diretor técnico da VEB Herrenmode, uma empresa dedicada à moda masculina. Ela ganha dois ordenados: a pensão como aposentada e um salário extra correspondente às suas funções.

A sala é confortável, bem mobiliada e decorada com simplicidade e bom gosto. Na parede, dois quadros antigos do centro de Dresden, onde aparece a casa que ocupava em 1945, destruída pelo bombardeio. Pergunto pelo seu trabalho. Fica bem perto, pode ir caminhando. Começa às 6h45 e vai até as 16h00. Sábado e domingo são dias livres. D. Erika queixa-se de que o supermercado, também situado próximo a sua casa, atende a uma população muito grande e isso provoca filas. Quanto à variedade de produtos oferecidos, está satisfeita.

Enquanto conversamos, comemos um "Christstollen" ou pão de Natal, uma espécie de panetone, feito em Dresden para as festas de fim de ano e muito famoso na RDA e noutros países. Na mesa, também há biscoitos e o imprescindível café com creme de leite.

Na noite de 13 de fevereiro de 1945, época do carnaval, Erika Buhrig estava dormindo em sua casa, situada perto da Igreja de Santa Maria, no centro da cidade, onde ficavam os principais edifícios históricos: o Zwinger, a Ópera, a Terraça de Bruhl. Era uma casa antiga, do século XVIII, de construção muito forte. A possibilidade de um bombardeio parecia remota, pois a cidade não possuía instalações militares de importância.

"O primeiro alarme tocou às 21h30. Todo o mundo desceu para o porão. Foi um ataque que durou de 30 a 40 minutos. A casa resistiu, mas sofreu uma série de danos, principalmente nas janelas e portas" — lembra. "Imediatamente começaram a aparecer pessoas que tinham perdido suas residências e eu as recebi, enquanto começávamos a reparar as janelas e portas, porque ninguém esperava um segundo ataque. As sirenes de alarme não funcionavam mais e muitos lugares estavam em chamas. Às 23h00 vieram novos aviões, e todos voltaram aos porões. Então, começou um verdadeiro inferno. As pessoas não podiam ficar

sentadas, pois a pressão do ar provocada pelas bombas praticamente levantava seus corpos. O estrondo era indescritível. Antes do ataque terminar, todos saímos à superfície, com as cabeças cobertas por toalhas molhadas. A casa tinha pegado fogo, estava destruída. Com outras centenas de pessoas, corremos desesperadamente pelas ruas. O fósforo das bombas incendiárias escorria pelas paredes e o calor era tão intenso que todos se livravam de seus casacos, apesar de ser inverno."

Erika e outras pessoas se protegeram debaixo de uma ponte, às margens do rio Elba. O bombardeio continuava. "Eu estava no quarto mês de gravidez. Passei toda a noite em pé, debaixo da ponte, pois não havia espaço para que ninguém se sentasse, éramos duas mil pessoas. Quando o ataque acabou, corremos pelas margens do rio até deixarmos o centro da cidade. Pelo caminho, vi coisas incríveis, pessoas que estavam pegando fogo e se jogavam no Elba, buscando apagar as chamas. Mas o rio também estava coberto de fósforo e parecia uma fogueira."

Ela, como milhares de pessoas, perdeu tudo no bombardeio. Por sorte, tinha parentes no subúrbio de Tokewitz, onde agora reside. "Houve gestos humanitários, de pessoas que serviam chá. Na manhã do dia seguinte, 14 de fevereiro, foi lançado um novo ataque, menor, de caças norte-americanos, que em vez de jogar bombas, dispararam rajadas de metralhadora contra a população."

Na época, a sra. Buhrig não conhecia os detalhes do bombardeio. Depois, os números foram divulgados: 1350 aviões da Inglaterra e dos Estados Unidos deixaram cair 660 mil bombas incendiárias, 10 mil bombas explosivas e 4600 bombas de outros tipos. A carga mortífera despejada sobre Dresden correspondeu a uma média de 10 bombas incendiárias para cada casa da cidade.

O incêndio durou cinco dias. Quando a fumaça se dissipou, 75 mil moradias estavam completamente destruídas, e praticamente todos os edifícios históricos em ruínas. Somente um terço das residências ficou em pé. Também converteram-se em escombros 35 escolas, 40 hospitais e clínicas e 114 edifícios públicos.

"Para evitar epidemias – lembra a sobrevivente – os mortos foram cremados em grandes piras, no local onde antes se encontrava o mercado. Oficialmente morreram 35 mil pessoas, mas como muitos corpos ficaram sob montanhas de escombros, há quem diga que esse número pode ter chegado a sessenta mil. Normalmente Dresden tinha meio milhão de habitantes, porém, no momento do bombardeio sua população havia dobrado, pela presença de quinhentos mil refugiados procedentes da Silésia."

A sra. Buhrig ainda recorda a entrada das tropas soviéticas na cidade, no dia 7 de maio de 1945, pouco menos de três meses depois do ataque aéreo anglo-americano:

"Havia muito medo, a população temia represálias. As unidades que chegaram a Dresden eram compostas por cossacos, muitos inclusive a cavalo. No começo, quando iam pedir alguma coisa numa casa, tinham o hábito de bater com a coronha do fuzil na porta. Mas os oficiais castigaram os que se comportavam assim e a situação se tranqüilizou. Os soldados russos convidavam as pessoas a tomar vodka. Como eu estava grávida, consegui que me dessem leite."

Recomeçar foi difícil para os sobreviventes. Ela lembra que não pôde salvar praticamente nada de seus pertences. "No momento do bombardeio, eu tinha preparado maletas com diversos objetos, inclusive uma com jóias e outras coisas valiosas. Quando saí correndo, carreguei uma valise que estava mais perto. Depois vi que ela continha meu vestido social, que usava para ir à ópera. Era a única coisa que me restava." Perguntei se ainda guardava esse vestido. D. Erika negou, sorrindo:

"Quando a fome apertou, troquei por alguns quilos de batatas."

Muitos anos depois, ela falou com um piloto inglês que participara do ataque e resolvera visitar a cidade.

"Ele se admirou de ser recebido sem ódio e disse que se alegrava de que Dresden tivesse renascido." A conversa chega ao fim, a simpática senhora nos acompanha até a porta e, ao despedir-se, diz que os que passaram por uma guerra, como os alemães, não gostariam que ela se repetisse.

Jornalistas norte-americanos que visitaram a antiga "Florença do Elba" em 1945, escreveram em suas matérias: Dresden é uma cidade morta, destruída para sempre. Eles se enganaram. Num esforço metódico, em meio a muitas privações, a população removeu os dezessete milhões de metros cúbicos de escombros que se acumulavam pelas ruas, edifícios históricos destruídos, casas em ruínas.

Até 1955 foram edificadas ou restauradas dez mil casas e reconstruídos o conjunto arquitetônico do Zwinger, a Theaterplatz e a Catedral. De 1954 a 1964, foi realizada a reconstrução dos edifícios situados na Terraça de Brühl (Brühlschen Terrasse) e, entre 1978 e 1982, do Pátio das Cavalariças e do Johanneum. Final-

mente, em 1985, foi reinaugurada a Ópera Semper, quarenta anos depois de sua destruição. Em julho de 1984, foi alcançada a cifra de cem mil moradias novas para os habitantes de Dresden.

No domingo à noite, assisto a uma função de dança clássica na Ópera. É um edifício majestoso, reconstruído, nos mínimos detalhes, e com uma história de glória. O primeiro teatro de ópera foi erigido sob a direção de Gottfried Semper, entre 1838 e 1851, no estilo dos primórdios do Renascimento italiano. Ali, o compositor Richard Wagner viveu os primeiros grandes êxitos de sua carreira com a estréia de óperas como *Rienzi, O Navio Fantasma* e *Tannhäuser*. Em 1869, um incêndio destruiu por completo o edifício. O arquiteto Gottfried Semper executou os planos de um novo teatro, mas já segundo os mais avançados preceitos da época para a construção de edifícios de espetáculos. Ele recorreu à linguagem estilística do período áureo do Renascimento italiano. No acabamento, Semper contou com a ajuda de escultores e pintores de renome. Entre eles, encontrava-se o escultor Johannes Schilling, responsável pela quadriga puxada por panteras e conduzida por Dionisos e Ariadne, e Ernst Rietschel, autor da representação de Goethe e Schiller.

A música viveu momentos significativos nesta casa de espetáculos. Um deles teve lugar em 1911, com a estréia da ópera *O Cavaleiro da Rosa*, de Richard Strauss, dirigida por Ernst von Schuch e encenada por Max Reinhard.

No centro da Praça do Teatro foi erigida, em 1889, uma estátua do rei Johannes a cavalo, de autoria de Schilling. A cabeça de Dante e o livro aberto, ornamentando o monumento, aludem ao fato de que foi este monarca da Saxônia que traduziu a *Divina Comédia* para o alemão, sob o pseudônimo de Philaleths.

Depois da destruição, em 1945, as discussões em torno da reconstrução da Ópera Semper estenderam-se por alguns anos. Em 1953, foram executados trabalhos com vistas a garantir a segurança das paredes do edifício e iniciada a reconstrução da fachada e do telhado. Ao longo dos anos 60 realizaram-se inúmeros concursos arquitetônicos nos quais se tentava apontar soluções para uma reconstrução da ópera em estilo moderno. Entre 1975 e 1977, adotou-se a decisão final de reconstruir a parte exterior, o átrio e a sala de espetáculos, em seu aspecto original, o que foi acompanhado de uma modernização completa a nível técnico.

Para suprir as exigências de espaço, foi construída uma série de edifícios anexos que, com sua arquitetura independente e discreta, se enquadram perfeitamente em todo o conjunto. Fala-se muito na paciência do chinês, mas não devemos esquecer a pa-

ciência e a meticulosidade alemãs. Inúmeras pesquisas de arqueólogos, historiadores e arquitetos permitiram reconstruir com toda a sua magnificência original o interior do edifício, onde dominam os afrescos de estilo pompéico, as famosas pinturas nos tetos e nas paredes e as maravilhosas colunas de mármore.

Ao entrar no teatro, impressiono-me com o luxo da decoração, com o predomínio dos tons dourados. Quanto ao público, está vestido elegantemente, as mulheres usando longos. Já vai começar a função e passo à sala, realmente deslumbrante. Um enorme lustre de cristal paira sobre nossas cabeças.

O programa é aberto com o *Pas de deux* Cisne Branco, do segundo ato do *Lago dos Cisnes*, com música de Tchaikóvski e coreografia de Lev Ivanov. Dois bailarinos alemães, Kathrin Taube e Thomas Hartmann, fazem uma Odette e um Príncipe Siegfried convincentes. Depois, outros trechos de balés famosos, como o *Pas de deux* do terceiro ato da *Bela Adormecida.*

Em determinado momento, posso constatar a educação dos espectadores: uma bailarina, que dança com uma longa fita ao redor da cintura, atrapalha-se toda e fica literalmente "embrulhada" naquele acessório, somente se livrando dele com a ajuda do seu *partner*. O público unicamente cochicha com voz inaudível e, quando a moça, já recuperada, termina sua apresentação, a consola com aplausos.

Saio da Ópera e contemplo, do outro lado da Praça do Teatro, as ruínas do antigo palácio onde residiam os reis saxões. Sua reconstrução, iniciada em 1985, segue as mesmas normas utilizadas noutros edifícios históricos e lhe devolverá seu esplendor original. No futuro, o interior do palácio deverá albergar diversas coleções de arte.

Volto a pé para o hotel Newa, situado na Prager Strasse, um amplo *boulevard* que une, como via exclusiva para pedestres, a Praça do Altmarkt com a Praça Lênin, situada antes de chegar à estação central. O *boulevard* Praga é uma das ruas mais belas da cidade, terminada em 1967. Lá se encontram os melhores hotéis, estabelecimentos comerciais, o cinema mais moderno de Dresden e a grande loja de departamentos Centrum. Tudo é num estilo muito atual, com fontes luminosas e uso abundante do plástico.

10.
A fábrica Planeta

Na segunda-feira, às 10h00 em ponto, chegamos à fábrica VEB Planeta, situada em Radebeul, uma pequena cidade de 37 mil habitantes, ao noroeste de Dresden. Um funcionário nos leva aos escritórios da direção e de lá para a sede do sindicato, cuja presidente é a sra. Meissner, uma balzaquiana simpática que nos dá uma visão geral da importância da empresa. Com 5500 operários, a Planeta pertence ao Complexo Poligraph, composto por doze fábricas. Fundada em 1898, ela produz especialmente máquinas *offset*, que imprimem de dez a onze mil folhas por hora, utilizando de uma a seis cores. Seu grande prestígio se baseia na alta qualidade, pois as impressoras têm uma exatidão de 0,3 milímetros e trabalham com papéis de diversas espessuras, desde os que pesam vinte gramas o metro quadrado até cartolinas com um peso de trezentos gramas o metro quadrado. É uma das três maiores fábricas de máquinas *offset* do mundo.

Enquanto conversamos, somos observados silenciosamente por Marx, Engels e Lênin. São três retratos grandes, que junto com uma espécie de trepadeira decoram a sala moderna, com móveis funcionais e uma enorme janela com cortinas estampadas. A sra. Meissner destaca que existem três turnos de trabalho e nos departamentos automatizados não há interrupção. Os operários comem na fábrica, com direito a três refeições subsidiadas pela empresa. Um almoço sai para o funcionário por apenas 70 *pfennig*.

Quanto à assistência médica, existe um posto de saúde na própria fábrica, com departamentos de clínica geral, cirurgia,

dentista, raios X, banhos medicinais, raios infravermelhos etc. Os trabalhadores com mais de sessenta anos são submetidos a exames mensais. Aliás, todo o pessoal realiza *check-ups* periódicos, pois a ênfase é dada à medicina preventiva.

Para facilitar a vida das funcionárias há uma creche, para crianças de até três anos, e um jardim infantil, para até seis anos. O preço é módico: dois marcos por mês. Devemos levar em conta que o salário mensal vai, em média, de 1000 a 1200 marcos.

A VEB Planeta possui centros de férias nas Montanhas Metálicas, na chamada Suíça Saxônica. Além disso, estabeleceu um convênio com uma empresa tcheca e assim os alemães viajam para lá e os operários tchecoslovacos passam suas férias na RDA. Acordos semelhantes estão sendo feitos com fábricas da Polônia e da Hungria. Também existem outras opções para as férias.

O sindicato é o responsável pela distribuição das viagens. "Levamos em conta a carga horária, as famílias com mais filhos, o fato da pessoa ser diabética etc. As opções existentes são divulgadas amplamente e cada trabalhador solicita o período e a modalidade de viagem que deseja. Procura-se conciliar os interesses de todos, mas sempre há mais pedidos nos meses de junho e agosto, quando as crianças têm férias. Na avaliação das solicitações também analisamos qual foi a última vez que o companheiro recebeu uma viagem pelo sindicato" — acrescenta.

De acordo com a líder sindical, trata-se de férias subsidiadas, a preços ínfimos. "Tudo depende da qualidade do alojamento: os mais caros custam 230 marcos por duas semanas; os mais populares, até setenta marcos pelo mesmo período. Os operários que ganham menos têm descontos especiais. Mas sempre estão incluídos no preço o alojamento e três refeições diárias. As crianças de até catorze anos só pagam trinta marcos."

Também existem férias mais curtas, de uma semana, no outono ou na primavera, quando os trabalhadores viajam com os filhos. Em julho e agosto, há colônias de férias para as crianças, de três semanas a um preço simbólico de oito marcos. Tanto podem ficar no país como viajar à Tchecoslováquia.

Todos os subsídios são tirados do fundo cultural e social da fábrica, de aproximadamente seis milhões de marcos anuais. Ele financia os gastos relacionados com a saúde, as férias, atividades culturais, esportes, reuniões, palestras, festas (inclusive bailes), assistência aos aposentados e até gastos com a construção da casa própria.

"Tudo está incluído no convênio coletivo de trabalho, assinado entre a fábrica e o sindicato" — afirma. A sra. Meissner toma um gole de café com creme e aproveito para perguntar: Os trabalhadores podem fazer greve? A sindicalista diz que não e argumenta: "O sentido de uma greve é defender os direitos dos trabalhadores perante aqueles que se apropriam dos resultados do seu trabalho e guardam para si os lucros. Ou seja, é um fenômeno próprio das sociedades onde existe exploração, do capitalismo, e perde sua razão de ser no socialismo. Se os operários, como um todo, tornam-se os proprietários das empresas, contra quem vão fazer greve, se o próprio diretor é também um funcionário como eles?"

Insisto mais na questão: não é possível que não existam contradições entre a direção e os funcionários, em assuntos como salários e carga de trabalho? A sra. Meissner reconhece isso e afirma: "Naturalmente há conflitos, referentes a questões salariais, a condições de trabalho, problemas de atribuições de férias ou outros. Mas os sindicatos dispõem dos direitos e meios para defender seus associados. Aliás, os sindicalistas participam, logo de início, na determinação dos salários ou em projetos de racionalização. O contrato coletivo de trabalho está sendo discutido atualmente pelos trabalhadores. As propostas e reclamações são levadas pelo sindicato à direção da empresa e discutidas conjuntamente. Os funcionários debatem o plano de produção anual, os prêmios em dinheiro que serão recebidos em caso de cumprimento dessas metas produtivas, os prêmios especiais relacionados com objetivos específicos, as condições de trabalho, a intensidade deste etc. O plano é muito exato e determina claramente o que deve ser feito em cada setor da fábrica."

O processo de debate é o seguinte, de acordo com a sindicalista: a direção divulga o projeto de plano de produção anual e os trabalhadores o analisam, departamento por departamento, de forma coletiva e também individual. Daí surgem propostas, críticas e reclamações, referentes às metas de produção, condições de trabalho etc. "Este ano, 935 propostas dos operários foram incluídas no plano da fábrica — destaca, acrescentando que o projeto final, já com essas modificações, é analisado de novo pelo sindicato e a direção, antes de assinarem o contrato coletivo de trabalho. Sem a aprovação dos sindicalistas, o plano de produção não pode entrar em vigor.

"Uma nova legislação que começou a ser aplicada em 1º de janeiro de 1978 amplia os direitos e os poderes dos sindicatos. Por exemplo, seus dirigentes podem participar das reuniões de trabalho dos diretores e conhecer toda a documentação da em-

presa, inclusive os processos de pessoal. A nível nacional, os sindicatos participam até da elaboração dos planos qüinqüenais para toda a economia do país."

E os litígios de tipo individual, da empresa contra um trabalhador ou vice-versa? Em primeiro lugar, vão às "comissões de conflitos", controladas pelos sindicatos, que tentam dar solução ao problema. Se as partes não estiverem de acordo, o assunto é levado aos tribunais do trabalho. Nesse caso, o sindicato se responsabiliza pela defesa do trabalhador envolvido no litígio. Os dirigentes sindicais são escolhidos de dois em dois anos, em eleições diretas e podem ou não pertencer a partidos políticos.

A participação feminina é alta na VEB Planeta, onde 30 por cento dos trabalhadores sindicalizados são mulheres. Elas chegam a ocupar cargos muito importantes, por exemplo, duas vice-diretorias: Contabilidade e Economia. Quanto aos salários, não existe discriminação, pois a cada função correspondem determinados vencimentos, não importa se o trabalhador é um homem ou uma mulher. Aliás, trata-se de uma norma aplicada em todo o país, de acordo com a sra. Meissner. Ela me forneceu alguns dados que refletem a ascensão feminina na RDA: um em cada dois exames finais para operário especializado ou na escola superior é feito por uma mulher; elas também constituem a metade dos juízes e dos dirigentes na área do comércio; um terço dos diretores de escolas técnicas médias e de escolas superiores são mulheres e o mesmo ocorre nas cooperativas de produção agrícola.

Existe uma série de vantagens para a mulher trabalhadora. Quando ela tem dois ou mais filhos menores de dezesseis anos, trabalha num horário reduzido, sem que seu salário seja menor por isso. Depois do nascimento de cada filho, tem uma licença paga de um ano, para poder se dedicar à criança, e o seu emprego fica garantido.

É interessante observar que as mães-solteiras gozam de uma série de benefícios e não são discriminadas. As que trabalham têm prioridade na obtenção de uma vaga numa creche. Se não houver um lugar imediatamente, então recebem um subsídio financeiro. Se os filhos adoecerem e precisarem de assistência em casa, as mães solteiras têm direito a uma licença remunerada de até treze semanas, cada ano. De 1960 a 1976, por exemplo, o Estado gastou 224,1 milhões de marcos no apoio às mães solteiras e também aos homens que vivam sozinhos com seus filhos, que têm os mesmos direitos.

E o aborto? Desde 1972, a interrupção de uma gravidez não desejada é permitida sem qualquer condição e os gastos decorrentes ficam a cargo da Previdência Social. Esse tipo de legislação é uma garantia dos direitos da mulher e da existência de uma igualdade real entre os sexos de acordo com a opinião dominante entre a população. Evidentemente, há pessoas que fazem objeções de tipo ético ou religioso, mas constituem uma minoria. O Estado não encoraja nenhuma mulher a interromper a gravidez. Pelo contrário, deseja que aumente a taxa de natalidade, que é baixa como na maioria dos países europeus. Portanto, estimula as mulheres a terem filhos, dando-lhes uma série de facilidades. Por outro lado, respeita o direito feminino a decidir se quer ou não fazer um aborto e garante que este seja realizado em máximas condições de segurança. Os alemães-orientais estão cada vez tendo mais filhos. Por exemplo, em 1980 nasceram 245 090 crianças, 63 mil a mais do que em 1975. Devemos recordar que a população do país é de 16 milhões e 700 mil habitantes.

Perguntei à líder sindical como repercute na vida familiar a existência de uma mulher liberada, com os mesmos direitos que o homem. O número de divórcios não tem aumentado? A sra. Meissner admite que muitos casamentos têm sido desfeitos. "Claro que existe uma relação entre a libertação da mulher e esse fenômeno. A independência econômica feminina faz surgir um mundo de vivências profissionais e uma consciência maior de si própria. Assim, o marido é submetido a maiores exigências. Muitas mulheres já não estão dispostas a manter o casamento só por uma segurança material, sem que exista amor, sem afinidades verdadeiras. Hoje em dia há muitos casamentos desfeitos que certamente seriam mantidos se não existisse a independência econômica da mulher. A maioria dos pedidos de divórcio parte das mulheres, o que é considerado expressão de uma crescente autonomia feminina. Elas desejam ter, dentro de casa, o mesmo reconhecimento, confiança e apoio que recebem no trabalho e em geral na sociedade. Portanto, embora uma taxa elevada de divórcios não seja positiva, tampouco pode ser considerada altamente negativa. Simplesmente, reflete a independência da mulher."

Um amigo meu, que estudou na RDA, esteve casado com uma alemã, mas acabou se divorciando. Brasileiro e acostumado aos hábitos latino-americanos, não conseguiu acompanhar o ritmo de vida de uma mulher liberada. Numa carta, chegou a descrever sua ex-esposa como "um Bismarck com saias".

Na VEB Planeta nada é deixado ao improviso. E isso se aplica muito particularmente à formação dos novos operários. Perto da fábrica, encontra-se a escola de aprendizes, que visito logo depois da conversa na sede do sindicato. Fundada em 1951 com oitenta alunos, conta hoje com quinhentos, de acordo com o seu diretor, o sr. Schirmer. Ele próprio foi operário, mas através de cursos por correspondência e vespertinos, obteve vários títulos, entre eles o de engenheiro-pedagogo.

"O corpo docente é formado por 59 professores e instrutores e, além dos aprendizes, atendemos 2 500 alunos das escolas politécnicas das redondezas, que recebem noções do trabalho na fábrica" — acrescenta. Todas as especialidades básicas necessárias para a VEB Planeta são supridas por operários procedentes da escola. "Os aprendizes podem se formar como operadores de tornos, construtores de máquinas, montadores de motores elétricos, secretários, contadores e cozinheiros. Eles entram na escola com a décima série aprovada e idade de dezesseis ou dezessete anos. Dois anos depois, estão formados. Uma parte, porém, fica três anos: são os que pretendem realizar depois estudos de nível superior na área poligráfica ou querem ser professores."

A conversa transcorre na "sala de tradições" do internato, onde os alunos entram em contato com a história da fábrica e podem ver pequenos modelos de alguns dos equipamentos produzidos pela Planeta no passado. Schirmer me apresenta o sr. Kroeber, chefe do internato, que expõe o dia-a-dia dos estudantes. "Sua formação é feita com semanas alternadas de preparação teórica e prática. Quando estão realizando atividades práticas, devem chegar à fábrica às 6h20 e sair às 15h00, incluindo-se nesse horário refeições e lanches. Nos períodos de aulas teóricas, o horário é das 7h00 às 13h30. Depois, eles vão para casa ou para o internato."

Dos quinhentos aprendizes, cem são internos, mas podem sair diariamente, devendo voltar até às 21h30, pois às 22h00 as portas são fechadas. O internato é misto, com a terça parte de mulheres, morando todos no mesmo edifício, embora em andares diferentes. Visito alguns dos quartos, muito limpos, com duas ou três camas de solteiro, armários e rádios nas mesinhas de cabeceira. Tudo simples, mas funcional. Também vejo as salas de estudos, com grandes mesas e estantes com livros.

A vida desses alunos não é só estudo e trabalho. De acordo com Kroeber, periodicamente são realizadas festas e bailes no próprio edifício e os aprendizes também dispõem de TV a cores e

preto e branco. Além de poderem sair diariamente, eles passam o sábado e o domingo em casa. Uma minoria, que procede de lugares mais longínquos, prefere permanecer no internato durante o fim de semana.

Pela sua participação nas atividades produtivas, durante a preparação prática, os alunos recebem um pequeno salário de 100 a 110 marcos, que é aumentado pouco a pouco até chegar a 200 marcos nos seis últimos meses de aprendizagem. Normalmente, um bom aprendiz sempre ganha de 50 a 80 marcos a mais do que o salário, em forma de prêmio individual pelo seu esforço. Igualmente, os alunos têm direito aos prêmios coletivos, distribuídos para todos os trabalhadores, e participam dos lucros da fábrica. Também podem receber, como incentivo, uma viagem ao exterior.

Anualmente, eles gozam de 24 dias úteis de férias, ou seja, sem contar os sábados e domingos. Como a escola mantém relações com centros de preparação semelhantes na Tchecoslováquia, União Soviética e Polônia, os melhores aprendizes podem passar o mês de descanso no exterior. Anualmente, 35 alunos realizam viagens desse tipo. A mesma quantidade de aprendizes estrangeiros viaja a Dresden. É uma forma de aumentar a amizade e compreensão entre os jovens operários de diversos países. A escola também possui um *camping* no mar Báltico, onde os alunos podem passar as férias, pagando somente 70 marcos, com tudo incluído.

Agora, chega o momento de visitar a linha de produção da Planeta. Percorro as principais seções acompanhado pelo gerente de vendas, engenheiro Frank Förster, um jovem executivo vestido com um terno impecável. Ele está acostumado a mostrar a fábrica aos homens de negócios visitantes e dá explicações diretas e concisas, esclarecendo com rapidez qualquer dúvida.

O que mais impressiona é o grau de automatização do processo produtivo. Robôs industriais realizam perfurações milimetricamente perfeitas em grandes peças de metal. De acordo com a necessidade, trocam sozinhos de ferramentas. Um só operário controla várias dessas máquinas, simplesmente prestando atenção para que não haja nenhum problema.

A aplicação da Informática no processo produtivo é um fenômeno crescente no país. Em 1985 já existiam 56 600 robôs industriais em operação. Até 1990, esse número aumentará para mais de 130 mil. A microeletrônica e a Informática são áreas

consideradas prioritárias pelas autoridades econômicas alemãs-orientais. Também há um grande desenvolvimento na extração de linhita, na indústria metalúrgica, na construção de máquinas, na indústria química e na produção de artigos de consumo. A indústria de vidro óptico de precisão possui renome internacional.

A automatização não gera desemprego? É uma preocupação que me assalta ao ver todas aquelas máquinas trabalhando sozinhas. Förster diz que o problema é bem diferente. O crescimento da força de trabalho não está acompanhando o ritmo do desenvolvimento econômico do país e a substituição de operários por robôs é uma necessidade. Além disso, essas máquinas muitas vezes realizam as atividades mais pesadas e assim os homens se vêem livres dessas tarefas. "De acordo com os planos governamentais, cada robô deve substituir pelo menos de dois a três operários."

Também quero saber sobre o índice de acidentes de trabalho na VEB Planeta. Ele garante que é mínimo, como aliás ocorre a nível nacional. "O índice de acidentes para cada mil operários é de duas a três vezes inferior ao registrado nos países capitalistas desenvolvidos."

Segundo Förster, as normas de segurança são estritas e disso se preocupam tanto a direção como o sindicato. "O maior número de acidentes ocorre no setor da construção." Em 1980 ocorreram, em escala nacional, 29 acidentes para cada mil operários. Com a crescente automatização da economia, esse índice deverá ser reduzido e em muito.

Após observar a fabricação das impressoras *offset*, passo a um pavilhão onde são feitas as demonstrações para os interessados. Acompanho a impressão de *posters* em cores perfeitas e recebo um jogo de reproduções de gravuras de Dresden do século XVIII. É interessante ver que as máquinas são montadas em forma de módulos, cada um para uma cor determinada. O cliente pode comprar o número de módulos que necessitar e depois montá-los juntos. Förster afirma que já foram feitos negócios com várias empresas brasileiras, que compraram as máquinas e estão satisfeitas com o seu desempenho. "Nós treinamos o pessoal estrangeiro aqui mesmo ou enviamos nossos especialistas ao exterior. O cliente sempre recebe a assistência técnica adequada." Uma única pergunta não foi respondida pelo jovem engenheiro: o preço daquelas impressoras. "O segredo é essencial nesse aspecto, pois concorremos com empresas de outros países e uma das nossas armas é exatamente o preço que oferecemos. Por isso, tratamos o assunto diretamente com cada cliente" — explicou, desculpando-se por não satisfazer minha curiosidade.

A visita termina e vamos almoçar num restaurante popular de um bairro onde residem operários da Planeta. O lugar lembra Brasília, com modernos prédios de apartamentos e bastante espaço livre entre eles. Desço do carro, uma rajada de vento gelado me obriga a colocar as mãos no bolso do casaco. "Esse vento vai trazer neve" — comenta o funcionário da fábrica que nos acompanha. Já dentro do restaurante, chamado *Freundschaft* (Amizade), o homem revela invejável apetite e come pernil de porco e umas bolas feitas de batatas, "metade cruas e metade cozidas, amassadas conjuntamente".

Eu ataco um prato mais leve, à base de carne. Os preços são módicos, ao alcance de qualquer trabalhador. Mas há um detalhe: das 11h00 às 14h00 horas é proibido fumar no local. Depois desse horário, os tabagistas podem encher de fumaça o ambiente, sem problemas. Assim, os não-fumantes preferem ir almoçar ao meio-dia.

11. O Zwinger

Quem vai a Dresden não pode deixar de visitar o Zwinger, o maravilhoso conjunto arquitetônico em estilo barroco construído entre 1709 e 1732, por ordem do Príncipe Eleitor da Saxônia e Rei da Polônia, Augusto, o Forte. O encarregado do projeto foi o arquiteto Matthäus Daniel Pöppelmann, enquanto o escultor Balthasar Permoser executou os adornos, que se enquadram perfeitamente na arquitetura barroca.

A palavra ***Zwinger*** tem origem na Idade Média e serve para designar a zona que se encontra cercada pela muralha da cidade. Os fossos e muros do Zwinger são partes daquilo que outrora constituía a fortificação de Dresden.

Os pavilhões, as galerias e a torre com a coroa formam um conjunto fechado de 180 metros de comprimento e 120 de largura. De beleza única pela riqueza de suas formas é o Wallpavillon, na parte Norte. Também notável é o Carrilhão, com sinos de porcelana de Meissen, e o Banho das Ninfas, uma fonte barroca situada detrás do pavilhão Norte. No passado, o Zwinger serviu como local para as grandes festas da corte saxônica. Atualmente, durante o verão, são realizados ali concertos e representações teatrais.

A construção do complexo arquitetônico somente foi completada entre 1847 e 1854, com a edificação da Galeria de Arte, que fechou o quadrilátero pelo Noroeste. A obra, em estilo renascentista italiano, foi projetada por Gottfried Semper.

Na visita à Galeria de Pintura Velhos Mestres tive o privilé-

gio de ser acompanhado por sua diretora, a sra. Annaliese Mayer-Meintschel, uma especialista de renome internacional, que me explicou primeiramente a história do museu, que teve origem nas coleções de arte dos príncipes eleitores da Saxônia. Já no fim da Segunda Guerra Mundial, os quadros foram retirados do local e levados a minas subterrâneas, para protegê-los de possíveis bombardeios, como o que efetivamente ocorreu em fevereiro de 1945 e arrasou o Zwinger. A umidade desses lugares deteriorou muitas das obras, que após a derrota do nazismo foram levadas à União Soviética, de onde regressaram em 1955, já restauradas. No ano seguinte, após ser completamente reconstruída, a Galeria de Arte foi reaberta ao público.

A pintura italiana, dos séculos XIV ao XVIII, está muito bem representada. Aliás, o quadro mais importante do acervo é a *Madona Sistina*, de Rafael, uma obra-prima do período renascentista. Também posso ver, de Ticiano, *Cristo e a Moeda do Tributo*. O veneziano Canaletto, do século XVIII, ocupa um espaço todo especial, pois poucos artistas plásticos amaram tanto Dresden como ele. Seus quadros mostram a cidade vista da margem direita do Elba, com suas torres e cúpulas.

Na seção referente aos mestres flamengos e belgas, a partir do século XV, merecem destaque as obras de Rubens, Van Eyck e Van Dyck. Por sua vez, a pintura holandesa (séculos XVI a XIX) pode ser apreciada nos quadros de Rembrandt, Hals, Vermeer e Van Gogh. Os grandes artistas franceses estão representados por obras que abrangem o período que vai dos séculos XVII ao XIX, de Poussin, Watteau, Renoir, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Manet, Monet e Degas.

Quadros de Velásquez, Murillo, Zurbarán e Ribera aparecem na seção de pintura espanhola dos séculos XVI e XVII. Os pintores alemães não poderiam estar ausentes da galeria, que mostra obras a partir do século XV, de artistas como Dürer (ou Dürero) e Holbein, entre outros.

Milhões de turistas estrangeiros já visitaram a Galeria dos Velhos Mestres, que é uma das mais importantes do mundo. É notável o cuidado com a manutenção dos quadros nas condições mais adequadas. Tirar fotos com *flash* é proibido e algumas obras, permanecem dentro de urnas de vidro especiais, com uma temperatura e nível de umidade constantes, para evitar qualquer tipo de alteração nas suas cores originais. A Galeria possui ao todo um milhão e meio de peças, entre as quais algumas das mais representativas da arte mundial.

No Zwinger você também pode visitar o Museu de História, a Coleção de Porcelana, o Salão de Matemática e Física e o Museu de Zoologia. Tive a oportunidade de conhecer os dois primeiros. O Museu de História exibe uma coleção de armas suntuosas e de caça, que abrange desde a Idade Média até o fim do século XVIII. As armaduras são impressionantes, pomposas, tanto para homens como para cavalos. Algumas estão colocadas em vitrinas. Há inclusive armaduras pequenas, para crianças. Quando você dá de cara com um daqueles conjuntos "blindados", tanto o cavaleiro como o corcel, fica imaginando como seria difícil realizar qualquer movimento, com todo aquele peso em cima. Mas a habilidade dos artesãos e ferreiros é inegável, pois as armaduras são ricamente trabalhadas. Detenho-me alguns minutos para admirar um elmo de ouro, verdadeira obra-prima.

As espadas, pistolas e arcabuzes igualmente chamam a atenção, pelo fino acabamento. Uma miniatura em ouro de uma gôndola veneziana revela a sensibilidade do artista. Numa vitrina, aparece uma réplica do manto e da coroa usados por Augusto, o Forte, como rei da Polônia. O original se encontra num museu polonês. As fotos com *flash* também estão proibidas, mas Ruschin dá um jeito de me fotografar ao lado de algumas armaduras, sem chamar a atenção dos vigias.

Passo a ver a Coleção de Porcelana, que inclui cerâmicas chinesas, japonesas e coreanas antigas, além de louça de Böttger e porcelana de Meissen do século XVIII. O acervo de Dresden disputa com a Coleção de Istambul a condição de maior do mundo. Uma das grandes atrações são as peças de porcelana da dinastia Ming, da China.

Dresden, e mais especificamente a *Brühlschen Terrasse*, tem uma ligação histórica com o desenvolvimento da porcelana na Alemanha. A "Terraça de Brühl" — é essa a tradução de seu nome — fez parte, como a muralha do Zwinger, da antiga fortificação da cidade, no século XVI. Em suas casamatas subterrâneas o alquimista Johann Friedrich Böttger descobriu, em 1709, o processo para a fabricação da porcelana branca, trabalhando em cooperação com o filósofo, físico e matemático conde Ehrenfried Walter von Tschirnhaus. Um ano mais tarde, era criada a manufatura de porcelana de Meissen, cujo prestígio mundial se estende até hoje.

A história de Böttger é interessante. Ele era prisioneiro do Príncipe Eleitor da Saxônia, por sua condição de alquimista, ou seja, "fabricante de ouro" a partir de outros metais. Claro que Böttger não chegou a ter sucesso em sua utopia, mas em com-

pensação tornou-se o pai da porcelana européia, que se desenvolveu especialmente na cidade de Meissen, próxima a Dresden.

Na *Brühlschen Terrasse* encontram-se edifícios famosos, entre eles o Albertinum, museu que abriga, por exemplo, a *Grüne Gewölbe*, uma coleção de jóias e outros valiosos tesouros pertencentes aos príncipes eleitores, a Galeria de Arte Novos Mestres e ainda uma importante coleção de esculturas da Antigüidade.

Entre 1828 e 1834 funcionou numa sala da *Brühlschen Terrasse* o Estabelecimento de Ensino Técnico, embrião da futura Universidade Técnica de Dresden. Um dos seus primeiros professores foi o engenheiro Andreas Schubert, que em 1839 projetou a primeira locomotiva a vapor alemã, *Saxônia*, utilizada para a inauguração do trecho ferroviário Dresden-Leipzig.

No centro de Dresden também são muito visitados o Pátio das Cavalariças (Stallhof) e o Johanneum, construídos entre 1586 e 1591 de acordo com projeto do arquiteto Paul Buchner, como local de festas do Renascimento. Lá eram realizados torneios e jogos eqüestres. Única instalação do gênero em toda a Europa, este pátio foi reconstruído entre 1978 e 1982, com todos os seus elementos, inclusive as duas enormes colunas e os 34 pilares de pista onde se realizavam os torneios, e ainda o bebedouro dos cavalos. O *Cortejo dos Príncipes*, é simplesmente belíssimo. Trata-se de um mural de 101 metros de comprimento, executado com 24 mil azulejos de porcelana de Meissen. Essa verdadeira obra-prima, que mostra os príncipes saxões a cavalo, acompanhados de soldados armados e de serviçais, foi restaurada em 1979.

Quanto aos templos, um dos mais importantes é a Igreja da Santa Cruz (Kreuzkirche), destruída várias vezes, a última em 1945. No início da década de 50 foi realizada sua reconstrução, que a deixou com a mesma aparência de 1792. Em 1963, a igreja recebeu um novo órgão. A Kreuzkirche possui o maior campanário do país e é especialmente conhecida pelo Coro da Santa Cruz, de crianças e adolescentes, que existe há 750 anos. Seus integrantes são provenientes, ainda hoje, da Escola da Santa Cruz, a mais antiga da cidade. O coro atrai muito público e é difícil conseguir ingressos para suas apresentações vespertinas. Além disso, realiza constantes turnês internacionais.

A Catedral, também chamada de Igreja Católica da Corte, foi construída em estilo barroco italiano entre 1739 e 1755. Constitui um dos locais de sepultamento dos príncipes saxões, possuindo numerosos tesouros artísticos. A corte saxônica era católica desde o início do século XVIII, ao contrário da população, na maioria protestante. Por isso, trouxe o arquiteto italiano Gaetano Chiaveri para erguer a Catedral, que rivalizava com o principal templo luterano, a hoje destruída Igreja da Nossa Senhora (Frauenkirche).

A Frauenkirche era belíssima e um dos principais símbolos de Dresden, com sua cúpula característica. Hoje, suas ruínas constituem um monumento contra a guerra e o fascismo. Nesse local, que traz tão amargas lembranças, todos os anos, a cada 13 de fevereiro, realizam-se manifestações que contam com a presença de milhares de habitantes de Dresden, que reafirmam sua profunda identificação com a paz.

Em Dresden, os arquitetos e urbanistas têm procurado harmonizar os edifícios históricos com as novas áreas e construções modernas. Na Câmara Municipal pude conversar sobre isso e receber explicações detalhadas numa ampla sala com grandes maquetes da cidade, mostrando como era antes do bombardeio e depois, nas diversas fases da reconstrução. O arquiteto oficial da Prefeitura, que participou dessas etapas e projetou o Boulevard Praga, disse que a estrutura urbanística já existente no centro da cidade continuou a ser caracterizada por dois eixos principais: Leste-Oeste e Norte-Sul, tendo por centro a praça Altmarkt. Um dos objetivos alcançados foi tornar essa parte central histórica — a mais afetada pelo ataque aéreo — num pólo de vida social, com atividades culturais, comerciais, de serviços e inclusive voltando a ser uma área habitacional. Na concepção urbanística existiu e existe uma grande preocupação pelas proporções dos espaços e a altura dos edifícios que compõem o centro histórico. Nessa parte da cidade existem várias ruas vedadas ao trânsito, onde os pedestres passeiam e fazem suas compras sem preocupações. O tráfego foi desviado para uma zona tangencial em relação ao centro histórico.

Nos pontos onde o novo e o velho se encontram, os blocos modernos foram concebidos com uma altura que não ultrapasse os seis andares, enquadrando-se no conjunto de edificações antigas. Em 1985, foi inaugurado o moderníssimo hotel Bellevue, uma construção que engloba também uma velha casa barroca. A combinação de uma moradia antiga com o edifício de um hotel de luxo demonstra como é possível harmonizar diversos estilos, sem que a cidade perca sua identidade e as características que a fizeram famosa através dos séculos. Afastados do centro, existem grandes bairros residenciais, com edificações modernas. Segundo o arquiteto, o problema da moradia estará resolvido em 1990, tanto em Dresden como no resto do país.

Falamos também sobre o Brasil e, em especial Brasília, para

ele uma obra-prima da arquitetura mundial. Mostrando muito conhecimento das realizações de Niemeyer e Lúcio Costa, manifestou preocupação pela possibilidade de que a capital brasileira fosse perdendo com o tempo suas características originais, que a tornaram única.

Minha última atividade na "Florença do Elba" é um almoço com representantes da imprensa regional, na Blockhaus, uma magnífica casa barroca que, após ser reconstruída em 1982, converteu-se em sede da Associação de Amizade RDA-URSS e possui um excelente restaurante. Aproveito para atravessar a pé a ponte que me leva para a outra margem do rio. Posso ver os barcos da Frota Branca, que transportam os turistas e viajantes em geral pelo Elba até a chamada Suíça Saxônica. A ponte, os edifícios históricos, as embarcações pintadas de branco, conformam um belo espetáculo.

Os habitantes de Dresden devem ser sinceros quando dizem que não querem uma nova guerra. Quem viu tudo destruído e depois reconstruiu sua cidade em todo o esplendor original, não pode desejar que a tragédia se repita, e numa escala muito maior.

Na Blockhaus já me esperam, sentados numa longa mesa junto à janela, o Dr. Siegfried Seibt, encarregado da imprensa estrangeira na Prefeitura; o sr. Friedrich Eismann, redator-chefe do jornal *Die Union*, da União Democrata-Cristã, e o sr. Hoffmann, editor internacional do *Nachrichten*, órgão do Partido Nacional Democrático.

É uma conversa interessante. Eismann destaca que os democratas-cristãos mantêm contatos principalmente com a Igreja Luterana, pois, em relação à Igreja Católica, respeitam as orientações do Papa, que proíbem a participação ativa dos padres na política. Mesmo assim, existe um relacionamento. Como é ser democrata-cristão num país comunista? Ele frisa que marxistas e cristãos podem colaborar em assuntos básicos como a paz e a busca do bem-estar da população do país. Isso não impede a existência de discrepâncias em outros assuntos. "Buscamos incentivar a participação dos cristãos na vida política. Aceitamos o regime socialista e consideramos que é importante a nossa presença." Eismann manifesta interesse pela Teologia da Libertação e diz que a miséria do Terceiro Mundo preocupa muito a União Democrata-Cristã que, como já falei anteriormente, está representada no Parlamento por 52 deputados.

O jornal *Die Union* aparece diariamente, com uma tiragem

de 65 mil exemplares. Trata-se do órgão provincial dos democratas-cristãos, que também possuem uma publicação diária de nível nacional. Já o *Sächsische Neuste Nachrichten* pertence ao Partido Nacional Democrático, que conta com outros quatro jornais provinciais, em Leipzig, Weimar, Potsdam e Rostock, além do seu órgão central, o *National Zeitung*. O sr. Hoffmann diz que seu jornal e outros de nível provincial dão muita atenção às críticas e denúncias formuladas pelos leitores e aprofundam a análise das questões levantadas. "Há dois tipos básicos de inquietações: as referentes a assuntos puramente individuais e as que podem também interessar a outros leitores, ou seja, têm um interesse coletivo. Mas, em ambos os casos, procuramos que haja uma resposta adequada ao problema apresentado."

Interesso-me pelo Partido Nacional Democrático. Hoffmann frisa que se trata de uma organização política nova, fundada em 1948 por personalidades provenientes do Comitê Nacional Alemanha Livre, como o atual vice-presidente da RDA, Heinrich Homan. Ele era oficial do Exército alemão mas, junto com outros militares e civis, reconheceu que a guerra era criminosa. Assim, após terminado o conflito, essas pessoas, procedentes das camadas médias, decidiram fundar um partido que defendesse uma posição pacifista, de amizade com os demais povos europeus, inclusive com o da União Soviética. Seus militantes são intelectuais, artesãos, empresários, "imbuídos da idéia de que seus interesses estão ligados à aliança com a classe operária e não ao confronto com as camadas populares". Pude conhecer Homan em Brasília, quando o entrevistei durante a posse frustrada de Tancredo Neves. Ele dirigia a delegação da RDA; falou longamente sobre seus sonhos de paz para a Europa e o mundo e ressaltou a responsabilidade muito especial dos alemães nesse aspecto.

Depois do almoço, partimos para Halle. Mas antes de deixar Dresden visitamos uma das padarias onde é preparado o famoso pão de Natal o "Christstollen". Compro dois, com o objetivo de levar para o Brasil. Só que não resisti e comi os pães ainda na RDA.

À tarde chegamos a Halle, uma cidade pequena, com pouco mais de vinte mil habitantes, que começou a se desenvolver na Idade Média, com a obtenção de sal extraído de suas fontes de água salgada. Elas tinham tanta importância que motivaram a

construção de uma fortaleza para sua defesa, mencionada pela primeira vez no ano 806 e que deu origem à localidade.

A cidade tem várias atrações; uma delas é a academia de ciências naturais mais antiga do mundo, a Leopoldina, fundada em 1652. Entre seus membros figuraram investigadores célebres como Alexander von Humboldt, Charles Darwin, Michael Faraday e Ivan Pavlov. A universidade, por sua vez, foi criada em 1694 e no século XVIII constituiu um dos centros do movimento da Ilustração.

Não se pode falar de Halle sem mencionar seu filho mais ilustre: Georg Friedrich Haendel. A casa natal do compositor é hoje um museu com uma importante coleção sobre sua vida e obra e também expõe antigos instrumentos musicais, inclusive do século XVI. E o que é mais interessante: essas peças raras são utilizadas em recitais, numa pequena sala de música de câmara existente dentro da casa.

Anualmente é realizado na cidade o Festival Haendel. Mas o de 1985 teve um destaque especial: serviu para comemorar o 300º aniversário do seu nascimento.

12. Leipzig, Bach e Goethe

No dia 13 de novembro viajo em quarenta minutos de Halle até o centro de Leipzig, que ostenta orgulhosa o título de *messestadt* ou seja, cidade da feira, a famosa feira de mostras que reúne, duas vezes por ano, empresários de todo o mundo. Uma das primeiras impressões marcantes é a estação ferroviária, a maior da Europa, construída há mais de setenta anos. Mas a cidade me reserva emoções bem mais intensas. A primeira é visitar a Thomaskirche, a igreja na qual Johann Sebastian Bach trabalhou durante 27 anos, até sua morte em 28 de julho de 1750.

Construído em 1496, o templo sofreu diversas modificações em sua parte interna. No entanto, sua estrutura respeita o estilo gótico tardio em que foi erigido. Detenho-me alguns minutos diante do túmulo do genial músico. Seus restos estavam sepultados originalmente na Igreja de São Nicolau, de onde foram transferidos em 1950. O túmulo está coberto por uma grossa lápide de bronze, com uma única inscrição: *JOHANN SEBASTIAN BACH*. Nada mais é preciso, pois trata-se de uma das maiores figuras da cultura universal. Diante da igreja ergue-se a estátua do compositor.

Exatamente na Thomaskirche, no dia 15 de abril de 1729, uma Sexta-feira Santa, Bach estreou uma obra que depois seria incluída entre as mais destacadas da história da música: a *Paixão Segundo São Mateus*. Leipzig não esquece o grande compositor, sendo a sede dos festivais internacionais Bach e dos concursos, também internacionais, que reúnem a nova geração musical da Europa e de outros continentes. E lá é o centro da Neue Bachgesellschaft, uma associação cujos membros residem em 26 países.

Por uma rara coincidência, o 300º aniversário do nascimento de Bach também foi comemorado em 1985. Assim, esse foi um ano de grandes homenagens a Haendel, Bach e Schütz (este último tinha nascido há quatrocentos anos).

Depois de visitar a Thomaskirche, sou recebido pelo superintendente da Igreja Luterana em Leipzig, o sr. Johannes Richter, numa casa ao lado do templo. Ele tem sob sua jurisdição 39 igrejas, tanto na área urbana como na rural e 56 pastores. "Estamos presentes em todo o território da Saxônia, onde de 20 a 25 por cento dos habitantes são luteranos. Nas aldeias, ao Sul, essa proporção atinge até 50 por cento."

Quanto aos católicos, o superintendente destaca que depois da Segunda Guerra Mundial chegaram muitos procedentes da Polônia e da Tchecoslováquia, que faziam parte de minorias alemãs existentes naqueles países. E, apesar dos antagonismos do passado, "há uma boa relação entre católicos e luteranos".

Para ele, há dois aspectos básicos na situação da sua Igreja na RDA: primeiro, a liberdade religiosa estabelecida na Constituição; segundo, a separação jurídica entre a Igreja e o Estado. "Anteriormente éramos praticamente uma Igreja estatal, oficial. Mas hoje consideramos que a identidade da Igreja não deve estar relacionada com a ideologia do Estado."

Como é a relação entre os luteranos e o Estado num país socialista como a República Democrática Alemã? "É uma relação de respeito mútuo, embora existam problemas, que discutimos periodicamente. É evidente que havia receios mútuos, mas ambas as partes compreenderam que o diálogo era importante. O Estado reconheceu que a Igreja não tem a ambição de chegar ao poder e também admitiu que as idéias religiosas não morrem com a melhoria do nível de vida da população, não são o reflexo de um atraso cultural ou educacional e portanto tem que conviver com elas. Assim, quando surgem problemas, conflitos, tratase de resolvê-los através do diálogo direto e não do confronto."

Um assunto que me chama a atenção é como um pai pode educar seu filho dentro da religião se não existem escolas particulares e nos colégios públicos as idéias religiosas não são ensinadas. "Isso é possível – diz o sr. Richter – através do exemplo dos pais, de sua própria vida voltada para a religião, do fato de serem realmente praticantes; e também mediante a educação religiosa organizada pela Igreja, em seus templos."

De acordo com o líder religioso, a Igreja Luterana conta com instituições que preparam os especialistas na catequese, homens e mulheres. Além desses catequizadores, todos os sacerdo-

tes têm a obrigação de contribuir para o ensino da religião. "Na sociedade alemã, as idéias religiosas sempre tiveram grande importância no desenvolvimento, por exemplo, das artes gráficas, da pintura, da música. Hoje, na RDA, a tradição cristã e especificamente luterana se mantém presente."

O coro da Thomaskirche (ou igreja de São Tomás) é conhecido mundialmente e sempre esteve ligado à obra de grandes músicos como Bach. O superintendente fala com orgulho de sua história: "O coro surgiu ainda na época pré-luterana. A Reforma, que chegou aqui em 1529, deu um grande impulso às artes. Desde então desenvolveu-se a música evangélica. O coro é composto por meninos a partir de dez anos de idade, que o integram até terminarem, já adolescentes, o ensino secundário."

Terminada a conversa, o sr. Richter me acompanha até a porta. Observo cartazes sobre a paz mundial e a fome no Terceiro Mundo. Embora não realize atividades políticas, a Igreja Luterana preocupa-se pelos grandes problemas da Humanidade.

A religião ainda está bem viva e presente na RDA. Dos 16 milhões e 700 mil habitantes do país, mais da metade são cristãos praticantes. A maioria pertence às diversas Igrejas protestantes, especialmente à Luterana. Quatro mil e 300 pastores atendem a aproximadamente 7 milhões e 700 mil crentes. Os católicos sempre foram uma minoria na Alemanha. Atualmente, 1 milhão e 200 mil alemães-orientais pertencem a essa religião, existindo 1300 padres. Há cerca de trezentos conventos e estabelecimentos semelhantes de 35 ordens, onde vivem e trabalham sobretudo freiras. O número de judeus praticantes é baixo, como resultado do holocausto em mãos dos nazistas. Mesmo assim, há oito comunidades judaicas.

As diversas Igrejas não se limitam às atividades espirituais. Elas prestam assistência a doentes, deficientes físicos e enfermos mentais através do trabalho em 1800 hospitais, casas de repouso e asilos, recebendo o apoio monetário do Estado.

Com quase seiscentos mil habitantes, Leipzig é a segunda cidade da RDA e apresenta diversos atrativos para o visitante, como a Prefeitura Velha, uma impressionante edificação renascentista, a mais antiga neste estilo da Alemanha, que começou a ser construída em 1556; as igrejas de São Tomás e São Nicolau; edificações modernas como o complexo da Universidade, com

uma torre de 34 andares e 143 metros de altura, e a sala de concertos Neues Gewandhaus. No entanto, para mim o mais interessante foi visitar o centro histórico da cidade, uma área com uma rede de ruelas e becos estreitos, com pequenas e belas galerias, onde existem comércio, cafés e restaurantes.

Numa dessas galerias funciona, desde 1615, a taberna Auerbachs Keller. Ela era frequentada por Goethe, que ambientou nesse lugar a sua obra *Fausto*. A taberna encontra-se num porão e conserva suas salas históricas, onde pude almoçar sentindo presente a imagem do Doutor Fausto sendo convencido por Mefistófeles a vender sua alma em troca da juventude eterna. E para que ninguém esqueça que na Auerbachs Keller ocorreu esse encontro imaginário, junto às escadarias que levam até a taberna levantam-se as esculturas *Fausto e Mefisto* e *Os Estudantes Bêbados*, relacionadas com a obra imortal e profundamente humana de Johann Wolfgang Goethe.

Quando se fala de Leipzig, lembra-se imediatamente da feira, que se realiza há mais de oitocentos anos. Converso sobre esse importante evento comercial com o subdiretor-geral Uwe Görlt, um jovem executivo que elogia a crescente participação de empresas brasileiras na feira, que reúne todos os anos, em março e em setembro, homens de negócios de quase todos os países do mundo.

Segundo Görlt, já no século XVIII ela tornou-se a mais importante da Alemanha. Os produtos eram vendidos diretamente aos interessados, método que se modifica a partir do século XIX, quando os produtores passam a expor somente amostras dos artigos, recebendo os pedidos dos clientes. Atualmente, a Feira de Leipzig constitui o principal centro de comércio entre o mundo ocidental e o bloco socialista. Junto com os empresários, participam do evento cientistas e técnicos que trocam experiências em diversos congressos especializados. Quase a metade dos negócios da RDA na área do comércio exterior são iniciados, discutidos ou acertados durante a Feira de Leipzig.

Na volta para Berlim passamos por Wittemberg, a cidade onde Martinho Lutero viveu e trabalhou de 1512 a 1521. Vou à igreja do Palácio, em cuja porta o grande reformador afixou suas 95 teses contra o comércio das indulgências pelo Papa, em 1517. Esse gesto marca o início de sua luta contra o poder do Vaticano,

que o levou a ser o responsável pela Reforma e o surgimento da Igreja Luterana.

No templo, vejo os túmulos de Lutero e Melanchthon, outro destacado reformador, e de alguns príncipes alemães. Sou atendido com muita gentileza e aproveitando a boa vontade, consigo permissão para ser fotografado no trono utilizado pelo último *Kaiser* para assistir aos ofícios. "Ele era muito religioso" — comenta um velho luterano. Na igreja estão sendo realizados os últimos preparativos para uma semana de orações pela paz mundial. Wittemberg, com 54 mil habitantes, ostenta o título de *Lutherstadt*, ou seja, cidade de Lutero.

Em Berlim, janto com o sr. Boetzel e outros jornalistas e no dia seguinte, quinta-feira, atravesso de novo a fronteira, bem cedo. Já estou em Berlim Ocidental, de volta ao mundo capitalista. E penso que no outro lado, na RDA, apesar das diferenças de regime político e social, as pessoas também trabalham, amam, riem e choram. E esperam que nunca mais uma guerra espalhe a morte pelos campos e cidades da Europa.

AS FONTES DO MARXISMO

Em três volumes a essência do pensamento marxista.

É inegável a contribuição de Marx e Engels às ciências e, de modo mais acentuado, às ciências humanas, aonde desencadearam uma radical revolução, com a introdução dos conceitos de materialismo dialético e histórico — reelaborando tudo o que o pensamento humano produziu no terreno da filosofia, da economia política e do socialismo científico, as três pilastras do marxismo.

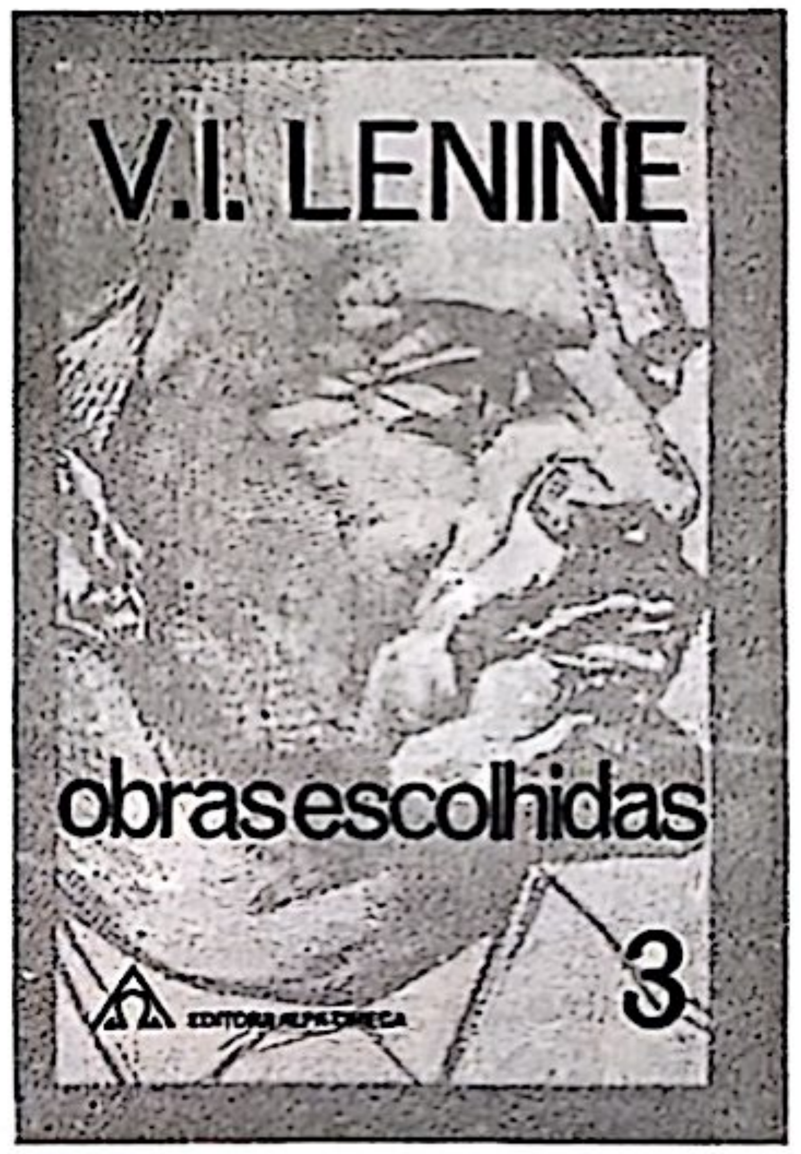
Esta obra contém textos clássicos como o **Manifesto do Partido Comunista, O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte, Salário, Preço e Lucro, Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, A Origem da Família, da Propriedade Privada, e do Estado**, que enriqueceram o patrimônio cultural da humanidade, oferecendo uma nova perspectiva de conhecimento da realidade histórica.

Esta edição contém índice onomástico e analítico completos.

KARL MARX
FRIEDRICH ENGELS

Pela primeira vez no Brasil, a obra selecionada de Lenine, líder e teórico da revolução socialista russa de 1917. Através de textos escolhidos, farto material para análise histórica, são oferecidas as chaves para o entendimento do processo revolucionário soviético, suas dificuldades, suas táticas e o início da construção do primeiro Estado socialista.

AS FONTES DO LENINISMO



Estão nesta coletânea ensaios de importância reconhecida em todo o mundo como: **Imperialismo, fase superior do Capitalismo; Marxismo e Revisionismo; O Estado e a Revolução e Teses de Abril**, entre outros.

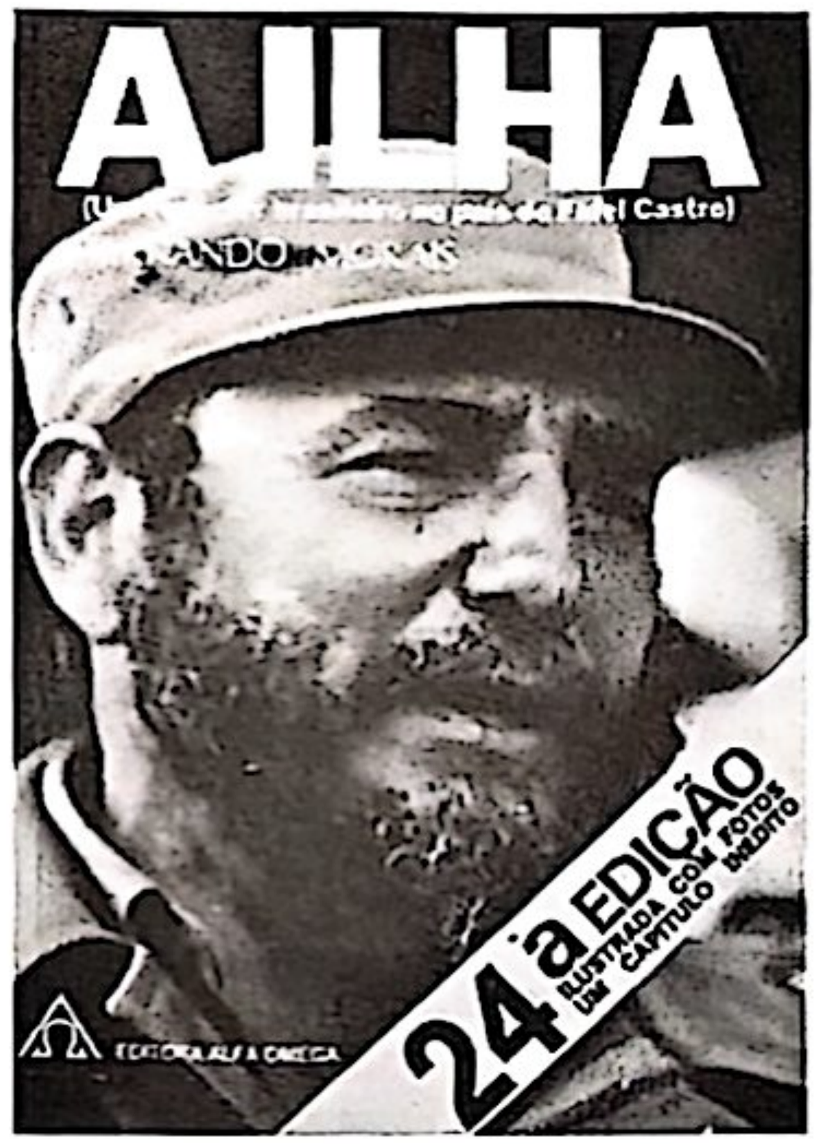
Tradução do Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou anexo ao Comitê Central do PCUS.

Edição ilustrada.

CUBA VISTA POR NÓS E POR ELES

A ILHA
Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro

Polêmico, com 160.000 exemplares vendidos, este livro leva o seguinte comentário de Antonio Callado: "Todas as orações, no que se escreve sobre Cuba, têm cláusulas restritivas, a favor ou contra. Tudo o que se diz da ilha, de bem ou de mal, parece vir com fundo falso, feito mala de contrabandista. Perde-se de tal forma contato com a simplicidade que esta, quando exemplarmente usada como neste livro, fica insólita. A reportagem de Fernando Morais é cristalina. Um diário. Um olho de câmara de cinema aberto sobre um tema".



208 pp.

112 pp.

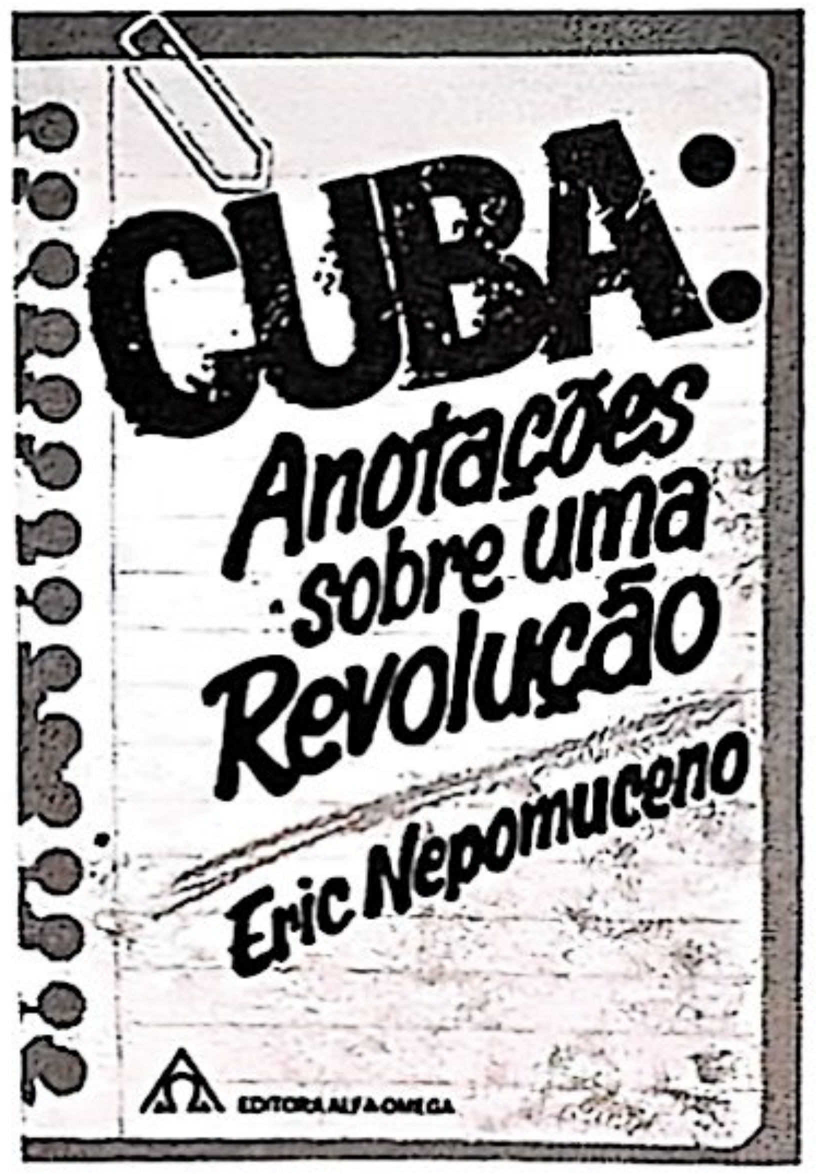
A HISTÓRIA ME ABSOLVERÁ

O discurso de defesa de Fidel ante o tribunal de exceção do governo de Fulgêncio Batista, por ocasião do simulacro de julgamento a que foi submetido pela ditadura cubana por ter comandado o assalto ao Quartel Moncada em 26 de Julho de 1953. Não se trata — o próprio Fidel reconhece — de um texto de literatura revolucionária marxista. É entretanto, uma vibrante defesa da democracia, uma denúncia contundente da violência policial, da corrupção governamental, do desprezo à lei e à vida humana.

CUBA: ANOTAÇÕES SOBRE UMA REVOLUÇÃO

Anotações sobre Cuba e sua revolução. Sua heróica sobrevivência durante 20 anos, enfrentando dificuldades de um país de poucos recursos econômicos — arrasado por Fulgêncio Batista — e o embargo imposto pelos americanos, vencendo-os através de sua determinação.

Não são crônicas sobre uma Ilha paradisíaca, mas o relato vivo de um povo em luta.



176 pp.

SOCIALISMO & DEMOCRACIA

1 — *JAN/MAR-84: Ponto de Partida* ● *O Caso Lyssenko* — Paul Mazliak e Gerard Bras ● *Uma questão de consciência revolucionária* — Jacob Bazarian ● *A anti-ecologia necessária* — Gildo Magalhães ● *Sindicalismo na Grande São Paulo* — Marcelo Grodin ● *Uma nova etapa: a CCT* — Paulo de Tarso Venceslau ● *Um ponto de vista sobre a URSS* — Sílvio Manoug Kaloustian ● *Brasil, socialismo e democracia* — Alberto Arruda Miranda ● *Fome: alguns dados básicos* — Ladislau Dowbor ● *Entrevista com Luiz Carlos Prestes* — Uriel Mikowski ● *O Brasil no país dos franceses* — Daniel Fresnot.

2 — *ABR/JUN-84: Cartas dos Leitores* ● *O que é o complexo industrial* — Victor Perlo ● *Bancos: o exemplo do México* — Daniel Fresnot ● *Cristianismo e socialismo* — Frei Betto ● *Reivindicações sociais dos metalúrgicos* — Márcia de Paula Leite ● *Documento do Fórum Sindical* ● *Eleições diretas "Quae Sera Tamen"* — Paulo Cannabrava Filho ● *A missão dos dissidentes* — Jacob Bazarian ● *As armas nucleares no Brasil* — Luís Carlos de Menezes ● *Entrevista com Luiz Inácio Lula da Silva* — Daniel Fresnot ● *Ficção científica soviética e norte-americana* — Raul Fiker.

3 — *JUL/SET-84: Ponto de Partida* ● *Cartas dos Leitores* ● *A Comuna de Paris* — Daniel Fresnot ● *Os Últimos Anos de Bukhárin* — João da Penha ● *Por uma democracia socialista* — Jacob Bazarian ● *Habitação: uma questão escamoteada* — Ricardo Stumpf Alves de Souza ● *O Trotskismo no Brasil* — João Machado Borges Neto ● *Manipulação ideológica da ciência* — João Zanetic ● *Ideologia e Psicanálise* — Bernard *Muldworf* ● *O balanço* — Jean Ferrat ● *Entrevista com Ulysses Guimarães* — Daniel Fresnot ● *Cinema independente no Brasil* — Renato Tapajós.

4 — *OUT/DEZ-84: Cartas dos Leitores* ● *Ponto de Partida* ● *A Democracia como Valor Universal* — João da Penha ● *Solidariedade: um Povo em Luta* — Sílvio Kaloustian/Wagner Cardoso ● *Socialismo, Democracia e Gestão do Trabalho* — José Henrique de Faria ● *O Brasil Precisa de Filosofia* — Jacob Bazarian ● *Metalúrgicos: Eleições Sindicais* — Paulo de Tarso Venceslau ● *Marx e a Educação* — Moacir Gadotti ● *A Propósito da Dialética* — V. I. Lênin ● *As Duas Faces da Igreja* — Paulo Cannabrava Filho ● *Entrevista com Tómas Borges, Ministro do Interior da Nicarágua* — Frei Beto ● *O Encontro da Internacional Socialista no Rio* — José Fucs.

5 — *JAN/MAR-85: Ponto de Partida* ● *Carta dos Leitores* ● *Quem tem razão: Ratzinger ou Boff?* — Jacob Bazarian ● *O complexo militar-industrial e a essência agressiva do imperialismo* — Carlos Goñiz Alonso ● *Panorama atual das esquerdas no Brasil* — Orlando Farias ● *O partido comunista e a conjuntura atual* — Eliezer Pacheco ● *Entrevista com Giocondo Dias — Secretário-Geral do PCB* — José Fucs ● *Quatro visões sobre a internacional socialista* — Orlando Farias ● *Um profeta mal intencionado* — José Lucas ● *Notas* ● *Glossário de socialismo.*

6 — *ABR/JUN-85 : Cartas dos leitores* ● *Ponto de partida* ● *Nota do editor* ● *Por uma aliança das esquerdas* — Jacob Bazarian ● *A Grécia e a 3.ª via para o socialismo* — Ilías Katsulis ● *Entrevista com Armenio Guedes* — José Fucs ● *URSS — rei morto, rei posto* — Wagner Cardoso ● *Guerra econômica contra países em vias de desenvolvimento* — Karl Friedrich Boetzel ● *Como não se deve escrever uma resenha* — Erick Kalwa ● *Notas* ● *Glossário de socialismo.*

7 — *JUL/SET-85: Ponto de partida* ● *Carta dos leitores* ● *Nota do editor Em busca da verdade e da justiça social* — Jacob Bazarian ● *Debate: opiniões sobre a aliança das esquerdas* — Heitor Ferreira Lima/José Genoíno Neto, João Machado Borges Neto/Antônio Carlos Rocha ● *O Congresso Brasileiro de Escritores* ● *Entrevista com Fábio Lucas Pres. UBE e INL* — Orlando Farias ● *O armamento dos EUA no espaço cósmico* — Karl Friedrich Boetzel ● *Desafio à consciência mundial: impedir uma guerra nas estrelas* — Barão Manfred Von Ardenne ● *Glossário de socialsimo.*

8 — *OUT/DEZ-85: Ponto de Partida* ● *Debate sobre a aliança das esquerdas* ● *Debate continua: opiniões sobre aliança das esquerdas* — Rogê Ferreira/Davi Capistrano Filho/Dynéas Fernandes de Aguiar/Frei Beto ● *A missão libertadora da Filosofia* — Jacob Bazarian ● *Modelos de política cultural* — Branko Prnjat ● *Albânia: a fortaleza do socialismo* — Wagner Cardoso ● *Alimentação de povos subdesenvolvidos e alimentação de povos desenvolvidos* — F. Pompêo do Amaral.

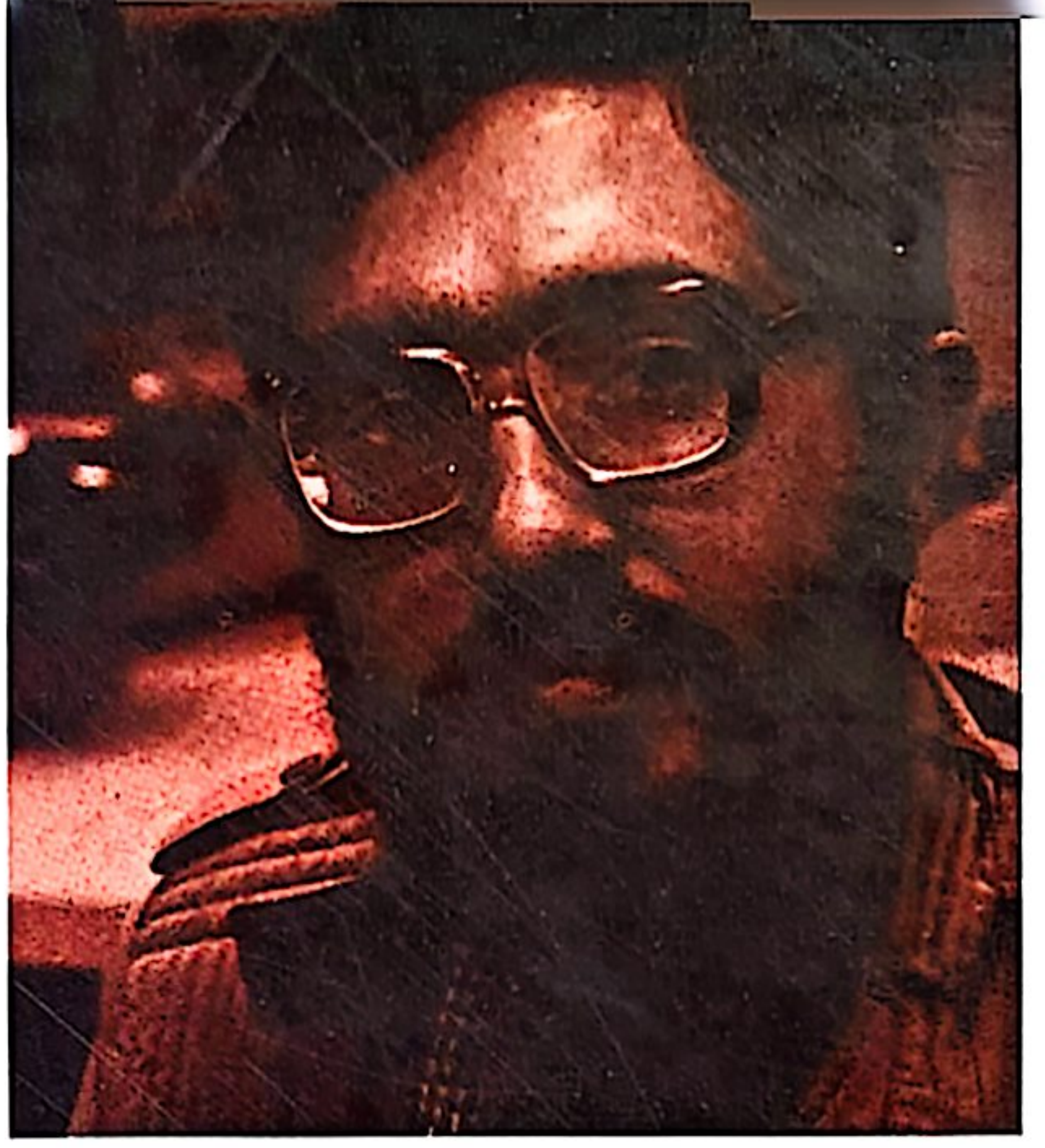
LENDO

SOCIALISMO & DEMOCRACIA

VOCÊ FICARÁ A PAR DO QUE SEJA UM VERDADEIRO SOCIALISMO DEMOCRÁTICO OU DEMOCRACIA SOCIALISTA, SUAS BASES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ECONÔMICAS E PODERÁ FORMAR UMA IDÉIA DE QUE TIPO DE SOCIALISMO O BRASIL PRECISA.

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL OU ASSINATURAS À

EDITORA ALFA-OMEGA
05413 - Rua Lisboa, 500
(011) 852-6400
São Paulo



O SOCIALISMO NA TERRA DE MARX
RDA HOJE
IVAN GODOY

Este é mais que um livro-reportagem: é um relato vivo, uma radiografia de corpo inteiro da experiência socialista na RDA. Seu autor, o jornalista Ivan Godoy, domina com habilidade a técnica de transmitir de maneira objetiva e clara aquilo que vê, concitando o leitor a participar da sua experiência, monopolizando sua atenção da primeira à última página do seu trabalho.
Nesta obra o leitor decortinará um panorama verdadeiro e palpável da realidade socialista na RDA, analisada sob diversos prismas:

■ *Política externa e interna. Tensão internacional, os esforços diplomáticos, a questão pacifista, o desarmamento. O muro de Berlim. Distensão entre Bonn e Berlim. Negociação política da dívida externa do Terceiro Mundo. Organização política: a Câmara do Povo, eleições, partidos, sindicatos. Participação ativa do jovem e da mulher. Socialismo: a formação da nova mentalidade.*

■ *O dia-a-dia de um operário de fábrica. Visita a um grande complexo industrial. Autogestão da empresa. O papel dos sindicatos e associações de trabalhadores. Emprego para todos. Viagens de férias subsidiadas pela empresa.*

■ *Lembranças da guerra: a imagem da destruição e o esforço da reconstrução. Dresden devastada por bombas incendiárias. Os crimes de Sachsenhausen: visão dramática do campo de concentração.*

■ *O renascimento alemão: arquitetura antiga e moderna. Urbanização. Cultura na RDA: visitas aos museus de Pérgamo, da História Alemã, à Universidade de Humboldt, ao Zwinger e galerias de arte. Música, literatura, teatro e o legado de Bertolt Brecht.*

■ *Sexo e casamento na RDA. Estímulos para o aumento da natalidade. O aborto e os direitos da mulher. Educação e assistência médica gratuitas. Universidade sem vestibular. Jeans, punks e rock nas ruas de Berlim Oriental.*

Com mais este lançamento, a Editora Alfa-Omega dá seqüência ao trabalho que se propôs realizar, de conduzir seus leitores numa viagem panorâmica, informativa e esclarecedora, sem preconceitos, pelos países que optaram pelo caminho do Socialismo.

Autor nacional · Cultura brasileira